

ANGOLA

COSTA GOMES DIRIGE A DESCOLONIZAÇÃO

LUANDA, 2 (R) — O almirante Rosa Coutinho, presidente da Junta Governativa de Angola, falou ontem à noite pela rádio à população para anunciar que o general Costa Gomes, novo Presidente da República, dirigirá pessoalmente as negociações com vista à futura independência de Angola, tal como o presidente cessante se propunha fazer. Alguns sectores da população branca receavam que as mudanças operadas em Lisboa se traduzissem numa aceleração do processo de descolonização.

O almirante Rosa Coutinho disse ainda que, em face da reacção calma da população angolana aos últimos acontecimentos, tinha decidido levantar novamente a censura à imprensa imposta no dia anterior.

A terminar o seu discurso, Rosa Coutinho dirigiu um apelo a toda a população para que trabalhe em paz e fraternidade, na construção do futuro de Angola.

Foram ontem multados pela comissão de censura da Junta Governativa três jornais angolanos — «Provincia de Angola», o quotidiano de maior expansão no território, «O Comércio», outro diário luandense, e a revista semanal «Notícia». Os três foram registados a uma pretensa inobservância de oficiais portugueses declarando que só os movimentos africanos de libertação deviam ser reconhecidos como representantes do povo angolano.

O presidente da Junta, almirante Rosa Coutinho, desmentiu

ra a notícia da moção como sendo falsa e como interpretação errada da reunião realizada em 20 de Setembro em Luanda com a participação de 500 oficiais.

Ambos os diários reproduziram as cartas em que a Junta anuncia a imposição da censura introduzida uma hora depois do discurso de renúncia do general Spínola, bem como as cartas de notificação das multas.

O discurso do general Spínola não foi publicado, nem sequer resumido, nas edições de hoje.

M.P.L.A. MANTÉM AS TRÉGUAS

Entretanto, segundo notícia de Dar-Es-Salaam, o Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.) decidiu, em vista da demissão do presidente Spínola, cancelar os seus planos para a reabertura das actividades militares naquela território após uma trégua de quatro meses — declarou hoje o seu presidente, dr. Agostinho Neto.

«A renúncia de Spínola é o sinal de que Portugal continua a ser uma democracia, na linha

do Movimento das Forças Armadas que domina a situação» — salientou.

O dirigente angolano acrescentou: «Em Angola, o general Spínola estava a fazer um jogo muito perigoso, cultivando e escutando fantoches e dirigentes de partidos políticos que não representam o povo».

Acusou o general de apoiar activamente os grupos de colonos portugueses em Angola e de estar disposto a aceitar ali um Governo minoritário.

O dr. Neto afirmou, por outro lado, que soldados sul-africanos estão a treinar angolanos brancos em três campos recen-

Continua na pág. 18



Milhares de trabalhadores estiveram ontem à noite, no Campo Pequeno, participando na comemoração do 4.º aniversário da Intersindical. Diversos oradores sublinharam a importância da jornada nacional de trabalho do próximo domingo, aspecto focado também na mensagem do Primeiro-Ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves. (Ler na pág. 24).

NENHUMA ANORMALIDADE NO FUNCIONAMENTO BANCÁRIO

Em ocasiões de crise o movimento bancário é um dos melhores indicadores para avaliar a gravidade da situação. Mostra de forma bastante exacta as inquietações da grande massa do povo e as intenções do grande capital.

Pois também neste aspecto se evidencia que as profecias de caos económico não têm qualquer fundamento. Verificou-se uma tranquilidade no movimento bancário que só pode ser interpretada como confiança absoluta do País nos homens que fizeram o 25 de Abril e permanecem fiéis ao rigoro-

so cumprimento do seu Programa.

Uma investigação acerca da forma como a banca funcionou nos dois últimos dias, ou seja nos primeiros dias após a crise, permite chegar à conclusão de que não houve movimento anormal de capitais, nem qualquer corrida aos depósitos. Demonstração da confiança no Governo, é também a prova concreta de que a tranquilidade nunca esteve ausente dos espíritos, apesar do estado de alerta e de vigilância que vivemos no último fim-de-semana.

Houve apenas um local na área de Lisboa, segundo apurámos, onde um funcionário da banca, altamente colocado, tentou aconselhar os clientes a fazerem o levantamento dos seus depósitos. Embora não nos tivesse sido revelada a sua identidade, sabe-se que a manobra não surtiu efeito. Ninguém ligou importância ao seu alarmismo.

Numa observação global à reacção dos depositantes e clientes dos bancos, funcionários bancários mais directamente ligados às relações com o público disseram-nos que os contactos aos balcões mostravam que havia alívio e satisfação pelas soluções encontradas para a resolução da crise política. Esse alívio era partilhado pelos próprios trabalhadores bancários, cuja vigilância, embora com absoluto respeito pela ética profissional, se mantém rigorosa.

AS CONTAS CONGELADAS

Por ordem da Secretaria de Estado do Tesouro, os bancos procederam ao congelamento das contas dos fascistas presos. Foi igualmente determina-

do que os bancos procedessem à identificação dos levantamentos efectuados das contas desses indivíduos a partir de 23 de Setembro.

A Secretaria de Estado do Tesouro lembrou também aos bancos o cumprimento de uma circular de 29 de Maio último, da Inspeção-Geral de Crédito e Seguros, determinando que os levantamentos em numerário de importância superior a 250 contos fiquem sujeitos a uma observação especial por parte das instituições de crédito onde essas contas

se encontrem abertas no sentido de serem detectados movimentos que possam ser considerados susceptíveis de perturbar ou tender a perturbar o normal funcionamento do sistema bancário, casos em que devem ser identificados os beneficiários e dado conhecimento àquela inspecção.

AS CONTAS CONGELADAS

Além da via oficial, as contas dos fascistas presos pelo M. F. A. estão sob vigilância

Continua na pág. 18

2.ª EDIÇÃO

CHINA: 25 ANOS

Assinalando o 25.º aniversário da República Popular da China, publicamos hoje, na pág. 18, uma síntese dos acontecimentos que marcaram a caminhada do povo chinês para a edificação da sua grande pátria socialista. A foto ao lado é uma das poucas existentes em que se vê Mao Tsé-Tung durante a epopeia da Grande Marcha. Encontra-se exposta no Museu de Yenan.



Eleições prematuras prováveis em Itália

ROMA, 2 — (R.) — Uma crise política poderá levar a Itália a realizar eleições gerais prematuras, precisamente no momento em que mais precisa de estabilidade para resolver os seus graves problemas económicos.

A crise tornou-se pública ontem à noite quando Mario Tanassi, presidente do Partido Social Democrata — um dos três que fazem parte da coligação governamental — desencadeou violento ataque contra os socialistas.

Tanassi, que ocupa a pasta das Finanças, acusou os socialistas de sabotarem a coligação, tornando impossível a sua continuação.

«Os socialistas destruíram a coligação centro-esquerda com as suas posições sistematicamente ambíguas e contraditórias. Com os socialistas não existe um Governo eficiente, sem eles não existe uma maio-

ria parlamentar eficiente», disse Tanassi, acrescentando que a única solução era dissolver o actual Parlamento e realizar eleições gerais.

O dirigente social democrata acusou os socialistas de estarem interessados numa aliança com os comunistas e em desviar para a esquerda a coligação.

Numa primeira reacção a este ataque, o vice-secretário do Partido Socialista, Giovanni Mosca, salientou que Tanassi estava a tentar precipitar uma crise, em vez de contribuir para a solução.

Alguns observadores pensam que a situação ainda pode alterar-se, uma vez que o Partido Social Democrata não tomou uma decisão final quanto à sua saída da coligação. Tanassi disse que a decisão será tomada na próxima terça-feira, durante uma reunião da Comissão Central.

NACIONAL

ALGUMAS PERGUNTAS

A mais grave ameaça feita ao processo de democratização do País, a mais sinistra tentativa de destruir o Movimento das Forças Armadas e o seu Programa e de manifestar simultaneamente as organizações democráticas e populares foram anuladas. Como se sabe. Pelas Forças Armadas e pelo povo.

Mas os meandros da conspiração estão ainda por clarificar inteiramente.

Que elos ligavam os diversos sectores da reacção?

Se a projectada manifestação era apoiada com enormes meios financeiros, que a financiava?

Se os projectados tumultos e assassinios implicavam o uso de grande quantidade de armas, quem as forneceu?

Se o projectado estabelecimento do estado de sítio implicava a dissolução do Governo Provisório, quem assumiria o Poder? E com que fim?

Se estes e outros planos maquiavélicos eram conhecidos, qual o papel de certas figuras responsáveis na conjura?

Há muitas mais perguntas a fazer. Mas o que sabemos de certeza certa é que o general Costa Gomes é o novo Presidente da República e que se regressou à pureza do 25 de Abril. Mas com mais euforia democrática e com maior certeza nos destinos de Portugal.

MANUEL DE AZEVEDO

COMANDANTE MONTÊS:

Há muita gente interessada em agitar o fantasma do caos económico

Embora não sejam ainda conhecidas as personalidades que integram a comissão das comemorações do 5 de Outubro, o coronel Varela Gomes já trabalha na elaboração do respectivo programa.

Esta informação foi dada pelo comandante Carlos Montês, em mais uma conferência de Imprensa realizada no Palácio Foz.

Muita gente com curiosidade — o que é natural — entre a qual numerosos jornalistas estrangeiros que aqui acorreram motivados pelos últimos acontecimentos políticos.

Grande parte das questões já haviam, afinal, sido respondidas na noite anterior pelo Primeiro-Ministro. Desta vez, os esclarecimentos dados pelo comandante Carlos Montês satisfizeram — ou não — mais os jornalistas estrangeiros, afinal preocupados com pormenores «excitantes» e especulações acessórias. Um deles, por exemplo, perguntou o que pensava o director-geral da «manifestação comunista» de anteontem. Que responder a isto?

Questões sobre o funcionamento da orgânica do M.F.A. e nomes dos membros do seu «comité» mereceram comentários do comandante Montês: Os homens do 25 de Abril não têm interesse em sair de um re-

lativo anonimato. Não querem louros especiais. Mas, que diabo, o M.F.A. não é propriamente uma associação secreta.

Quanto à permanência e ambições do Movimento:

— Em primeiro lugar, parece não fazer sentido que se faça um filho e o mesmo não seja acompanhado pelo progenitor, ao menos durante o primeiro ano de vida. Então o M.F.A. fazia a revolução de madrugada e abandonava-a ao nascer do dia?

Para satisfazer outras perguntas de pormenor, relacionadas com a existência de «quorum», da J.S.N. que elegeu o Presidente da República, o comandante Cortês informou, e teve de repetir mais tarde, que o almirante Rosa Coutinho votou de Angola, directamente. Não se sabe — disse também — quais os nomes para substituir naquele órgão de soberania os dos generais Galvão de Melo, Diogo Neto e Jaime Silvério Marques.

Outras questões e respostas: os responsáveis da manifestação da «silenciosa» serão, necessariamente, os mais conhecidos e activos militantes da antidemocracia no antigo regime; os métodos seguidos no processo de descolonização de Angola, terão de ser vistos de acordo com o programa traçado e fora de posições pessoais; pela sua

organização em grande estilo, os grupos de ultraportugueses devem ter ligações com organizações estrangeiras; se os representantes da ITT são ou não da CIA, como saber? Eles não trazem cartão de identidade...

Ainda a conspiração: os culpados irão a julgamento. As prisões devem continuar. Há que desmontar as ramificações da intonação. Não tenho a ingenuidade de pensar que as Forças Armadas prenderam todas as pessoas implicadas.

Um jornalista estrangeiro mostrou-se preocupado com a legalidade revolucionária. As revoluções — respondeu o comandante Montês — quando se fazem não têm decretos-leis a regulamentá-las. Só depois é que as novas leis são feitas.

Maioria silenciosa? Neste caso — afirmou o director-geral da Informação — a maioria silenciosa era uma minoria que pretendia fazer muito barulho.

Se a maioria silenciosa existe, é porque não quer falar...

Quanto às personalidades que saíram do Governo e da J.S.A., não parece haver lugar para processamentos judiciais. O seu afastamento deve-se a divergências de interpretação do Programa do Movimento das Forças Armadas.

A apreçoada crise económica motivou algumas perguntas de portugueses e estrangeiros. O comandante Montês respondeu especialmente a estes últimos: Se há crise económica em Portugal, ela vem de trás, como toda a gente sabe. A Imprensa estrangeira, contudo, está agora muito mais preocupada com o problema, quando, antes do 25 de Abril, tudo parecia correr, para ela, sobre esferas. A verdade é que existem muitas forças interessadas, cá dentro e lá fora, em fazer crer que este país caminha para o caos económico.

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

Um espectáculo de
RAUL SOLNADO
3.ª, 4.ª, 5.ª, 6.ª às 21.45
2.ª DESCANSO

Sáb. 2 sessões
às 21 h. e 23 h.
Dom., matineia
às 16 h.
e sessão
às 21.45

LIBERDADE
LIBERDADE

De Luis Francisco Rebelo e
Helder Costa, baseado no roteiro do espectáculo de Millôr
Fernandes e Flávio Rangel

• **JOSÉ MÁRIO BRANCO**
• **CÉU GUERRA**
• **JOÃO PERRY**

Música: José Mário Branco / Fausto

(Não aconselhável a menores de 13 anos)

50 % desconto a sindicalizados, Forças Armadas e estudantes; a partir de 1 hora antes do espectáculo

MONUMENTAL

Telef. 555133

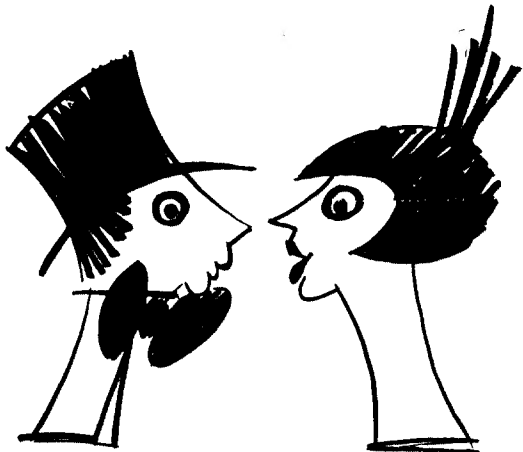
VASCO MORGADO
APRESENTA
HOJE 2 SESSÕES
As 20.45 e 23 horas
Um **SUSEXO** em Lisboa
O ÚLTIMO FADO
EM LISBOA

Com **BADARÓ**
Alina Vaz, David Silva,
Carlos Queiroz, Cristina
Cassola, Nuno Emanuel,
Ana Le Matre e ainda
SIMONE DE OLIVEIRA
Ballet de Fernando Reina
Colaboração da Estrela
Internacional
VIOLETA MONTENEGRO
El Amerindio/Barry
Burgess

O corpo sem censura de
POUPÉE LA ROSE
Vedeta do Crazy Horse
Saloon de Paris
O show russo de
VAHÉ DJERRAHIAN
em danças e cantares da
URSS
HUMOR, LINDAS MULHERES
E MÚSICA NUM
SEXERCÍCIO TEATRAL
(Interdito a menores de
18 anos)

Domingos: «matinéas»
às 16 h.; 2.ª Feira: Des-
canso da Companhia.

PAULO-GUILHERME
apresenta
CABARETÍSSIMO
um espectáculo
de **MUSIC-HALL**



pc.touros, pórtico 11
cáscais. telf. 283750

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

O ESPECTÁCULO COMEÇA AS 23.30 HORAS

EM VIRTUDE DO ÊXITO OBTIDO, ESTE
SHOW CONTINUA POR PRAZO INDETERMINADO

DIA 5

TRAVÃO À REACÇÃO

As Comissões Administrativas das Freguesias e Centros Republicanos, colaborando com a Câmara Municipal de Lisboa, vão promover as comemorações do 5 de Outubro, que depois de 48 anos de fascismo vão finalmente poder ser uma verdadeira festa popular.

Convida-se desde já toda a população de Lisboa a estar presente, recordan-

do que neste dia, em 1910, se deu um passo em frente, pela liberdade e democracia que viriam a ser roubadas 16 anos mais tarde.

Sábado, dia 5, saibamos afirmar o nosso desejo de consolidar o 25 de Abril e cortar definitivamente o caminho à reacção como o fizemos com tanta determinação e unidade no último fim-de-semana.



Grupo A — Maiores de 6 anos

FEIRA ANUAL 6 A 10 DE OUTUBRO-74

Domingo, 6
As 4 da tarde
8 — TOIROS — 8
Rio Frio, 4
Oliveiras, Irmãos, 4
MESTRE BATISTA
ALFREDO CONDE
JOSÉ JÚLIO
MÁRIO COELHO

Forcados de Vila Franca

Terça-feira, 8
As 10 da noite
8 — TOIROS — 8
Oliveiras, Irmãos
DAVID R. TELLES
MESTRE BATISTA
JOSÉ FUENTES
SANTIAGO LOPEZ

Forcados de Santarém

QUINTA-FEIRA, 10 AS 10 DA NOITE
GRANDE NOVILHADA DE OPORTUNIDADE
AOS NOVOS

ESPERAS DE TOIROS TODOS OS DIAS DA FEIRA
AS 10 HORAS DA MANHÃ



CALÇADA DO CARRICHE
LOTE 45

LISBOA T. 795051

EMENTA SEMANAL

Domingo Cozido à Portuguesa

Segunda-feira Filetes à Regional

Encerrado à Terça-feira para descanso

Salas próprias para Banquetes, para 300 pessoas

Quarta-feira Cabrito recheado à Dom Jaime

Quinta-feira Feijoada à Transmontana

Sexta-feira Bacalhau à Dom Jaime

Sábado Caril de marisco

Todos os dias — Coelho à Dom Jaime

— AR CONDICIONADO —

J SILVA FALCÃO

A ACTIVIDADE SEGURADORA EM 1973

Durante o ano de 1973 exerceram em Portugal a actividade de seguro directo 37 companhias nacionais, 4 mútuas, todas ligadas às pescas e 31 companhias estrangeiras. Exerceram a actividade de resseguradoras 5 companhias todas nacionais. Há quem considere excessivo o número de companhias existentes no País e há quem não concorde com essa ideia. Em breve nos ocuparemos desta matéria através da comparação com outros países.

O volume de prémios, aquele que exprime a produção do sector segurador, foi de 7 398 mil contos e de to ao seguro directo é de 1281 mil contos quanto ao resseguro aceite.

Houve assim, no seguro directo uma produção média por seguradora de 103 mil contos.

É muito diferenciada a produção das companhias nacionais e das estrangeiras, como se constava pela distribuição dos referidos: 7398 mil contos, por: companhias nacionais — 6414; mútuas — 223 e companhias estrangeiras — 761. Tem-se assim para a produção de seguro directo das companhias nacionais a média por companhia de 173 mil contos. Verifica-se porém que algumas companhias ultrapassam largamente essa média, atingindo uma companhia a produção de 1150 mil contos, seguida por duas na ordem dos 600 mil contos (663 e 615), duas na ordem dos 300 mil contos (320 e 305) e duas na ordem dos 200 mil contos (240 e 203). Acima dos 100 mil contos mais 18 companhias nacionais, situando-se a este nível apenas uma mútua e uma companhia estrangeira.

A produção de 7398 do seguro directo distribui-se por ramos como segue: Automóveis — 2096; Acidentes de trabalho — 1836; Vida — 1276; Incêndio — 896; Marítimo — 627; Diversos — 284; Acidentes pessoais — 197; Aéreo — 104; Transportes — 56 e Agrícolas — 25. Não cria perspectivas risonhas a primazia de «Automóveis» e «Acidentes de trabalho», principalmente os ramos de menor rentabilidade, se é que são mesmo rentáveis. Abordaremos furamente este tema.

Quanto aos prémios de resseguro aceite distribuíram-se por: companhias nacionais — 1252 mil contos; companhias estrangeiras — 29. Cerca de 70 por cento da produção de resseguro aceite coube a três grupos de companhias (como se sabe, verifica-se no mercado segurador português a tendência para a concentração de empresas).

Por ramos a discriminação do montante dos 1281 mil contos de prémios de resseguro é a seguinte: Marítima — 483; Incêndio — 433; Aéreo — 120; Diversos — 53; Vida — 47; Automóveis — 45; Acidentes pessoais — 37; Acidentes de trabalho — 26; Agrícola — 20 e Transportes — 17.

Foi de 3633 mil contos o valor das indemnizações relativas a seguros directos, com uma empresa a contribuir com 83 mil contos, duas na casa dos 300 mil contos (356 e 308), uma de

201 contos e duas ainda acima dos 100 mil contos (142 e 118).

Por ramos os valores das indemnizações são em milhares de contos: Automóveis — 1520; Acidentes de Trabalho — 745; Marítimo — 416; Incêndio — 352; Vida — 349; Diversos — 125; Acidentes Pessoais — 82; Transportes — 24; Aéreo — 10 e Agrícola — 10.

O montante das indemnizações por resseguros aceites foi de 1111 mil contos, quase todos a cargo dos referidos grupos de seguradoras.

Não possui significado a comparação global entre totais de prémios e de indemnizações. Interessa sim uma comparação ramo por ramo, mas esta comparação implica que se considere também o agravamento (se o houver) de reservas técnicas.

Tornar-se-ia exaustiva a análise dessas comparações, ramo por ramo. Refere-se apenas que a relação «Indemnização de Acidentes de Trabalho, Aumento de Reservas Matemáticas» «Prémios de Seguros Directos» foi de 60,80 por cento e que a relação «Indemnização de Automóveis, Aumento de Reservas de Garantia». Prémios de Seguros Directos foi de 79,02 por cento.

Se se considerar que nos numeradores das relações indicadas não figuram custos de exploração desses ramos, como as imputáveis «despesas gerais», conclui-se que não são famosas as condições de exploração dos ramos «Acidentes de Trabalho» e «Automóveis».

No entanto, no total da exploração verificou-se a rentabilidade, em função dos prémios de seguros directos, de 6,47 por cento.

Houve porém três companhias nacionais que sofreram prejuízos. Os maiores lucros averbados nas companhias nacionais foram em milhares de contos: 130, 55, 47, 38, 25, 23, 14, 11 e 10. As duas primeiras citadas, mais a sétima, pertencem a um mesmo grupo. Como total de lucros das companhias nacionais foi de 487 mil contos, a esse grupo coube 42,8 por cento dos lucros totais.

As mútuas apresentam todas lucros, com um total de 20 mil contos, e destinos diversos tiveram as companhias estrangeiras: 16 sofreram prejuízos e 15 beneficiaram de lucros. O total de prejuízos cifrou-se em 50 mil contos e o total de lucros situou-se nos 33 mil contos. Conclusão: balanço negativo nas companhias estrangeiras que laboram no mercado segurador português, algumas das quais não representam, na realidade, um mínimo de expressão.

Para além do crescimento das reservas técnicas, cujo rendimento, para a totalidade, foi de 3,62 por cento, vale a pena referir que há quatro companhias cuja «situação líquida activa» que engloba «capital», «fundo de reserva legal» e «fundo de reservas livres» atinge valores acima dos 100 mil contos. Uma com o capital de 230 mil contos, 21 de reserva legal e 117 de reser-

Continua na pág. 11

JORGE LISTOPAD

AEROGRAMAS DA SURDO-MUDEZ

Alguns canais da televisão, depois do noticiário, apresentam a síntese destinada aos surdo-mudos por um «locutor», geralmente uma «locutora», também surda-muda. Quem não conhece o código e se não ouvir o noticiário antecedente fica na mesma. Não percebe. Onde quero eu chegar? Se se ainda pode compreender a situação do teatro americano, localizado e apesar de todas as inovações, codificado por *label* de Broadway, perde-se o pé perante outro teatro, em New York, fora dele. O neófito está numa situação semelhante àquele que *ouve* o noticiário dos surdos-mudos; não conhece o código, a linguagem exacta.

Como se percebe que uma *estrela* de ópera americana se faça num teatro de estilo rococó local, construído há um século, a 200 km de New York e a 300 km de Boston, na margem abandonado no rio? Estão a ver esta maravilha arquitectónica, *Goodspeed Opera House*, toda branca, com fundo de noite, recortada pelo rio, sem vitalma? À estreia, chegaram de New York de barcos e de iates os gricutores e famílias numerosas em espadas, os professores liberais em Vols-wagen e eu, misturado, sem saber quem subsidia essas loucuras mansas e um tanto surrealistas. Finalmente, a anunciada ópera era apenas uma opereta, toda convencional e patriótica sobre o herói tradicional Shennandoah, com encenação de sinal contrário, moderna e irónica.

Como se percebe, que no Greenwich Village, e nos outros teatros da vanguarda, estejam a voltar, parece a sério, a *textos*, teatrais e literários (Joyce, *Moby Dick* de Melville), en-

quanto deixaram a Broadway os *clichés* da vanguarda de ontem.

Como se percebe que os grupos mais vinculados à expressão moderna de teatro americano andem pelas Europas, e Ásias, meses e anos, às vezes sem deixar os traços...

O que se percebe um pouco mais facilmente é o *teatro estudantil* e o *teatro nas Universidades*. Com efeito, são duas coisas diferentes: Um exemplo: na Yale University, onde estou agora com o seminário, os *estudantes de teatro* são como os do Conservatório a nível universitário; além de várias teóricas e práticas das quais fazem o bacharelato (três anos) e, se não estou em erro, também o doutoramento, pois esses estudantes vão preparar um espectáculo (uma tragédia grega) com o encenador convidado que é, este ano, o famoso realizador polaco Andrzej Wajda. Encenador rigoroso que acompanha o seu trabalho com a *pedagogia*.

Os outros estudantes de Yale, de Letras sobretudo, mas também de Física, de Engenharia e que sei eu recusam o direito de fazerem teatro dos estudantes dessa matéria. O *teatro* é, e sempre foi de todos, cito do manifesto deles. Então, estão a preparar um outro espectáculo. O texto ainda não existe, se existir: parece que se faz por si, durante os ensaios, que são quatro vezes por semana, de 7-11 da noite para estreiar em Novembro. O que se sabe é o título: «O idiota do Karamazov». Ainda se sabe que se trata de um encontro dramático entre as «Três Irmãs» de Tchekov e os (três) «Irmãos Karamazov» de Dostoiévsky.

Esta emulação de dois espectáculos, de dois métodos, de duas visões relativas à função de teatro (o teatro é de profissionais — ou futuros profissionais — ou de todos e para ser feito por todos?) pode dar talvez algum resultado positivo; por exemplo, Koppit, o autor de «Pobre Papá etc...», feito na Casa da Comédia, nasceu para ser dramaturgo, duma brincadeira sua com os estudantes; depois retomada e retocada pelos estudantes e professores teatrais, surgiu o texto que vimos em Lisboa.

Há cerca de 250 universidades americanas e a maioria ensina teatro. Algumas mais, outras marginalmente. Na universidade, que também visitei, em State College na Pensilvânia, no meio da Natureza, ainda natural, numa digamos, vila, que vive de 35 000 estudantes, encontrei uma faculdade de teatro extremamente completa. Falei com o decano do ensino artístico (música, bailado, arquitectura, pintura), Mr. Walters, que me ofereceu um péssimo café e boas informações, e discuti com o director da secção de teatro, Mr. Cook, vivo, falador, contemporizador. Autorização de assistir aos ensaios e participar de qualquer maneira nas aulas foi a primeira oferta. Vi então um ensaio, num dos quatro teatros disponíveis dentro da Universidade (um mais ou menos como o cinema Tivoli, outro semelhante ao Villaret; os mais simpáticos eram os últimos, um parecido com a sala da Comuna na Cervejaria, mas bem apetrechada, e o quarto de arquitectura móvel pronto para todas as aventuras), assisti nas aulas de desinibição para os principiantes, com muita psico-

logia pelo meio, e com as basezinhas para boa respiração; o tempo foi escasso para ver mais. O relatório deste ano escolar: «Gaivota» de Tchekov, Cocteau e Apollinaire num espectáculo de conjunto, e «Lemon Sky» de L. Wilson, americano agora muito apreciado. Cada um dos espectáculos apresentados tem a história assaz comprida: é precedido de uma proposta por escrito, condensada nas três páginas, onde se explica: porque, como, com quem, com quê. Discute-se essa proposta, disseca-se, e uma vez aceite (há normalmente vinte propostas para três, quatro, aceites), prepara-se durante o ano escolar anterior à realização. Dramaturgos apresentados pelos estudantes e professores, durante os últimos anos: B. Shaw, Wrozek, Schnitzler, Lorca (um professor de origem espanhola encontra-se dentro do elenco docente; há enfim, de tudo entre os 40 professores de teatro) Gorky, Cullen, Kafka (dramatização super simbólica), Ibsen, Ionesco do «Rei vai Morrer», etc. Cada professor propõe o seu método: a escolha é pois dos alunos. O que vi, todos os escravos desde Stanislavsky até Grotowsky, são alegremente naturalizados americanos. Quer dizer que os métodos estrangeiros estão fortemente assimilados.

O que acabo de contar são factos parciais, e mesmo assim, mal encaixados numa situação global. Gostava de compreender mais, mais profundamente, mas escapa-me talvez o *essencial* do teatro americano. Com a condição de o *essencial* existir, isto é, do teatro americano desenhar o rosto imaginário do seu tempo.

TOMAZ RIBAS

Admirável novo público do Teatro de S. Carlos

... Sem dúvida que o humor e a ironia — quem não o sabe? Só os «tristes» e os «por tudo e por nada sempre azedos» — são superiores e muito válidas formas de espírito. Acrescentarei, até, que me parecem ser ou poder ser claras e luminosas, muito salutares, formas de pensamento e, consequentemente, um excelente e muito directo meio de acção. E já que esta nota foi sugerida por um *suelto* sobre um acontecimento ocorrido num teatro, recordarei aqui que no velho aforismo que nos diz «ridendo caritigat morest» fizeram os latinos, seguindo os gregos, assentar um dos mais nobres, autênticos e saudáveis géneros dramáticos: a comédia; de resto, que o elemento jocoso, irónico ou humorístico, como veículo de crítica, é um poderoso elemento, um profundo sentimento humano e um ideal meio teatral demonstra-o o facto de, até mesmo em plena Idade Média, paralelamente à gravidade e solenidade dos dramas litúrgicos, mistérios, milagres e autos se desenvolveu o espectáculo alegre, risonho e leve dos sermões alegres, *soties* e farsas.

... Nós, portugueses, mais talhados para o sarcasmo e para a graça contundente (quando

não para a bujarda) do que para o humor (no sentido anglo-saxónico) e para a ironia (no sentido gaulês), bem sabemos a força que uma boa piada (por vezes, de fácil efeito) encerra e a acutilante arma em que se pode tornar qualquer dito espirituoso; o que, às vezes, esquecemos é que nem sempre uma boa piada ou um dito espirituoso são exemplos de meios de um superior e construtivo humor.

... Vem tudo isto a propósito de uma nota sobre os recentes espectáculos realizados pelos bailarinos russos do Teatro Bolchoi em S. Carlos, publicada no suplemento «A Mosca», precisamente um dos mais brilhantes locais onde, entre nós, se exerce com superior espírito e inteligência, de maneira bem salutar e positiva um verdadeiro e bem construtivo humorismo. Transcreve-se aqui na íntegra, já que não é extensa, a referida nota que, sob o título de «Vida Social», rezava assim: Foi bastante gozado o espectáculo do Bolchoi em S. Carlos (aliás, não foi um espectáculo mas quatro e mais três, realizados pelo mesmo teatro, no Coliseu). Claro que não era a maravilha do século, como já se sabia, mas o público é que foi bestial. Bateu pou-

cas palmas e não deu os históricos bravos que costuma dar a tudo. É que isto de comunistas ainda não entrou muito dentro daquela gente.

... Eis, quanto a mim — e posso dizê-lo porque sou admirador e leitor divertido e com prazer de «A Mosca» — um exemplo de humor português ou, se quiserem: de certo humor à portuguesa: fácil, imediato e pouco estribado na verdade.

... Sinto-me à vontade para falar deste assunto, ou melhor, deste caso, e assim, na medida em que se, por um lado, conheço profundamente bem, por ofício, o público (antes: os públicos) do S. Carlos e, desde há largos anos, também por ofício, acompanho as actividades daquele teatro, por outro lado, como já afirmei, sou um sincero fã do habitual excelente humor, tão salutar e construtivo, de «A Mosca», suplemento que considero como o herdeiro das famosas e bellissimas publicações e páginas humorísticas da Imprensa portuguesa do final do século passado e desaparecidas com o advento da ditadura fascista felizmente há pouco derrubada.

... Se acaso não erro, o Malta em questão visava criticar e ridicularizar certo público (tradicional até há pouco) do S. Car-

los. E tal público bem merece ser criticado e ridicularizado: pessoalmente nunca deixei de o fazer na minha actividade de crítico, o que me valeu ser várias vezes chamado à atenção por «gente muito bem» que me perguntava se seria legítimo e «elegante» um funcionário do S. Carlos referir-se em termos menos formais ao público do mesmo teatro (pobre gente que pensava que se-se pago para trabalhar significava ser-se pago para encobrir a verdade e lisonjear, e que confundia a posição do funcionário com a do crítico! — as respostas que dava a tais admoestações não vêm aqui, agora, a propósito referir).

... Mas voltando ao assunto. Quer parecer-me que, neste caso, a acutilante arma que o humor pode ser em vez de ter ferido aquele tal tradicional público do S. Carlos foi, precisamente e injustamente, ferir e ridicularizar um público jovem e novo, entusiasta, que se encontrava nos espectáculos dos bailarinos do Bolchoi e que era — apesar da ampla presença do apêgo público tradicional — constituído por jovens estudantes, trabalhadores e artistas que, mercê de uma inteligente medida de João de

Continua na pág. 19

ESPECTÁCULOS



NÃO
DEIXE O
SEU DINHEIRO
AO CANTO
DA GAVETA

Pô-lo no banco
é mais prudente.

Defende-se
a si próprio
e activa o
progresso
económico nacional.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

CINEMA

A escolha
da semana

Para Lisboa e Porto aqui ficam as nossas sucintas sugestões:

LISBOA:

1. O QUE NÃO DEVE PERDER:

— **A Noiva do Pirata**, de Nelly Kaplan (Estúdio Apolo 70)

— **Rafael, o Libertino**, de Michel Deville (Roma e Europa).

— **Uma Bela Rapariga**, de François Truffaut (Estúdio 444)

— **A Grande Farra**, de Marco Ferreri (Estúdio e Satélite)

— **Mash**, de Robert Altman (Londres)

— **A Mulher do Padre**, de Dino Risi (Monumental)

— **Adeus, Cegonha, Adeus**, de Manuel Summers (Odeon)

— **O Último Tango em Paris**, de Bernardo Bertolucci (S. Jorge)

2. O QUE PODE AINDA VER:

— **Pato Donald e C.**, de Walt Disney (Alvalade)

— **O Meu Nome é Ninguém**, de Tonino Valeri (Avis e Roma)

— **A Coleccionadora**, de Eric Rohmer (Roxy)

— **Mafalda**, de Salvatore Samperi (Vox)

NO PORTO:

1. O QUE NÃO DEVE PERDER:

— **Inquérito a um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita**, de Elio Petri (Estúdio)

— **Belle de Jour**, de Luis Buñuel (Rivoli)

— **O Último Tango em Paris**, de Bernardo Bertolucci (Trindade)

2. O QUE AINDA PODE VER:

— **Venha Tomar Café Conosco**, de Alberto Lattuada (Estúdio Foco).

LA

Da SINGER
para Si
Minha Senhora

Por todo o país e diariamente se desloca Pessoal Singer, em serviço de Prospeção, Assistência, etc., que poderá dirigir-se ao seu lar.

Aproveite a oportunidade dessas visitas que vão em seu auxílio, mas não esqueça: os nossos Representantes são pessoas credenciadas com cartão de identidade Singer, que a Senhora deverá exigir lhe seja apresentado.

A SINGER pensa em SI e em TUDO para o Seu LAR.

Teatro
Maria
Matos

«PORTUGUÊS,
ESCRITOR, 45 ANOS
DE IDADE»

de Bernardo Santareno

Hoje e todas as noites
às 21,45 h.

Matinée aos domingos
às 16,00 horas

Descanso da Companhia
às 2.ªs feiras

Não aconselhamos
a M/ 13 anos

Tel. 717017

120 milhões - de quem, para quê e para quem ?...

...ou como se chega ao busílis da questão: não saber onde está o dinheiro, nem para que serve, nem a quem se destina

4 Poucos dias após o 25 de Abril, o general Spínola reuniu-se em audiência privada com cerca de cinquenta grandes empresários e capitalistas, a quem dirigiu palavras simultaneamente de confiança e de aviso. Na sua essência, o aviso resumia-se à seguinte ideia: a partir de agora, a economia portuguesa está aberta apenas aos empresários com imaginação e capacidade de iniciativa.

Lembramos somente este facto para referir que, com o projecto que temos vindo a analisar, os empresários do MDE/S mostram-se na realidade portadores de uma apreciável imaginação — a qual, aliás, a avaliar pela maior parte dos projectos em questão, era já anterior ao 25 de Abril.

Quanto à capacidade de iniciativa, que bastante falta faz no período que atravessamos, essa continua por demonstrar. Podem os detentores de tanta imaginação argumentar que lhes faltam, neste momento, os recursos que possibilitam as iniciativas, chegando às declarações dramáticas — como as que fizeram, por muito que custe a crer, na conferência de Imprensa do MDE/S — de que não guardam dinheiro ao canto da gaveta. Mas, entretanto, saíram do país milhões de contos para os bancos estrangeiros, e muitas dezenas de milhares continuam ainda a sair todas as semanas. Ou não será assim, senhores capitalistas?...

A «REVOLUÇÃO ECONÓMICA E SOCIAL» QUE O MDE/S DESEJA

Ainda que este bloco — sem dúvida o mais poderoso da economia nacional — venha assim confessar, com a maior seriedade, como que uma espécie de insolvência, não podemos esquecer que uma parte apreciável dos projectos apresentados já se encontrava em execução, ou a caminho disso, antes do 25 de Abril.

Por que não se limitam então, muito simplesmente, a prosseguir a realização de empreendimentos em cujo êxito acreditavam decerto, em vez de pedirem ao Governo — para mais limitado pela condição provisória — garantias e condições que também não especificam muito claramente? Será que os encargos decorrentes da criação de um salário mínimo nacional foram suficientes para alterar todos os esquemas de investimento desses mesmos projectos? Dificilmente se pode colocar tal hipótese, parece-nos.

Ou terá a sua credibilidade financeira decaído a tal ponto nos mercados estrangeiros, onde iam recolher os empréstimos necessários para esses investimentos, que de todo lhes tenham retirado o crédito? Questão fora de dúvida, certamente.

Ou quererão fazer-nos acreditar que os seus próprios bancos, ou os que indirectamente controlam, perderam de todo

a confiança nos seus maiores accionistas e princípios usufrutuários dos empréstimos que concediam?...

Se nada disto acontece — e seria lógico provarem-nos o contrário —, e se além do mais se encontram animados, como afirmam, de inteira confiança no Governo Provisório e no Movimento das Forças Armadas, seria de esperar que multiplicassem os esforços não apenas para apressar a realização dos projectos já em curso, mas igualmente para empreenderem outros que demonstrassem o seu desejo de realmente contribuir para uma «revolução

namente, tenham de todo perdido o rasto de mais de quarenta milhões de contos, valor equivalente aos projectos do sector industrial que já se encontravam em curso ou apenas autorizados.

Se nenhuma das hipóteses acima expostas se confirma — o que só com muita dificuldade admitimos —, então seria necessário que empresários e banqueiros emprendessem uma tarefa de esclarecimento acerca dos verdadeiros motivos que originaram a sua hipotética crise — em vez de se limitarem a argumentar de uma forma simplista e algo ridícula

parte da popularidade pretendida. Mas não se pode esperar, nesta hora de arrumação geral, a unanimidade de apoio quando se é portador de pesada parcela de responsabilidade no passado que todos nos empenhamos em transformar.

Neste aspecto reside, parece-nos — e residirá —, a grande incógnita do projecto do MDE/S: uma afirmação de confiança que não se comprova com acções concretas e imediatas; um aparente adiamento de todos os projectos que os seus autores diziam estar já em execução; e uma inexplicável reserva acerca dos ver-



Onde está e a quem pertence o dinheiro?

económica e social», tal como a afirmam e concebem.

DEZOITO MILHÕES DE CONTOS ESCONDIDOS NOS COLCHÕES

Muito pelo contrário, limitam-se como que a transferir para o Governo a responsabilidade de que se realize, ou não tudo o que respeita quer a projectos antigos e já execução, quer a produtos de imaginação recente. Em vez de obterem, em conjunto e com o seu próprio aval, os créditos de que o país carece — mas sem uma submissão perigosa ao capital estrangeiro —, procuram comprometer o Governo num processo que é de sua única e exclusiva responsabilidade, lavando publicamente as mãos num clima de confiança amplamente declarada mas ainda não comprovada.

Se quisermos ir mais longe — e enquanto o contrário não for demonstrado —, poderemos dizer que toda esta atitude política de pretender impor ao Governo ideias e sugestões que traçam um rumo futuro para a economia nacional, tem o efeito óbvio de fruns paragem deliberada nos empreendimentos que normalmente conduzião, na medida em que, para os prosseguir, parecem esperar que o Executivo faça declarações de solidariedade, apoio incondicional ou, mais ainda, de auxílio material. É a única forma de explicar que, repenti-

com os dezoito milhões de contos que se encontrariam escondidos em colchões. Se mais não fizesssem, já bastaria este pormenor para os apresentar como os infelizes autores de um dos episódios mais típicos e risonhos que a história futura terá de registar.

UMA AFIRMAÇÃO DE CONFIANÇA QUE A SI PRÓPRIA SE DESMENTE

Já não vivemos exactamente o clima privilegiado de obscurantismo anterior ao 25 de Abril, em que havia apenas lugar para a confusão e o alarme provocado pelo boato. Hoje em dia, só o silêncio ou as intencões ocultas podem realmente assustar as pessoas, ao invés de um clima de franca e completa informação.

Se os responsáveis pela economia privada nada têm realmente a ocultar, bom seria que comesçassem por adoptar as regras do jogo democrático, falando com perfeita clareza dos problemas que dizem afectar, em vez de se escudarem em fórmulas de seguro efeito verbal e em projectos grandiosos que visam uma popularidade política — mas que só obtêm o efeito contraproducente de despertar a desconfiança, o descrédito e a recusa da pretendida colaboração.

Hoje em dia, já ninguém tem de recear por dizer, precisa e claramente, aquilo que exactamente pensa — ainda que com o risco, é certo, de perder uma

dadeiros problemas e razões que informam esta operação.

OS GESTORES PRIVADOS AO SERVIÇO DO ESTADO

Algumas das sugestões contidas no projecto do MDE/S são, evidentemente, aliciantes e susceptíveis de merecer atenção cuidada. Ainda que não queiramos debruçar-nos em profundidade sobre os empreendimentos apresentados pois a própria forma sucinta como aparecem impede qualquer análise séria de conteúdo, não resta dúvida de que alguns deles, sobretudo os que preencham a primeira parte do plano, constituem importante contributo para um debate sereno, com vista à transformação radical de vários dos mais sensíveis sectores da vida portuguesa.

Não que estejamos de acordo com a ideia — que parece ser a dos promotores do MDE/S — de que estes sectores de serviço público, e tradicionalmente confiados à administração do Estado, devam ser entregues à responsabilidade de empresas mistas, com larga interferência da iniciativa privada. As obrigações sociais que elas impõem activa e democrática por parte do público utente, põe completamente de parte a hipótese de que actividades como o ensino, a saúde ou a previdência, por exemplo, sejam entregues ao círculo fechado da actividade empresarial privada. Mas temos a certe-

MÁRIO VENTURA HENRIQUES

za de que esta não deixaria de pôr ao serviço daqueles projectos, permanecendo sob a órbita da actividade estatal, a experiência dos seus próprios gestores, com o que a colectividade só teria a lucrar.

Nem outro procedimento, aliás, se justificaria, considerando a limitada confiança que os empresários do MDE/S têm afirmado em relação à Democracia portuguesa.

O VENENO PERSISTENTE DA BUROCRACIA

Um aspecto saliente do projecto, e cuja importância aumenta à medida que passam as semanas, é o que diz respeito à burocracia, palavra simples que simboliza todo um sistema complicado de dificuldades sem conto, opondo-se ferozmente à rapidez e eficiência que naturalmente desejam os promotores de qualquer empreendimento.

Quem a burocracia se mantém e está arreigada, constituindo um mecanismo complexo e tortuoso difícil de vencer ou, pelo menos, de rodear, provam-no as declarações frequentes de membros do Governo, que quase sempre justificam as demoras e atrasos com os percursos complicados a que continuam a estar destinados projectos, iniciativas e soluções urgentes. Trata-se de um mal que envenena, a nível nacional, todos os circuitos de decisão, e que continua a parecer suficientemente forte para amortecer o choque revolucionário do 25 de Abril.

Se existem projectos, no plano do MDE/S, cuja realização pode depender ainda de simples pareceres técnicos ou repartições emperradas, porque proporcionar esse argumento negativo a quem só espera porventura, que a máquina estatal demonstre completa incapacidade? Não seria mais inteligente passar à frente de um plano que se julga revolucionário, com resoluções que seriam, essas sim, revolucionárias, na medida em que venceriam a antiquada gangrena que corrói e capacidade de intervir e decidir?

Estamos para saber, por enquanto, se o MDE/S recusaria projectos que lhe fossem apresentados pelo Governo em resposta às suas propostas. Por que esperar, então, um tempo que pode ser demasiado?...

CONSTRUÇÃO CIVIL — UM SECTOR QUE EXIGE RAPIDEZ

Um dos sectores do projecto em que as decisões se fazem esperar, é o que respeita à construção, o qual, como se sabe, afecta neste momento milhares de trabalhadores, já sem trabalho ou em riscos de o vir a perder. Uma das propostas do MDE/S orientada nesse sentido — criação de uma empresa especializada em habitação social — parece depender, precisamente, de estudos, análises, confrontos e autorizações que podem, numa linha tradicional, adiar indefinidamente o seu

aparecimento. Trata-se do projecto de construção de uma cidade-satélite de Setúbal, destinada a corresponder ao aumento populacional que se verificará em consequência dos novos estaleiros que ali serão construídos.

Por que não despachar, com a rapidez requerida — e ainda que com possíveis alterações —, um projecto que pode dar ocupação, no sector da construção civil, a mais de mil trabalhadores?

Também os projectos compreendidos no sector do turismo — cada vez mais entendido como um investimento mobiliário — poderiam proporcionar, numa inevitável fase de transição, amplo campo de actividade para vastas massas de trabalhadores. Embora o sector do turismo tenha no plano do MDE/S um relevo quase desproporcionado — o que demonstra, por um lado, a preocupação de acumular projectos —, e ainda que todos os projectos nesse campo devam ser sujeitos a uma nova revisão de conceitos, a verdade é que a sua concretização poderia eliminar as preocupações relativamente aos excedentes de mão-de-obra que a construção civil tem tendência para colocar no mercado. Se considerarmos, para mais, que os empreendimentos em turismo podem desencadear — na falta de outros estímulos — a criação de infra-estruturas indispensáveis a toda a colectividade, talvez encontremos aí um novo motivo para que tais projectos concentrem — a atenção dos responsáveis.

NEGÓCIOS COM O DINHEIRO DOS OUTROS

Chegamos, porém, ao ponto-chave da questão: os empresários e banqueiros do MDE/S não têm os 120 milhões de contos que consideram necessários para a realização do seu plano. Nem outra coisa seria de esperar, aliás. Fazer negócios com dinheiro próprio é coisa fácil, que qualquer pessoa faz. O que é difícil, mas preferível, é fazer negócios com o dinheiro dos outros, procedimento que está, aliás, na origem na vocação de capitalistas e banqueiros. Nem o facto, pode constituir motivo de admiração para quem quer que seja.

O que está por definir, porém neste momento e em Portugal é se os dinheiros provenientes do aforro da comunidade devem continuar a ser confiados à iniciativa privada, ou se pelo contrário, deve ser o Estado o orientador e o responsável pelos destinos da riqueza comum.

Desta questão basilar deve partir, com efeito, toda a discussão, em torno do ambicioso projecto do MDE/S o qual revela, pelo menos o grande mérito de colocar involuntariamente o problema a todos os portugueses no exacto momento que estes podem — e devem — escolher conjuntamente o seu futuro.

ESPECTÁCULOS

No Brasil: A tempo !

A notícia ven no jornal «A Voz de Portugal», periódico que se publica no Rio de Janeiro e reza o seguinte:

Quem está feliz da vida é nosso colega Armindo Blanco, agora empresário do Teatro Princesa Isabel: lotações esgotadas dia-

riamente. A julgar pelo êxito parece que o nosso Armindo não voltará tão cedo ao jornalismo.

Que Armindo Blanco esteja «feliz da vida», não admira aos trabalhadores do «DL», que lhe sofreram a prepotência. Estano Brasil...

A "ONDA DO OPTIMISMO" NÃO FOI TRANSMITIDA

Assim que se soube de que Artur Agostinho era um dos principais sócios. Tanto no domingo como ontem, a «hora e meia» da onda foi substituída por um programa de emergência, elaborado pelos trabalhadores da estação.

de que Artur Agostinho era um dos principais sócios.

Tanto no domingo como ontem, a «hora e meia» da onda foi substituída por um programa de emergência, elaborado pelos trabalhadores da estação.



CASINO de MONTE GORDO

às 23 h e 1 h
até 2 de Outubro

PAULO DE CARVALHO

os ilusionistas espanhóis

ALAIN DENIS & MONIKA BELL

o ballet

THE BRAVO DANCERS

e a Orquestra do Casino

Sala de máquinas - acesso livre a maiores de 21 anos
Sala de jogos - diariamente das 17 h às 3 h
Telf. (09) 2224/5/6
Maiores de 13 anos

CASINOS DO ALGARVE

CRÍTICA DE TEATRO

As boas ideias e o mau teatro

CARLOS PORTO

«A Traição do Padre Martinho», de Bernardo Santareno. Encenação: Rogério Paulo. Assistente: Alexandre Passos. Cenografia: Héctor Lechuga. Dramaturgia: José Triana, Chantal Dumaine, Teresa Paulo, Ignacio Gutierrez, Rogério Paulo. Música: Carlos Paredes. Intérpretes: Lisette Frias, Maria Teresa, Ana Maria de Andrade, Alberto Villar, Pedro Pinheiro, Fernando de Oliveira, Joaquim Rosa, Humberto de Andrade, Geny Frias, Idalina de Almeida, Júlio Cleto, Alexandre Passos, Álvaro Faria, Mário Sargedas, Rui Furtado, Fernando Frias, Gisela de Oliveira, Guida Maria, António Rama. Companhia Rafael de Oliveira. Teatro Maria Matos. 24/9/74.

Para esta peça, Santareno serviu-se de um caso autêntico, acontecido no Norte do País, que transformou de acordo com as necessidades do seu projecto dramático, e certamente à luz de outras experiências. Numa aldeia mais ou menos imaginária, um padre jovem pretende completar a oração (a Deus) pela consciencialização (política). Encontra obstáculos encarnados em individualidades de própria Igreja e em personagens social e politicamente colocadas a nível elevado. O «Padre Martinho», como muitos outros, acaba por chegar ao entendimento de que «não basta rezar» (título de um filme chileno) e que, antes disso, é indispensável transformar a vida dos homens.

Projecto politicamente correcto de uma problemática tão fundamental como é a que diz respeito à posição do povo português perante a Igreja como instituição politicamente definida não só durante o regime fascista como depois do 25 de Abril; projecto humanamente útil ao pretender dilucidar as relações fraternas que se criam entre o pároco e o povo que deve servir; projecto teatralmente certo ao querer fazê-lo numa linha de teatro épico.

Todavia, ao transformar-se em escrita dramática, o projecto degradou-se, empobreceu, auto-destruiu-se. Nesta peça, como talvez em nenhuma outra, a linguagem de Santareno surge marcada por clichés sentimentais, por carências dialécticas, por um vazio formal que desossifica a sua estrutura, transformam o que devia ser força épica em debilidade melodramática.

Agora que vivemos num regime livre, devemos ser muito exigentes quando nos propomos levantar (ou analisar) problemas tão importantes como aqueles que «A Traição do Padre Martinho» aflora. Essa exigência é independente do interesse e da ressonância que o espectáculo possa despertar por razões políticas certas. São, aliás, essas razões políticas que nos obrigam, a todos, a essa exigência. Ora, a peça de Santareno é sobretudo uma obra política cujas implicações devem ser, por isso, mais cuidadosamente verificadas. Basta ver a cena do encontro clandestino em que uma determinada entidade política resolve apoiar o «padre Martinho», para se verificar como o projecto de Santareno falha naquilo que nele devia ser fundamental: a sua verdade política. O diálogo travado nessa reunião (ainda

por cima no espectáculo os chefes do original surgem transformados em camaradas), baseado em frases extraídas de declarações de grandes doutrinadores ou de grandes militantes, padece de uma autenticidade teatral e de uma verdade humana conflagradas. O mesmo é dizer que esta peça deveria ter sido reescrita a partir do material em que assenta. Tal como está constitui uma demonstração de que uma boa ideia pode ser transformada por um dramaturgo generoso e consciente em mau teatro; de que as boas intenções podem levar a um inferno dramático.

Do trabalho de Rogério Paulo pode dizer-se que foi vítima da indigência, ao nível da escrita, do texto, como se poderá dizer que este foi vítima das carências do trabalho dramático (apesar dos nomes ilustres que lhe estão ligados) e da realização cénica. Podemos distinguir duas fases no trabalho de Rogério Paulo: a primeira, diz respeito à concepção do espectáculo que nos pareceu correcta, em especial no que se refere à cenografia. A simplicidade em nada diminui a sua eficácia, antes pelo contrário. A utilização de painéis que marcam os locais da acção (aliás, de acordo com as rubricas); os praticáveis móveis; o cabide onde está parte da guarda-roupa que é formado por pequenas cruzes — constituem elementos inteligentemente postos ao serviço da encenação. O que nesta, a nosso ver, claudica é consequência da intenção do encenador em clarificar, em termos ainda mais acessíveis e directos, o que está na peça. Intenção perigosa pelo risco de demagogia, risco a que o espectáculo não escapou. E

o caso da cena em que o praticável é utilizado como meio de transporte, o que não é coerente com a marcação usada, e parece ter sido feito apenas para fazer pitoresco (ao que, de resto, o público correspondeu). O outro ponto em que o espectáculo falha é na direcção de actores.

Um espectáculo como este depende muito da homogeneidade da representação, da unidade global, da capacidade em comunicar com o público a um nível relativamente complexo (a política e a vida não são coisas elementares nem simplistas).

Este teatro, de feição narrativa, exige uma capacidade de criação de que os actores da companhia Rafael de Oliveira não dispõem. Exige um narrador que ajude o público a entender de forma crítica o que está a ver e para isso não poderá ter uma voz monocórdica, como é o caso de Joaquim Rosa; exige uma dinâmica de tensões que vive muito da capacidade dos intérpretes e da força da marcação; exige uma expressividade por parte do protagonista que António Ramos está ainda longe de dominar. Não basta estar num palco e sentir uma personagem para a possuir e revelar é necessário torná-la tecnicamente eficiente, dotá-la com um vida teatral convincente. As palavras, por exemplo. Os actores, portugueses têm tendência para desprezar o valor material da palavra; a sua possibilidade de irradiação fonética; a sua presença física e portanto o seu conteúdo. A palavra teatral — para o ser — deverá ser degustada, trabalhada pelo acto que assim valorizará a sua carga ideológica. Vejamos por exemplo: há um diálogo em que uma personagem pergunta — «O que é um

comunista?» O «padre Martinho» responde: «É um irmão!». Esta palavra maravilhosa deverá, na sua brevidade, conter uma gama quase inesgotável de conotações. Deveria despertar imediatamente naquele que a ouvisse, uma associação em cadeia que fosse desde a visão Spartacus crucificado por se ter revoltado contra a escravidão até à de Lenine declarando em Outubro de 1917: «Depois de obter a maioria nos soviets, os bolcheviques podem e devem tomar conta do Poder. Devemos formular de maneira mais clara e directa o nosso programa: paz aos povos, a terra para os camponeses, a interdição dos lucros escandalosos. Lembrar as palavras de Marx, meditá-las: «insurreição deve ser considerada como uma arte», até à memória de Dias Coelho assassinado a uma esquina pelos esbirros pidescos; até à lembrança da solidão de um preso político oito anos no isolamento; até...; até... De cada espectador dependeria, afinal, essa associação.

Ora, essa força conotativa perde-se na boca de António Rama, como se perde em grande parte a força revolucionária da sua personagem. Guida Maria é uma vez mais atraída pela ausência de uma direcção que canalizasse a sua capacidade de entrega a uma personagem. Dos intérpretes, pareceu-nos Fernando de Oliveira, a quem vimos trabalhar pela primeira vez, o mais capaz de criar personagens a partir do seu entendimento interior.

Espectáculo, a nosso ver falhado, que chega a atingir o inaceitável como é o caso da cena da viúva aos gritos histéricos e da cena dos guardas, eis está «Traição do Padre Martinho».

CRÍTICA DE CINEMA

Lauro António

Do erotismo e da pornografia

RAFAEL, O LIBERTINO

Título original: *Raphael, le Deboucher*
Realização: Michel Deville, 1971 (França)
Argumento: Nina Companeez; Fotografia: (Eastmancolor); Claude Lecomte; Cenários: Claude Pignot; Música: Bellini; Montagem: Nina Companeez; Intérpretes: Maurice Ronet, Françoise Fabian, Jean Vilar, Brigitte Fossey, Isabelle de Funes, Anne Wjatzemsky, etc.
Distribuição: Talma Filmes; Estreia: Cinema Roma e Europa

A VIDA ALEGRE DE COLINOT

Título original: *L'Histoire Très Bonne et Très Joyeuse de Colinot-Trousse Chemise*
Realização: Nina Companeez, 1973 (França)
Intérpretes: Francis Huster, Brigitte Bardot, Ottavia Piccoli, Nathalie Delon, Bernardette Lafont, Alice Sapritch, Francis Blanche, etc.
Distribuição: Columbia e Warner; Estreia: Cinema Império

Dois filmes ligados a uma mesma personalidade do cinema francês. Por um lado, *Rafael, o Libertino*, realizado por Michel Deville, com argumento, diálogos e montagem de Nina Companeez; do outro lado *A Vida Alegre de Colinot*, uma realização da mesma Nina Companeez. Enquanto o primeiro filme é um excelente exemplo de um cinema de tradição romântica, com uma profunda inserção social (conferida por pequenos mas seguros apontamentos) e um ambiente erótico de admirável indefinição; o segundo é o exemplo acabado do oportunismo, da ausência de talento, da esperteza saloia e de tudo o mais que se possa pensar. Comece-se, portanto, por este lamentável *A Vida Alegre de Colinot*, filme que procura reatar uma tradição picaresca do romance francês, com uma tonalidade pornográfica colocada «na moda» pelo *Decameron*, de

Pasolini. Acontece que enquanto Pasolini é Pasolini e o seu *Decameron* uma obra importante, Nina Companeez não ultrapassa o estúdio de «aprendiz de feiticeira» que nunca deveria ter deixado a profissão de argumentista e dialogista para se ocupar de outras funções. O seu filme não tem pés nem cabeça, exhibe o corpo da mulher como podia vender peixe, reconstitui a Idade Média como o faz o Parque Mayer, procura o humor da forma mais aberrante, etc. O completo desconsolo.

Rafael, o Libertino é outra «coisa» e espanta saber-se que é a mesma pessoa quem assina o argumento de um e outro filme. Como é possível trabalhar a sensibilidade, saborear as palavras, jogar de forma admirável com os sentimentos, desenvolver um clima erótico intenso, tudo isto em *Rafael*, esquecendo toda a lição no seu *Colinot*? Fácil é responder. Companeez bem dominada por Deville é uma óptima argumentista, uma dialogista inspirada. Sozinha perde as estribeiras, denuncia a total falta de talento, demonstra a ausência de conhecimentos de *mise-en-scène*, etc.

Sobre o filme de Deville, cuja visão aqui se recomenda vivamente, voltaremos a falar mais detalhadamente. Serve a presente nota para apenas o referir com a brevidade possível. Quanto a Colinot, o melhor será esquecer esta lamentável demonstração de inépcia.



CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24
Amanhã e de 4.ª Feira a sábado pelas 22 h. Matinée 16 h.
O Poema Dramático UM BARCO PARA ÍTACA

e outros poemas de Manuel Alegre. Enc. Norberto Barroca. Não recomendado a menores de 13 anos.
Marc. Telef. 677299.

FILEME
EQUIPAMENTO E MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO
15a20OUT/74

CARROS DE LUXO JUNTO DE CAXIAS

Ontem, ao fim da manhã, assistiu-se a um espectáculo inusitado: o aparecimento, junto ao reduto sul do forte de Caxias, de um autêntico cortejo de automóveis de grande luxo, dos que custam centenas de contos. Tratava-se de familiares de alguns dos detidos por terem participado na conspiração que visava derrubar a ordem democrática e restaurar o fascismo em Portugal. As visitas não foram ainda autorizadas por motivos de óbvia precaução.

Assim se verifica mais uma vez que os todo-poderosos de ontem não se resignam a aceitar as regras de uma sociedade mais justa, como é aquela que o M.F.A. quis dar ao País, pela via democrática, com a sua heróica arrancada do 25 de Abril.



ALVARO CAMPOS LOUREIRO

DESPACHANTE OFICIAL

Missa do 30.º dia e agradecimento

Maria do Carmo Nunes Loureiro, José Manuel Rego Loureiro e sua esposa Olivia Rodrigues da Silva Loureiro e seus filhos Alvaro Manuel da Silva Loureiro, Maria Natália da Silva Loureiro e restante família participam que amanhã dia 3 pelas 19,45 horas na Igreja de S. João de Deus será celebrada missa pelo eterno descanso de seu querido marido, pai, sogro, avô e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto e bem assim a todos quantos o acompanharam à sua última morada não o fazendo directamente por desconhecimento de morada.

AGÊNCIA MEGA
Telef. 86 34 32



A CONJUNTURA POLÍTICA E A POSIÇÃO DOS PARTIDOS

«Com a ascensão da eminente figura que é o general Costa Gomes à Presidência da República, estão finalmente lançadas as condições para o eficaz funcionamento do Governo Provisório e para o apaziguamento de tensões que, regularmente, eram provocadas de modo inteiramente artificial», refere um comunicado do Partido Socialista sobre as modificações políticas ocorridas nestes últimos dias e que culminou com a renúncia do general António de Spínola do cargo de Chefe de Estado.

Depois de se afirmar que a «sucessão presidencial se processou no estrito respeito da lei constitucional e em clima de inextinguível serenidade», o P.S. sublinha, neste seu comunicado, que «após as horas graves que se tinham vivido e em que um afrontamento armado entre o fascismo e a democracia poderia ter conduzido o País para uma gravíssima situação é de salientar que tudo ocorreu na maior ordem, apesar do tom alarmista que caracteriza o discurso de renúncia do general Spínola».

«Só o extraordinário patriotismo do M.F.A. e do Governo Provisório — acrescenta-se — permitiu que alguns passos decisivos no sentido de descolonização e da democratização fossem dados. Do mesmo modo que só a firme unidade das forças democráticas civis com o M.F.A. garantiu a salvaguarda das conquistas do 25 de Abril.

O Partido Socialista honra-se de ter estado em todo o País na primeira linha de combate popular contra a ameaça contra-revolucionária, o que fez sem alarde publicitário mas com o sentido prático das suas responsabilidades históricas.»

Ainda do P.S. do secretariado da zona norte, foi distribuído um comunicado em que se sa-

lienta que aquele partido «apoia totalmente e com absoluta convicção o M.F.A., o Governo Provisório na pessoa do Primeiro-Ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves colocando-se, assim, inteiramente ao serviço do povo do qual vem e no qual se fecha o círculo das suas lutas e preocupações».

«O PAÍS TEM O DIREITO DE SABER»

Por sua vez o P. P. D., ao referir-se à renúncia do general António de Spínola, depois de prestar homenagem ao cidadão e militar que contribuiu decisivamente para o despertar do povo português contra o regime fascista e para a dinamização do processo que culminou no 25 de Abril, saúda o general Costa Gomes, «confiante que garantirá a implantação de uma democracia pluralista de acordo com a letra e o espírito do Programa do Movimento das Forças Armadas».

O comunicado do P. P. D. a propósito da crise dos últimos dias salienta que o País

tem o direito de saber clara e objectivamente, os factos que se passaram, porque uma ordem democrática tem de se alicerçar numa informação livre e verídica. «Só assim — acrescenta-se — será possível avançar decididamente para um futuro mais justo para todos os portugueses, dentro de instituições democráticas estáveis e duradouras.»

Depois de referir que «a força dos partidos só pode ser aquela que lhes vem do voto popular secreto, livremente expresso», o P. P. D. considera neste comunicado, «absolutamente essencial o cumprimento do compromisso da realização de eleições para a Assembleia Constituinte no prazo fixado pelo Movimento das Forças Armadas, única forma de se definir uma maioria».

A concluir, o P. P. D. «não pode deixar de ponderar um conjunto de problemas básicos de que depende a consolidação do processo de democratização entre eles, a situação económica a salvaguarda da ordem pública da segurança das pessoas e bens, o carácter imprescindível da

existência de sindicatos livres, a reforma da empresa com a participação activa dos trabalhadores na sua gestão e a fidelidade dos compromissos internacionais assumidos por Portugal».

«AFASTAR O ESPECTRO DA LUTA FRATRICIDA»

Entretanto, o Partido Popular Monárquico salienta que «continuará a lutar para que o Povo Português prossiga na conquista da democracia».

«O caminho da democracia não passa pela guerra civil; é preciso afastar o espectro da luta fratricida, que poderia resultar do bipolarismo político exarcebado e dissuadir dos seus intentos aqueles que, por reacção, alarmismo, divisonismo ou má fé, contribuem, por acção ou omissão, para o aparecimento de um clima propício ao seu desenlace».

O P. P. M. reafirma, ainda, o seu apoio ao Governo Provisório, confiante de que este saberá criar as condições efectivas para a realização de eleições gerais».

uma obra
realista e poderosa!

excelentemente
concebida por:

IRWIN SHAW

**HOMEM RICO
HOMEM POBRE**

2.º vol. 95\$00

à venda nas Livrarias

LIVROS DO BRASIL

R. dos Caetanos, 22
LISBOA

TEATRO DESMONTÁVEL

Largo Martim Moniz
Telef. 87 42 80 Metro: Socorro

ADOQUE
grupo de teatro
apresenta todas as noites
2 SESSÕES:
20 e 45 e 23 horas

HOJE, 4.ª FEIRA:
DESCANSO

**PIDES NA
GRELHA**

UM ÉXITO
SEM PRECEDENTES

Pides na grelha
no Martim Moniz
a revista
que faltava ao País

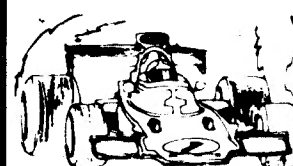
Não aconselhável
a menores de 18 anos

**SINDICATO
DOS PROFESSORES**
ZONA DA GRANDE LISBOA

Avisam-se os delegados do Distrito de Lisboa que a proposta nacional de reajustamento de letra está à sua disposição na Sede do Sindicato. Essa proposta será enviada pelo correio para os delegados dos Distritos de Santarém e Setúbal.

A Comissão Directiva Provisória

AS TERÇAS-FEIRAS



O JORNAL

motor

Ela julgava odiar os homens... mas não... apenas os tinha esquecido...

l'astragale
com HORST BUCHHOLZ e MARLENE JOBERT
Prod. PIERRE BRAUNBERGER Real. GUY CASARIL
Baseado no "Best Seller" de Albertine Sarrazin
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

CINEMA CASTIL

AMANHÃ, SENSACIONAL ESTREIA

RAFAEL BURGUETE, LDA.

COMUNICADO

A Gerência e todo o pessoal da Firma RAFAEL BURGUETE, LDA., no sentido de manifestarem a sua inteira adesão à sugestão de Sua Excelência o Primeiro Ministro de o próximo Domingo, dia 6 de Outubro, ser dia consagrado ao trabalho Nacional, decidiram, em conjunto, manter em funcionamento, nesse dia, todos os seus serviços.

**TRIBUNAL CÍVEL DA
COMARCA DE LISBOA**
1.ª VARA
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que começará a contar da segunda e última publicação deste anúncio.

Execução Ordinária n.º 9072 2.ª secção.

Exequentes — Joaquim Rodrigues Pinheiro e outro.

Executado — José Maria Duarte Junior e mulher Maria Lucília Ferreira de Almeida, proprietários, residentes na Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 127, 5.ª, esquerdo, em Lisboa.

Lisboa, 26 de Junho de 1974.

O Corregedor,
Manuel de Jesus de Menezes Falcão

O Escrivão de Direito,
Carlos da Costa Leitão

MULHER

A FORÇA IGNORADA DAS COMPANHEIRAS QUE FICARAM NA SOMBRA

Como se viu na primeira parte desta entrevista, D. Isabel Vilhena acaba sempre por falar muito mais das pessoas que ao longo da vida a impressionaram, positiva ou negativamente, do que de si própria. E sempre, acima de tudo, do marido, cuja coragem e dignidade lhe merece uma admiração sem limites.

— A última prisão do seu marido foi devinda a uma conspiração que deu azo a um processo, o n.º 16 504/1964-1.º Jízo-C. Secção, por causa de um almoço que houve na Rua de Cabo Verde, n.º 17-1.º Dt.º, a que assistiu o conde de Agueda, o Homem de Melo, que mais tarde foi director da «Capital». Nessareunião em que estavam presentes vários vultos republicanos, havia mais ou menos em perspectiva a formação de um Governo, no qual o conde de Agueda seria talvez o ministro dos Negócios Estrangeiros. Ora acontece que tudo aquilo estava em parte ligado com o general Craveiro Lopes, que tinha sido Presidente da República e depois de acabado o mandato fez *mea culpa* e veio ligar-se connosco. Tudo devido a um prefácio que ele fez no livro do conde de Agueda sobre política ultramarina, no qual escreveu: «Não se pode perder um minuto na solução das colónias. Pena é terem-se perdido anos».

Por
GINA DE FREITAS

— A senhora interessa-se profundamente por política.

— Imenso e horrível quando uma mulher, muitas vezes com cultura, diz «eu não sou política». Ora o nascimento já é um acto político e de grandes dimensões. Trabalhei muito em cursos diurnos e nocturnos, chegando muitas vezes a casa cerca da uma da manhã, para ajudar o meu marido e mantive sempre a minha casa. Quando o meu marido ia para a cadeia, deixava-me sempre montões de problemas para resolver, como de uma vez um barracão cheio de maquinaria para fazer publicações que seriam distribuídas após o movimento do Craveiro Lopes.

— O seu marido também fez parte da candidatura do general Humberto Delgado, não é verdade?

— Fez parte e ainda



Uma conferência de imprensa na sede do Movimento para a candidatura do general Delgado, «o candidato que realizará o Movimento de 28 e Maio», segundo o programa apresentado. De pé e da esquerda para a direita, vê-se o dr. Raul Rego, actual director do jornal «A República» e o escritor Manuel Mendes. Sentados, também da esquerda para a direita, o dr. António Sérgio, o professor Azevedo Gomes, general Humberto Delgado, capitão Carlos Vilhena e dr. Acácio Gouveia. Em primeiro plano: os jornalistas Carlos de Veiga Pereira e Urbano Tavares Rodrigues.

mais uma coisa: na altura em que essa campanha foi iniciada e toda a gente hesitava em escolher o local para as reuniões, o meu marido ofereceu imediatamente o seu escritório na Rua dos Anjos, n.º 10. Foi mais um acto de coragem da sua parte, pois é preciso não esquecer que se tratava de uma coisa que nem sequer principiara e cujas consequências não se podiam prever. Por isso o general Delgado ficou sempre muito grato ao meu marido e por isso também, quando foi o golpe de Beja, ele veio a Portugal, o que ninguém soube na altura, nem sequer foi a casa da família, só telefonou, para não levantar suspeitas e foi em nossa casa que esteve, com a secretária, a senhora Campos. Quando chegou a S. Paulo escreveu ao meu marido esta carta que aqui está.

«Ainda não lhe disse uma coisa: sabe que a conspiração da guerra de Espanha foi feita ali no Estoril, numa moradia onde estava o general Sanjurjo, que tinha muito mais importância no exército do que o Franco, porque o Franco ti-

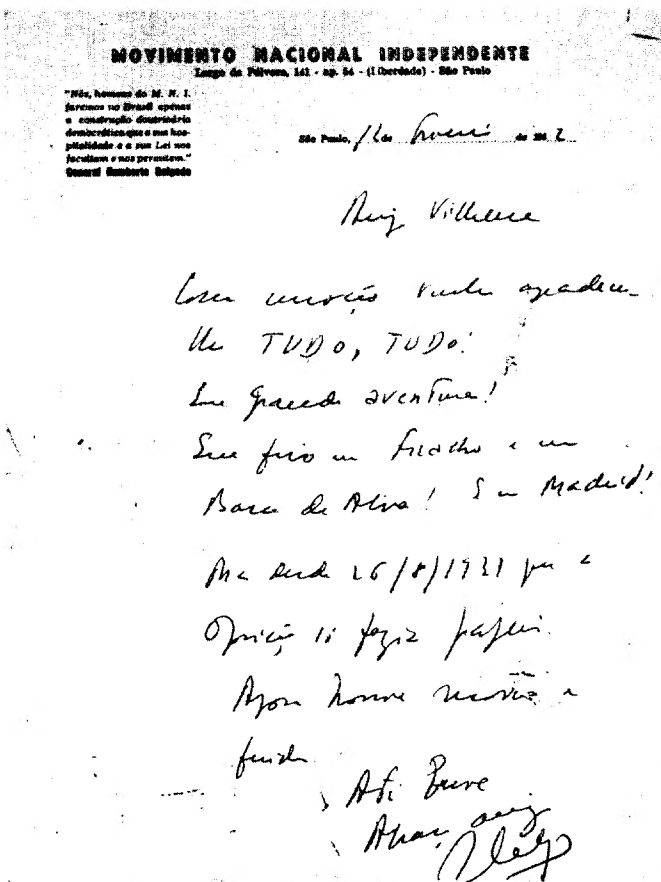
lução, veio cá um avião que vinha buscar o general para chefiar as Forças Armadas, mas ao levantar voo o avião capotou, incendiou-se e ele morreu estorradinho. Foi então que o Franco tomou a chefia. Aqui em Portugal, o Jorge Botelho Moniz, no Rádio Clube Portu-

de Portugal não teria havido a Segunda Guerra, porque foi em Espanha que o Hitler experimentou todo o armamento que deveria servir para a hedionda guerra de 39.

Você diz que eu falo sempre muito no Salazar, mas agora também quero falar do venerando e patronal Tomás, que um dia disse num discurso largamente difundido que não descansaria enquanto cada português não tivesse a sua casinha. Pois fique sabendo que ele tem uma irmã que vive num quarto alugado, na Travessa da S. Vicente à Graça, em casa de duas senhoras. Essa irmã chama-se Adelina e é um pouco mais velha que ele.

— A senhora D. Isabel, como todos nós, aliás, deve ter sentido uma alegria profunda com o 25 de Abril e ao mesmo tempo uma grande tranquilidade. Finalmente, podia dormir descansada, já não haveria mais prisões, nem buscas, nem sobressaltos.

— Temos que estar todos profundamente gratos a esses bravos rapazes que finalmente concretizaram uma coisa que há tanto desejávamos. Mas tranquilos completamente não podemos estar. Temos que estar muito atentos, porque a reacção está a levantar cabeça e nós temos de nos preparar. E já agora quero dizer que me admira bastante o facto do general Galvão de Melo estar tão preocupado com as precárias circunstâncias em que se encontram as famílias dos Pides. Ora se não estou em erro eles receberam os vencimentos até Maio e os vencimentos deviam ser elevados, porquanto tinham boas casas, bons automóveis e vida faustosa. É para admirar que o general que se diz democrata nunca tivesse querido saber das famílias dos presos políticos. Antigamente, iam logo aos nossos ordenados, ficávamos sem dinheiro para comer. Por sorte eu estive sempre em escolas em que os directores eram muito meus amigos e como eu cumpria a minha obrigação sem fazer política, nunca fui atingida. Mas o meu marido foi logo atingido. E



Fotocópia enviada pelo general Delgado ao capitão Carlos Vilhena logo que chegou a São Paulo, depois de ter estado em Portugal na altura do movimento de Beja

Continua na pág. 19



EXTERNATO S. JOSÉ

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

— REGIME INTENSIVO —

CICLO, LICEU E TÉCNICO

AULAS A PARTIR DE 1 DE OUTUBRO

RUA JOSÉ LUÍS DE MORAIS TEL. 2510376 **SACAVÉM**

inscreva os seus filhos no

Externato Horizonte

ensino infantil e primário

* Corpo docente seleccionado, moderno material didáctico, boas instalações e alimentação racional.

Externato Horizonte

em moradia na Rua Eduardo Noronha, 54 - Tel. 719851 - Lisboa (paralela à Gago Coutinho e transversal à Av. dos Estados Unidos).

NACIONAL

Filmes com Marcelo Thomaz e Santos e Castro exibidos na Covilhã

Vem inserta no último número de o «Raio», semanário que se publica na Covilhã, uma crónica que, pelo seu interesse, passamos a transcrever: «Sento-me. Cansado. Totalmente exausto. Depois de uma semana de trabalho intenso uma ida ao cinema de província com «fitas» cinema de província com «fitas» antigas. As luzes apagam-se e, naquele ar de calma, começo a ver o Marcelo em visitas não sei onde, o Thomaz (com h e z) a cortar fitas. O governador de Angola a ver um rancho de

folclore negro que dança agradecido pela visita de Sua Excelência», segundo a voz do locutor. Então esses documentários ainda correm? Se isto aconteceu na Covilhã, há dias, quanto tempo terão que ver estes complementos os frequentadores de cinemas de vilas e aldeias? E ninguém vê, ninguém proibe!...

Sim, ninguém vê, ninguém proibe, para que este tipo de «agressões ideológicas» não torne mais possível outro 28 de Setembro.

São Marcos à espera do século vinte

Por intermédio do sr. Parreira Alves, vogal da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Sintra, foi chamada a atenção para a aspiração de São Marcos, na freguesia de Aqualva-Cacém, com vista a uma série de melhoramentos. É uma povoação relativamente pequena, situada no alto de uma colina, com bons ares e belíssimo enquadramento paisagístico, mas tem estado, há muitos anos, positivamente abandonada, necessitando de um mínimo de conforto, uma vez que são já numerosos os seus habitantes.

Uma das suas principais reivindicações é o abastecimento domiciliário de água, pois que apesar de estar prevista a respectiva rede, o facto é que essa instalação não existe por não terem começado os trabalhos de aberturas de valas e colocação de tubagem (o povo abastece-se de um poço particular, sem saber se a água é própria para consumo, e dum fontenário cuja água está in-

quinada). Não existe uma rede de esgotos, e as fossas, com grave risco, da saúde, pública atravessam para os caminhos. Outra grande aspiração está na construção de uma estrada de acesso que ligasse São Marcos à estrada para Caxias, pois seria a via mais rápida para quem utiliza os comboios como meio de transporte.

O sr. Parreira Alves propôs que fosse realizado um estudo das obras reclamadas para se verificar da possibilidade da sua realização, lembrando que há anos a população concorreu com a verba de 35 contos, a qual ficou paralisada. Esperava, por isso, que com a participação do Estado as aspirações de São Marcos viessem a ser uma realidade.

A Comissão Administrativa deliberou encarregar os respectivos Serviços Municipais e Técnicos de estudar a viabilidade de serem realizados aqueles melhoramentos.

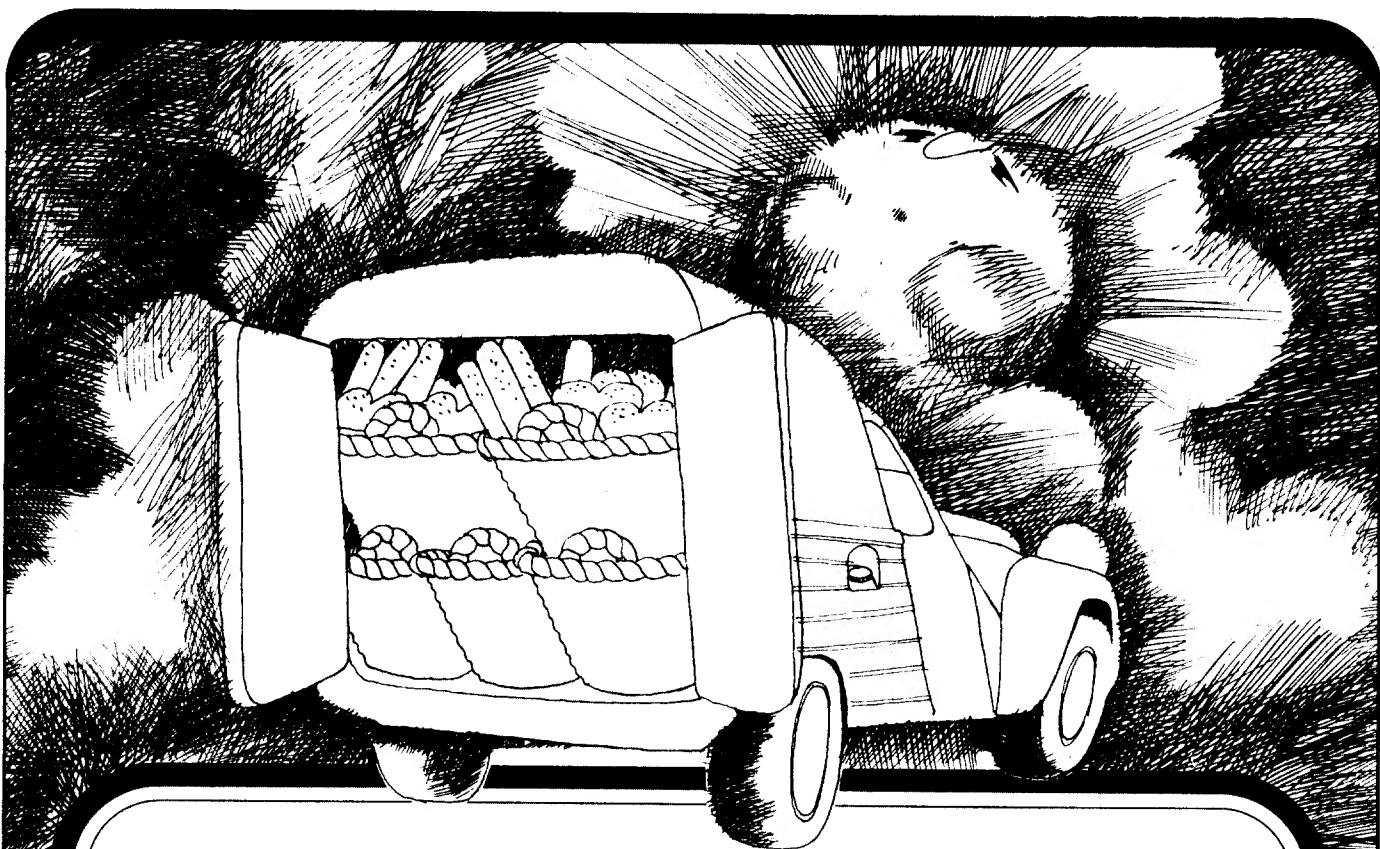
Guiné-Bissau controla o comércio interno

MADINA DO BOÉ, 2 — O Estado da Guiné-Bissau passa a controlar todo o comércio interno, assegurando para si o monopólio da importação dos

produtos de primeira necessidade, declarou Luís Cabral numa conferência de Imprensa. Afirmou ainda que a economia será dirigida e planificada. De-

pois de referir a assinatura de acordos comerciais com Portugal, pediu às grandes companhias portuguesas ali estabelecidas, em situação de mono-

pólio, para se prepararem para as profundas mudanças que se vão introduzir, muito embora tenha prometido garantir os seus legítimos interesses.



com uma
CITROËN AK
gasta menos, ganha mais, vive melhor.

Ele é que a leva
direita! Arranjou uma "grande máquina"
lá para o negócio — uma carrinha AK muito
pachola — que lhe dá para o trabalho e também para
as "voltinhas"... Mas lá que a carrinha leva muita carga,
isso leva; que não gasta nenhum, também é verdade; e que
é porreira como um automóvel, é sim senhor. Ele é que
sabe! E se Vocês querem mais informações sobre
a carrinha, cortem o Cupão ali em baixo
e mandem-no para o stand, que
eles mandam catálogos e os
preços e tudo. É o que
eu vou fazer
já!

CUPÃO

Desejo que me enviem todas as informações
acerca da carrinha Citroën AK.

Nome _____

Morada _____

Telefone _____

Corte o Cupão pelo tracejado, e depois de preenchido
envie-o para: CITROËN, Av. Praia da Vitória, 9 - LISBOA 1



porque 1 escudo é 1 escudo e 1 litro é 1 litro

CITROËN AK

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA SECTOR METALÚRGICO

Convocam-se todos os trabalhadores de escritório
deste sector para uma reunião na Rua do Alecrim,
n.º 46-1.º, na 5.ª. feira, dia 3, às 21 horas, com a seguinte
ordem de trabalhos:

- 1 - Informações sobre o andamento do Contrato
Colectivo de Trabalho e outras de interesse
Sindical.
- 2 - Verticalização do contrato.

ALCATIFAS E TAPETES INGLESES COM DESENHO

Novidades apresentadas por

QUINTÃO

CASA ESPECIALIZADA

30, Rua Ivens, 34

PAIS NOVO
REORGANIZAÇÃO
ADMINISTRATIVA

= FILEME⁴

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

NACIONAL

OS TRABALHADORES DA SONARTE E ARTUR AGOSTINHO

Reunidos em assembleia geral, os trabalhadores da Sonarte, Publicidade, Ld.ª resolveu manter-se na expectativa enquanto se mantiver a situação de detido para averiguações do sr. Artur Agostinho sócio-gerente da empresa.

Eis o texto do comunicado recebido na nossa redacção:

Os trabalhadores da SONARTE PUBLICIDADE, Ld.ª reunidos em assembleia geral, no dia 30/9/74 a propósito da detenção do sócio gerente da empresa, sr. Artur Fernandes Agostinho, comunicam o seguinte:

Imediatamente após o Movimento de 25 de Abril, o

sr. Artur Fernandes Agostinho convocou todo o pessoal da Sonarte para uma reunião, na qual, em face dos boatos que ouviam de que o referido senhor havia sido informador da P. I. D. E. e pessoa altamente comprometida com o regime anterior, declarou sob palavra de honra que todas as acusações eram falsas.

Confiados nas palavras do sr. Artur Fernandes Agostinho os trabalhadores da Sonarte aceitaram continuar a trabalhar na empresa esperando que, com o decorrer do tempo, se viessem a confirmar as suas afirmações.

Entretanto, logo que tive-

ram notícia da prisão do sr. Artur Fernandes Agostinho os trabalhadores da Sonarte resolveram tomar a seguinte posição:

Enquanto se mantiver a situação de «detido para averiguações» do sr. Artur Agostinho, manter-se-ão na expectativa e nomearão uma comissão administrativa provisória que se encarregará da gerência da Sonarte, voltando à situação anterior se nada vier a constar em seu desfavor;

No caso de se provar que o dito sócio gerente está envol-

vido em qualquer manobra reaccionária, começam por repudiar viva e publicamente o procedimento do sr. Artur Fernandes Agostinho a quem retiraram toda a confiança, denunciaram a traição de que foram vítimas e declaram-se dispostos a lutar por todos os meios ao seu alcance para legalizar definitivamente a sua situação na empresa, através da comissão administrativa democraticamente eleita.

Os trabalhadores da Sonarte (Seguem-se as assinaturas respectivas)

Sintra quer salvar velhos azulejos

Problemas relativos à protecção de obras de arte no concelho de Sintra têm vindo

Um modelo revela os seus segredos de beleza

“Antes de ser modelo, pensava que a profissão era só fascinação. Mas não. É trabalho árduo. É um prazer e um fascínio, também.”



“Dois atributos deve ter um modelo: elegância e serenidade.

“Sim, é possível ser serena - é possível estar calma todos os dias do mês. Eu consigo-o, com a ajuda dos tampões Tampax. São de uso interno, por isso não se notam, não irritam e não causam cheiros. E são tão cómodos! Com tampões Tampax uma pessoa mantém-se fresca, calma e confiante.

“A elegância, por outro lado, é uma tarefa de todos os dias. Faz parte da vida de um modelo. Eu posso estar muito cansada, mas nunca deixo de retirar todo o make-up antes de me deitar. O meu cabelo, por exemplo, se não estiver bem limpo é quase impossível de pentear. Por isso, lavo-o frequentemente. E para o ter certinho, corto-lhe as pontas de quinze em quinze dias.

“Mesmo que não pense em ser modelo, elegância e serenidade são atributos essenciais para qualquer mulher. Isto é um segredo conhecido”.

O nosso único interesse é protegê-la.

tampões
TAMPAX

PROTECÇÃO HIGIÉNICA PARA USO INTERNO
PEÇA UMA AMOSTRA A:
ANTONIO PACHECO AGOSTINHO, Lda.
R. RODRIGUES SAMPAIO, 15-2 - LISBOA

FOLHA OFICIAL

Para a comissão consultiva a funcionar junto da Divisão de Pessoal do Instituto Nacional de Estatística foram nomeados o dr. Otilio Nobre Vilhena e os srs. José Machado Carrasco, Humberto Soares Ribeiro, Arlindo Espírito Santo e Silvério Paulino Pereira.

O Instituto de Tecnologia Educativa passa a ter como presidente da direcção a dr.ª D. Maria Manuela da Silva, equiparada a professora auxiliar do Instituto Superior de Economia de Lisboa.

O brigadeiro Armando Marques Girão, presidente nacional da Cruz Vermelha Portuguesa, é agora também presidente do Conselho Coordenador do Serviço Nacional de Ambulâncias.

O advogado e assistente da Faculdade de Economia do Porto dr. Vasco Airão Marques preside a uma comissão encarregada da elaboração dos projectos de diplomas legais visando a disciplina da concorrência e a criação dos necessários meios de controlo público das práticas comerciais restritivas e da actividade das empresas com posições dominantes. Para a mesma comissão foram nomeados também os dres. António dos Santos Boavida, D. Etelvina Torrealva Valente, D. Maria Ernestina Campos de Carvalho, Nuno Siqueira e Rui de Almeida Mendes.

Por conveniência de serviço foi dada por finda a comissão de serviço do dr. João Narciso Furtado como chefe de divisão da Direcção-Geral da Educação Permanente.

DIZEM OS LEITORES

UM SUPERMERCADO QUE ANDA EM PEQUENA VELOCIDADE

«Moro na Costa da Caparica e faço as minhas compras no supermercado Paço de Açúcar situado perto da Cova da Piedade. Antes do 25 de Abril todas as caixas registadoras, ou quase, funcionavam nas horas consideradas de ponta e era com rapidez que as pessoas pagavam as suas compras e seguiam os seus destinos.

«Depois do 25 de Abril, e a partir da altura em que foi fixado um ordenado mínimo, apenas funcionavam duas ou três caixas nas tais horas de ponta, fazendo as pessoas, com os respectivos carros de compras, longas bichas em frente delas e esperando horas para pagarem o que compram! Não sei se nos outros supermercados sucede o mesmo. Neste é assim? Porquê?

«Bem não preciso de fazer a interrogação para saber a resposta: maiores ordenados a pagar, menos lucros para o patrão... e esse não abdica: prefere sacrificar o povo fazendo-o esperar horas, e as poucas empregadas que tem obrigando-as a trabalhar o dobro, do que alargar os cordões à bolsa.

«Dizia-me há dias uma empregada:

«Está a senhora a ver, são sete horas, a bicha está ainda deste tamanho e a caixa por fechar. Saio daqui lá para as oito!»

«Horas extraordinárias não há. Trabalha, sacrifique-se, que para isso é povo... recebe pelo menos 3300\$00!»

ALICE GOMES

HUMANIDADE, HUMANIDADE...

Alta noite perdeu-se um adolescente em Lisboa. Familiares dirigiram-se ao R. C. P. para que esta estação emissora transmitisse um apelo, mas foi-lhe dito só aceitarem pedidos desses relativos a menores de 6 anos ou a deficientes mentais. O rapazinho tem 13...

Inquietos, cada vez mais inquietos, os familiares encaminharam-se para a Rádio Renascença. Ai também nada de concreto era possível, dado que a estação se encontrava com o trabalho interrompido («es-

tavam em greve») - conta o nosso leitor).

O adolescente acabou por aparecer às 6 da manhã, segundo comunicação da P. S. P. da esquadra do Matadouro. Cessaram as buscas. Mas não cessa a indignação do nosso leitor sr. José da Costa Lemos, de Custóias, que escreve em comentário:

«É bom que isto se saiba, que se desmascarem atitudes deste género, despidas de qualquer sentimento humanitário.»

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

CASINOS do ALGARVE

às 23h e 1h
até 2 de Outubro

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

ALVOR

a cançonetista inglesa

KIM DAVIS

o malabarista alemão

RUDI SCHWEITZER

ballet

GERRY ATKINS SHOW

e a Orquestra do Casino

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

VILAMOURA

o conjunto vocal

TOUCH OF VELVET

os equilibristas suecos

ELWARD'S

ballet

THE LEE DELL DANCERS

e a Orquestra do Casino

Sala de máquinas - acesso livre a maiores de 21 anos
Sala de jogos - diariamente das 17 às 3 h
Alvor - telf. (0082) 23141
Vilamoura - telf. (0089) 65319/86
Maiores de 13 anos

CASINOS DO ALGARVE

MAQUINA DE LAVAR ROUPA

Candy

os seus desejos
são as nossas ideias

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91A LISBOA
Rua Angelina Vidal, 63
Av. Capitão Meleças, 95 ALVERCA

(PRESTACOES DESDE 200\$00 - SEM FIADOR)

A ACTIVIDADE SEGURADORA

Continuação da pág. 3

vas livres, no total de 368 contos; a segunda, com 100 vezes 86 igual a 206 mil contos; a terceira, com 20 vezes 4 vezes 159 igual a 183; a quarta com 50 vezes 70 igual a 122.

Em síntese: não obstante os obstáculos que se depa-ram a nível governamental, pode considerar-se razoável a actividade seguradora du-rante o ano de 1973. Não deslumbrante, não um filão, como muitos julgam, mas perfeitamente razoável no conjunto da economia na-cional.

Registe-se que os núme-ros apresentados foram ex-traídos de «Indústria de Seguros em Portugal, da-dos estatísticos», boletim in-formativo do Grémio dos Se-guradores ao ano de 1973.

O cinema contra o cancro

MOSCOVO — «Não há mis-tério que a inteligência huma-na não possa desvendar. É tu-do questão de tempo» — esta é uma das conclusões a que pode chegar-se depois de as-sistir à projecção da longa me-tragem «Cerca a Células Re-beldes», produzida pelos es-túdios de Kiev em colaboração com cineastas polacos e búl-garos, sobre as neoplasias ma-lignas.

A película foi rodada duran-te intervenções cirúrgicas rea-lizadas na República Demo-crática Alemã, na Polónia, na Bulgária, na Roménia, na U.R.S.S. e na Checoslováquia.

Saint-Tropez: uma ilusão

SAINT TROPEZ — Bernard Legrand está a rodar uma película intitulada «Sex-Tro-peze», que pretende mostrar Saint-Tropez como uma «feira de ilusões». Philippe Gaste é um dos principais intérpretes.

ASSOCIAÇÃO DE SO-CORROS MÚTUOS DE EMPREGADOS NO CO-MÉRCIO DE LISBOA

É DITOS

Perante esta Associação correm éditos de sessenta dias convocando os herdei-ros que se julguem com di-reito aos Subsídios de Sobre-vivência, de 1.000\$00 cada, deixados pelos Sócios da Classe A n.º 12.988, 13.549 e 16.912, Srs. João Pereira Duarte, Casimiro Monteiro Freire e Bernardino Moreira.

Lisboa, 30 de Setembro de 1974.

O Secretário da Direcção
Rodolfo Palhares Tavares

FILEME
EQUIPAMENTO
E SECRETARIA
15a20OUT.74

Milhares de famílias procuram casas acessíveis, habitáveis mas sem luxo.

Construa simples!

Nós ajudaremos.

A construção de baixo preço dá-lhe maiores possibilidades de venda e é socialmente mais útil.

Se este for o seu objectivo, conte connosco.

Criámos novas condições de crédito à construção civil.

Condições dos empréstimos, de acordo com os valores por m² de área coberta

(atribuídos pela Caixa):

Não superior a 4 contos/m²:

Empréstimo de 70 %

Amortização em 10 anos (*)

Taxa de juro de 9 %

Superior

a 4 e até 8 contos/m²:

Empréstimo de 50 %

Amortização em 8 anos (*)

Taxa de juro de 10 %

Superior

a 8 e até 11 contos/m²:

Empréstimo de 40 %

Amortização em 8 anos (*)

Taxa de juro de 11 %

(*) Sem amortização nos dois anos iniciais.

Dirija-se à

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO



FLUMEN

NACIONAL

Asilo político em Espanha

Segundo um telegrama da France Press dezanove pessoas da família Espírito Santo chegaram na segunda-feira a Madrid, vindos de Lisboa. No hotel onde se encontram alojados indicaram que os apartamentos foram reservados em nome de Ricardo Espírito Santo, director-geral do Banco, que actualmente se encontra em Washington na reunião do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, a convite destas instituições. Não há conhecimento de qualquer acção das autoridades militares contra elementos desta família.

Entretanto, outras notícias provenientes de Espanha, distribuídas por uma agência não identificada, indicam que, na sequência da demissão do general Spínola, numerosos portugueses teriam atravessado a fronteira e pedido asilo político. Informações de outra origem confirmam efectivamente a passagem para Espanha de muitos portugueses mas todos eles ligados à intencional reacção falhada e na sua maioria trata-se de marginais contratados por elevadas importâncias para o golpe fascista.

COM A PRESENÇA DE COSTA GOMES O M.F.A. DO EXÉRCITO ELEGE REPRESENTANTES PARA ALTOS CARGOS

O Presidente da República e o Primeiro-Ministro juntaram-se esta manhã, cerca das 11 e 15, a um numeroso grupo de oficiais do Exército reunido no Instituto de Altos Estudos da Defesa Nacional e integrado pelos membros dos Conselhos das Armas e Serviços e por diversos outros delegados do M.F.A. neste ramo das Forças Armadas. Motivo: a eleição de dois representantes do Exército para a Junta de Salvação Nacional, preenchendo as vacaturas dos generais António de Spínola e Jaime Silvério Marques e também do chefe do Estado-Maior do Exército.

As presenças nas Necessidades excederiam, segundo apurámos, uma centena de oficiais. Conforme nos declarou o ca-

pitão Pinto Soares, da Comissão Coordenadora do M.F.A. (que entrou acompanhado pelo brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho), no final deverá ser divulgada uma informação pública sobre o resultado dos trabalhos. Estes ter-se-ão iniciado com um debate livre, seguido pela nomeação de um Conselho de Eleição que discutirá as hipóteses a considerar.

Entretanto, reuniões semelhantes irão posteriormente mobilizar as atenções do M.F.A. da Armada e da Força Aérea.

DESCOLONIZAÇÃO

O general Costa Gomes tinha estado de manhã em Belém, aonde chegou às 8 e 50. Dez minutos depois era a vez de serem anotadas as pre-

senças do brigadeiro Vasco Gonçalves, major Melo Antunes e dr. Mário Soares. Apenas faltava, assim, p dr. Almeida Santos para estar completo o que entre os jornalistas se chama já Comissão de Descolonização, mas pode ter sucedido que o ministro da Coordenação Interterritorial entrasse no Palácio sem aqueles se aperceberem do facto. Foi de Belém que o Presidente da República e o Primeiro-Ministro, oficiais-generais do Exército, se dirigiram ao I.A.E.D.N.

Na Cova da Moura, por outro lado, estiveram reunidos esta manhã com o coronel Varela Gomes e outras altas patentes do E.M.G.F.A., representantes de partidos no grupo de trabalho encarregado de girar as comemorações do 5 de Outubro.

FUNÇÃO PÚBLICA

Do gabinete do Primeiro-Ministro recebemos a seguinte comunicação:

«A execução do processo de saneamento da função pública estabelecido pelo Decreto-Lei n.º 277/74, de 25 de Junho, tem estado a decorrer com a colaboração de comissões de trabalhadores constituídas ao abrigo do disposto no n.º 2 do artigo 3.º do Decreto n.º 366/74, de 19 de Agosto, colaboração de que se podem esperar excelentes resultados.

«Porém, essa colaboração não pôde iniciar-se com plena eficiência logo que começaram a decorrer os prazos regulamentarmente fixados, devido a razões atendíveis entre as quais pode apontar-se o período de férias que agora finda.

«Acresce, ainda, que o volume previsível de queixas, reclamações e participações de factos a submeter ao aludido processo, aconselha a alargar o período de funcionamento das comissões ministeriais de saneamento e reclassificação.

«Assim, por diploma legal agora aprovado, as comissões ministeriais de saneamento e reclassificação serão extintas por despacho ministerial até 28 de

Fevereiro de 1975, mantendo-se, porém, os seus presidentes em funções até ao encerramento dos trabalhos da comissão interministerial de reclassificação, a fim de prestarem a esta a colaboração necessária.

«Por outro lado, o prazo para apresentação de queixas, reclamações ou participação de factos às comissões ministeriais de saneamento e reclassificação foi prorrogado até 15 de Novembro próximo.»

Bento Vintém na Judiciária

O director do quinquenário «Proletário Vermelho», Bento Vintém, prestou declarações esta manhã, na Secção Central da Subdirectoria da Polícia Judiciária de Lisboa, no âmbito de um processo ali decorrente contra aquela publicação, por ter inserido no seu último número um artigo contendo injúrias contra o então Chefe de Estado, general António de Spínola.

Bento Vintém, a ser provado o crime de injúrias, e por ter sido praticado através da Imprensa, é punível com prisão nunca inferior a um ano e até ao máximo de três.

AUMENTADOS OS VENCIMENTOS NOS TRÊS RAMOS DAS FORÇAS ARMADAS

Por decreto dos chefes dos Estados-Maiores das Forças Armadas foram fixadas novas tabelas de soldos a abonar mensalmente aos oficiais, sargentos e praças dos três ramos das Forças Armadas, que além disso ficam com direito a 13.º mês e a subsídio de férias correspondente a metade do vencimento de um mês. Esse subsídio ser-lhes-á pago no mês de Julho.

Os novos vencimentos são os seguintes:

General de quatro estrelas e vice-almirante, 18 900\$00; general e contra-almirante, 17 200\$00; brigadeiro e comodoro, 15 500\$00; coronel e capitão-de-mar-e-guerra, 13 900\$00; tenente-coronel e capitão-de-fragata, 12 300\$00; major e capitão-tenente, 11 400\$00; capitão e primeiro-tenente, 10 400\$00; tenente e segundo-tenente, 7 300\$00; alferes, subtenente e guarda-marinha, 6 000\$00; aspirante a oficial e da reserva da Armada, 4 700\$00.

Sargentos: sargento-ajudante, 5 700\$00; primeiro-sargento, 5 400\$00; segundo-sargento, 5 000\$00; furriel e subsargento, 4 700\$00.

Praças da Armada do grupo A e do extinto quadro da taifa: cabo, 4 700\$00; marinheiro dos

quadros permanentes, 4 500\$00; outros marinheiros, 2 400\$00; grumete reconduzido, 4 100\$00; primeiro dispenseiro (do extinto quadro da taifa), 5 000\$00.

Os quantitativos correspondentes aos aumentos de pré mensais a que se refere o n.º 5 do art.º 1.º do Decreto-Lei n.º 710/73, de 31 de Dezembro, passam a ser os seguintes: 1.º cabo (1.º período), 3 400\$00; 2.º cabo e soldado (1.º período) 3 300\$00. Por novo período, até quatro, aqueles valores são acrescidos de 200\$00.

PENSÕES

Além de alterações no que respeita às pensões de reserva de militares em comissão ou efectividade de serviço, as pensões atribuídas aos militares na situação de reserva fora da efectividade do serviço, beneficiarão, a partir de 1 de Julho de 1974, dos seguintes aumentos:

a) Pensões inferiores a 900\$00 são aumentadas para 1 650\$00; b) Pensões de 900\$00 a 2 000\$00, são aumentadas de 750\$00; c) Pensões de 2 001\$00 a 4 000\$00, são aumentadas de 500\$00, com um mínimo de 2 760\$00; d) Pensões de 4 001\$00 a 9 800\$00, são aumentadas de 2 005\$00, com um mínimo de 4 510\$00; e) Pensões de 9 801\$00 a 10 000\$00, são aumentadas para este quantitativo; f) Pensões iguais ou superiores a 10 000\$00, permanecem ao seu nível actual.

REINTEGRAÇÕES

Um outro decreto-lei também do Conselho dos Chefes dos Estados-Maiores das Forças Armadas regulamenta disposições anteriores a respeito dos servidores militares do Estado, nomeadamente quanto a reintegrações de militares afastados por motivos políticos durante o regime deposto em 25 de Abril. Os militares em tais condições podem ser reintegrados de facto ou a título póstumo, neste caso a requerimento dos familiares que possam beneficiar das pensões a que teriam direito.

Também os aspirantes a oficiais milicianos que, por razões de ordem política, baixaram de posto regressarão, se o requererem, ao oficialato da arma ou serviço a que pertenciam e no posto que lhes competia se não tivessem baixado de posto, sendo inteiramente tomado em conta o tempo de serviço militar efectivo prestado nos postos anteriores.

MATRÍCULAS

(PRÉ-PRIMÁRIA E 1.ª CLASSE)
HORÁRIO: DAS 9 ÀS 19 HORAS
EXPOSIÇÃO PATENTE ATÉ 15 DE SET.
COLÉGIO SÁ DE MIRANDA

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (à Estefânia)
Telef. Secret. 45310 Direcção 537532

FILEME
15a20OUT 74

Fundação Ricardo Espírito Santo Silva

MUSEU-ESCOLA DE ARTES DECORATIVAS

CURSO DE DECORADORES

Número de inscrições limitado

AS AULAS COMEÇAM DIA 8 DE OUTUBRO

Informações na Rua de S. Tomé, 90 (ao Largo das Portas do Sol)

AMÉRICA
PREÇOS COMPETITIVOS
★ PREÇOS ESPECIAIS PARA A SUA VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS ★
★ DIVERSAS DATAS DE PARTIDA ★
★ CONSULTE MUNDIRAMA ★
RDO CRUZEIRO, Nº 33
LISBOA 2 / TELEF. 323633 / 324296 328856 / 363294
PASSAPORTES

PUB

ESCLARECIMENTO DA IMPRIMARTE

Tendo sido divulgadas por alguns órgãos de Informação notícias sobre uma possível colaboração da IMPRIMARTE na feitura de uns cartazes e panfletos da chamada «Maioria Silenciosa», notícias estas que por não corresponderem à verdade podem induzir a opinião pública em erro, vem a administração da IMPRIMARTE esclarecer os seguintes pontos:

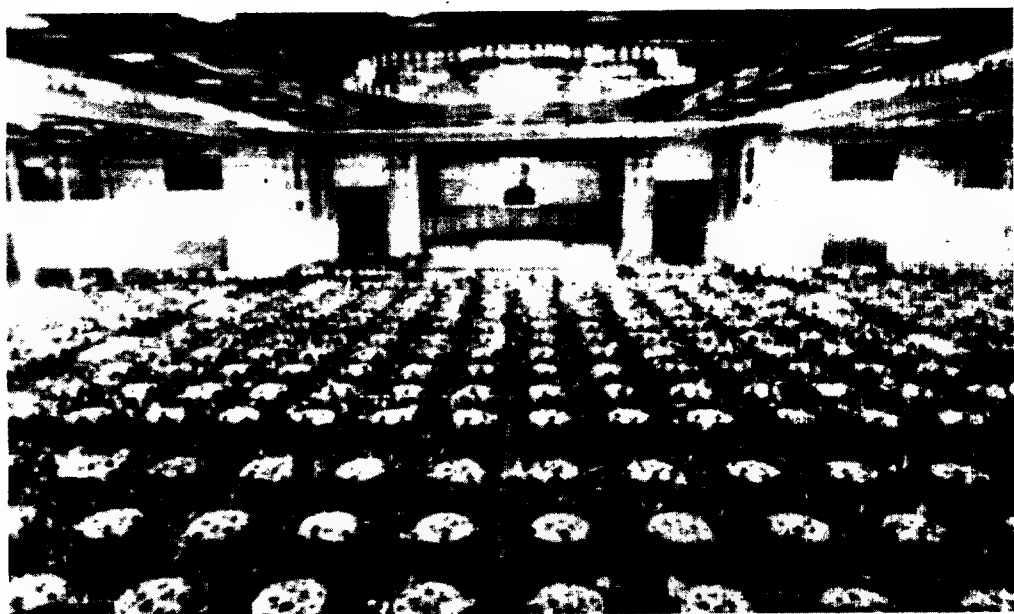
1. Os referidos cartazes e panfletos não foram impressos por esta empresa.

2. Não existe qualquer ligação entre a IMPRIMARTE e a LISGRAFICA, para além da vizinhança de instalações do facto da LISGRAFICA ter em tempos comprado maquinaria tornada desnecessária à IMPRIMARTE e da compra e venda de serviços, norma esta, aliás, comum na indústria gráfica.

3. Os trabalhadores da IMPRIMARTE, através da sua Comissão de Trabalho, manifestaram a maior repulsa pelas acusações feitas, tendo emitido um comunicado a este respeito.

César A. Vallejos
Administrador Delegado

ESTRANGEIRO



Chu En-lai, vice-presidente da Comissão Central do Partido Comunista Chinês e primeiro-ministro, reapareceu em público na noite de 30 de Setembro para 1 de Outubro, num banquete no Grande Palácio do Povo, em comemoração do vigésimo quinto aniversário da República Popular da China. Contudo, nem Chu En-lai nem o presidente Mao estiveram presentes nos festejos populares do dia 1, facto que serviu para alertar o povo chinês de que as rédeas do Poder terão de ser brevemente confiadas a mãos mais jovens. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Apelo de Makários na ONU

NOVA IORQUE, 2 — (DPA-ANI) — Pela segunda vez depois do golpe de Estado dirigido contra ele, o arcebispo Makários falou ontem à noite nas Nações Unidas lançando um apelo à comunidade internacional para tentar restabelecer a soberania, a independência e a unidade de Chipre.

Tomando a palavra perante os delegados de 138 países, Makários acusou a Turquia de ter transformado «a feliz e florescente ilha num lugar de ruínas, de lágrimas e de morte».

Makários, cujo discurso foi fortemente aplaudido, não fez alusões ao seu futuro pessoal.

O arcebispo, que foi recebido pela ONU com todas as regras protocolares reservadas aos chefes de Estado, sublinhou na sua intervenção que todas as negociações sobre o futuro da ilha devem decorrer num quadro mais amplo do que a conferência de Genebra.

Evocando a sugestão da União Soviética, de negociar a questão do futuro político da ilha no quadro da ONU, Makários declarou que se tratava de uma sugestão «construtiva e aceitável para nós».

Pedido um boicote contra a África do Sul

NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE), 2 — (DPA-ANI) — Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Serra Leoa e da Tanzânia, Demond Duke e J. M. S. Marcela, pediram às Nações Unidas que imponham o boicote económico ou decreto severas sanções contra a África do Sul.

Este pedido de adopção de acções punitivas contra Pretória ocorre depois da recusa da As-

sembleia Geral das Nações Unidas em aceitar as credenciais da delegação da África do Sul para a actual sessão.

Demond Duke acentuou que só um boicote político, económico e cultural da África do Sul poderá levar o regime de Pretória a modificar a sua política do «apartheid».

Marcela, por sua vez, pediu um reforço do embargo das entregas de armas à África do Sul.

Israel pronto a restituir parte da Cisjordânia

TELAVIVE, 2 — (F.P.) — Toda a Imprensa israelita dá hoje grande relevo às declarações de Yitzhak Rabin à cadeia de Televisão NBC, nas quais o primeiro-ministro afirmou estar pronto a restituir à Jordânia um sector importante da Cisjordânia em troca de uma declaração de não beligerância.

O bloco nacionalista da direita, Likud, pediu imediatamente uma reunião urgente do Knesset (Parlamento), considerando que a atitude de Rabin põe em perigo a segurança de Israel, não tem em conta os direitos históricos do País e compromete

todas as probabilidades de uma verdadeira paz.

O jornal independente «Haretz» observa em editorial que «nenhum dos dirigentes israelitas fizera até agora uma declaração tão ousada e tão formal».

Os observadores notam entretanto que as afirmações do primeiro-ministro irão ter provavelmente violentas repercussões na oposição nacionalista da direita, complicando por outro lado as actuais negociações para o regresso do Partido Nacional religioso à coligação governamental.

Kissinger parece optimista quanto a estabilização dos preços do petróleo

NOVA IORQUE, 2 — (UPI-ANI) — O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, convenceu-se de que a única esperança para a descida de preços do petróleo é através de negociações entre as nações industrializadas ocidentais, unidas, com os produtores de petróleo — foi anunciado ontem em círculos geralmente informados de Washington.

Nas suas consultas diplomáticas com os ministros árabes dos Negócios Estrangeiros, Kissinger percebeu que ainda não tinha conseguido o mínimo impacto nas nações árabes para baixarem os preços do petróleo, que quadruplicaram durante os últimos anos.

No entanto, o secretário de Estado parece estar optimista quanto à estabilização a longo prazo de preços dos países produtores de petróleo.

Kissinger considera que a relativamente apática resposta à

sua visionária intervenção na Assembleia Geral da O. N. U., em 23 de Setembro, não é medida apropriada para movimentos a longo prazo.

A PRÓXIMA VIAGEM SERÁ UM TESTE

CAIRO, 2 — (UPI-ANI) — A futura visita do secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, ao Médio Oriente é um teste para a preparação da diplomacia norte-americana em elaborar um acordo permanente para a crise do Médio Oriente — declarou ontem o jornal egípcio «Al Ahram».

Num comentário, o jornal cita «vozes em Washington que exigem uma política rígida em relação aos países produtores de petróleo», e afirma que existem grupos pró-sionistas no congresso norte-americano, e algumas potências que se opõem à coexistência internacional.

«Qualquer negligência destes factos poderia levar definitivamente a uma quinta fase (de guerra entre árabes e israelitas)» — conclui o «Al Ahram».

Extrema esquerda reivindica

TÓQUIO, 2 — (UPI-ANI) — Um grupo de extrema esquerda afirmou-se responsável pela explosão ocorrida a 30 de Agosto num edifício de Tóquio que matou oito pessoas e feriu mais de 300 — informou hoje a Polícia.

O grupo denomina-se «O Lobo» e pretende representar «a Frente Armada Antijaponesa da Ásia Oriental».



a importância do pormenor no todo dum ambiente.

Sem este pé trabalhado, a mesa seria uma mesa vulgar. Assim, é uma cópia de estilo, fiel e primorosamente executada por Sousa Braga. Porque Sousa Braga e Alcobia sabem que são os pormenores que fazem a beleza duma peça, o requinte dum ambiente. Por isso, na nossa loja tudo é pormenor... desde a rigorosa qualidade dos artigos que vendemos até à atenção que lhe dedicamos. Venha comprová-lo. Em pormenor...

companhia dos grandes armazéns Alcobia
rua iven's, 14 · chiado · lisboa · tel. 32 64 41 · 32 10 03

CALEIDOSCÓPIO

AUXÍLIO ECONÓMICO

WASHINGTON, 2 — (R.) — O Fundo Monetário Internacional (F. M. I.) e o Banco Mundial criaram hoje uma nova e influente comissão encarregada de supervisionar o auxílio económico aos países pobres do mundo.

A nova comissão, integrada por 20 membros tanto de países ricos como de pobres, destina-se a coordenar todo o auxílio económico do Banco Mundial, de outras agências internacionais e de governos.

RAPTADA E MORTA

AUGUSTA (Georgia), 2 — (UPI-ANI) — O corpo da mulher do dirigente bancário Eaton Reville, que tinha sido raptada na segunda-feira, foi encontrado no porta-bagagens do seu

carro, numa zona florestal perto de Augusta, ontem à noite, segundo informação prestada hoje pelo F. B. I.

Não foi possível determinar imediatamente as causas da morte de Jean Reville, de 48 anos.

EXPULSÃO DO CHILE

SANTIAGO DO CHILE, 2 — (UPI-ANI) — A junta militar chilena expulsou, na noite de segunda-feira, a filha do actor Fernando Lamas, três semanas e meia depois de a ter prendido, logo após a sua chegada ao Chile.

A junta acusou Alexandra Lamas, de 27 anos, nacionalidade argentina e que vive actualmente na Austrália, de entrar no país trazendo uma carta de um comunista australiano.

AUMENTO DE PREÇO

LONDRES, 2 — (UPI-ANI) — O jornal «Daily Mirror» anunciou hoje que o seu preço aumentará para cinco «pence» a partir de segunda-feira.

É o quinto jornal de circulação nacional a anunciar um aumento de preço num período de duas semanas.

EXPOSIÇÃO DE LOUCOS

MADRID, 2 — (ANI) — Está a alcançar certo êxito (de curiosidade, pelo menos) a exposição que um casal de pintores, Concha e Johnny, apresentados pelos psiquiatras como loucos inofensivos, abriu em Madrid.

«A diferença entre os nossos trabalhos e, por exemplo, os de um Salvador Dali é que nós somos mesmo loucos a valer» — declarou Johnny aos jornalistas.



1974 OUTUBRO

Greve na Televisão Britânica ameaça campanha eleitoral

LONDRES, 2 (R) — O primeiro-ministro Harold Wilson, faz hoje uma pausa no seu programa eleitoral sobrecarregado, numa tentativa de pôr termo à greve de jornalistas da televisão que ameaça reduzir drasticamente a cobertura da campanha.

Wilson reúne-se com o secretário do Emprego, Michael Foot, para debate das medidas que podem ser tomadas para se resolver rapidamente as disputas salariais entre os jornalistas e as companhias comerciais de televisão.

Jornalistas de renome, que ganham até 10 mil libras por ano, aderiram à greve ilimitada, declarada ontem na I.T.N., em Londres. Repórteres e redactores da I.T.N., a maioria dos quais auferem cerca de 4000 li-

bras anuais, exigem paridade com os seus colegas da B.B.C., empresa pública.

Fora de Londres, jornalistas de 14 estações comerciais estão a efectuar uma greve de três dias reivindicando aumento salarial de 40 por cento.

A extensão da preocupação de Wilson pelas paralisações de trabalho reflectiu-se no facto de ele ter chegado 40 minutos atrasado a duas reuniões eleitorais no Norte de Inglaterra, a noite passada. O primeiro-ministro pediu desculpa, afirmando ter sido detido por assuntos governamentais muito urgentes.

Foi num destes comícios que Wilson trouxe de novo o problema do Mercado Comum para a frente da campanha com vista à eleição geral de 10 de

Outubro.

Falando na véspera das cruciais conversações de hoje no Luxemburgo sobre a crise dos preços dos produtos agrícolas da Comunidade, Wilson declarou que o Mercado Comum se tornaria inoperante.

O país disse, pode estar dividido sobre os benefícios do Euromercado, mas está unido no seu apoio à determinação do Governo trabalhista em renegociar os termos de adesão.

Entretanto, o secretário dos Negócios Estrangeiros, James Callaghan, que participa nas conversações de hoje no Luxemburgo, declarou num comício efectuado em Cardiff, País de Gales, que chegara a altura de a política agrícola (C.A.P.) da Comunidade se afastar da ideologia e se basear nas realidades da produção agrícola.

Callaghan declarou que, na devida altura, não tinha dúvida de que a C.A.P. necessitaria de ser drasticamente revista, visto não ser eficiente nem justa.

As críticas do primeiro-ministro britânico à Comunidade não obstarão a que citasse cifras divulgadas pela Comissão do Mercado Comum, as quais mostravam que a Inglaterra era o único membro da C.E.E., cuja

taxa de inflação diminuía.

O secretário do Interior, Roy Jenkins, um pró-europeu, repetiu a noite passada que abandonaria o Governo, caso a Inglaterra saísse do Euromercado, mas esclareceu que não abandonaria o Partido Trabalhista.

«Acredito na posição social democrática moderada do Partido Trabalhista, e acredito na luta de dentro do partido», declarou Jenkins.

Os trabalhistas prometeram efectuar uma consulta, por meio de um referendo, sobre a adesão britânica ao Euromercado, no prazo de 12 meses a contar das eleições.

Manifestação em Atenas contra os Estados Unidos

ATENAS, 2 (UPI-ANI) — Estudantes extremistas de esquerda marcharam ontem à noite contra a Embaixada norte-americana em Atenas, gritando frases anti-americanas, dispersando-se depois ordeiramente, cantando o hino grego.

Um informador da Embaixada disse que os estudantes foram autorizados a enviar ao interior da embaixada uma delegação de cinco membros, a fim de protestarem contra o papel dos Estados Unidos em Chipre e a atitude do secretário de Estado Henry Kissinger para com

a Grécia.

Os estudantes, pertencentes à Frente Revolucionária dos Estudantes Comunistas (maoísta) e do Movimento Comunista Revolucionário Grego, reuniram-se em frente da Universidade de Atenas e, depois de terem ouvido alguns oradores, marcharam em direcção à Embaixada.

A Polícia tinha proibido a manifestação, mas não interveio. Os estudantes, que ao princípio eram cerca de cinco mil, foram depois engrossados por outro grupo, totalizando cerca de 15 mil pessoas.

Reorganização dos Tupamaros

HAVANA, 2 (ANI) — A guerrilheira uruguaia Mirta Pucurull, viúva de um dos fundadores do movimento Tupamaros, declarou que esta organização se encontra numa fase de reorganização da luta armada — afirma a Prensa Latina.

«Trata-se de combinar, de

forma harmoniosa, todas as formas de luta popular que fêrem para a luta armada» — afirmou Mirta, segundo a qual o Uruguai vive hoje um momento de uma profunda crise política e social, que se traduz em miséria, desemprego e repressão brutal.

Roubadas as memórias do general Prats

BUENOS AIRES, 2 (FFF-ANI) — Nos meios de exilados chilenos afirmou-se ontem que tinham desaparecido as memórias que estava a escrever o general Carlos Prats, antigo comandante-chefe do Exército

chileno durante o governo de Salvador Allende, assassinado ontem em Buenos Aires por um comando não identificado.

Segundo as mesmas fontes, as memórias e uma abundante documentação teriam sido roubadas do apartamento que habitava o casal Prats, possivelmente instantes antes de ambos terem sido assassinados.

O general Prats foi uma testemunha excepcional e protagonista da evolução que ocorreu nas Forças Armadas chilenas durante o Governo de Unidade Popular.

Prats assumiu o comando do Exército chileno em Outubro de 1970, um mês antes do dr. Allende tomar posse do Governo, sendo chefe do exército. Ocupou também os ministérios do Interior e da Defesa. Como ministro do Interior ocupou interinamente a presidência do Chile em Novembro e Dezembro de 1972, durante uma viagem que Allende fez a diversos países da América Latina.

Em Agosto do ano passado, renunciou ao comando supremo do Exército, ao perder a confiança da maioria de generais e altos oficiais.

Dias depois, em 11 de Setembro, deu-se o golpe de Estado contra o Governo de Unidade Popular e o assassinio do dr. Allende.

Testemunha do processo que

culminou com o levantamento militar, o general Prats escrevia em Buenos Aires as suas memórias, um documento vital para o estudo da recente história do Chile.

Essa documentação tinha desaparecido segundo as fontes dos exilados chilenos, que ligam o suposto roubo com o assassinato. O casal Prats foi morto ontem.

Um comando terrorista fez detonar uma bomba no automóvel que conduzia o general Prats, quando o veículo se deteve no edifício de apartamentos em que vivia.

Entretanto continua a desconhecer-se a identidade dos autores do assassinio, enquanto a Polícia se encerra num rigoroso mutismo.

REPATRIAMENTO

Entretanto a Embaixada chilena confirmou ontem em Buenos Aires, que os restos do general Carlos Prats, e de sua mulher, serão repatriados para o Chile nos próximos dias.

Ontem, as filhas do general assassinado na capital argentina cumpriram parte dos trâmites legais, acompanhadas pelos maridos.

Os cadáveres de Prats e da mulher continuam na morgue judicial desta capital, onde já se efectuaram as autópsias.

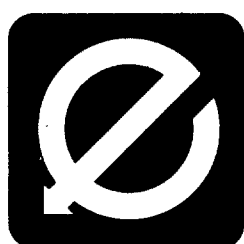
PARQUE DE ESTACIONAMENTO SUBTERRÂNEO DA ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES

ABERTURA AO PÚBLICO

• 1 DE OUTUBRO •

ENTRADA LIVRE EM PERÍODO EXPERIMENTAL

- 5 PISOS DE ESTACIONAMENTO
- LIGAÇÃO DIRECTA À ESTAÇÃO DO METROPOLITANO



esli s.a.r.l.

(concessionária da CML)

A FORÇA AÉREA ETÍOPE ADVOGA A FORMAÇÃO DE UM GOVERNO RADICAL

ADIS-ABEBA, 2 (R) — O Conselho Militar Provisório etíope parecia hoje ter evitado o perigo de colapso, pelo menos pelos tempos mais próximos, devido a divergências sobre a forma de Administração do País.

Os jovens governantes etíopes concordaram, numa sessão maratona efectuada a noite passada, em deixar o Conselho Militar Provisório na sua forma actual. O conselho é composto por 120 oficiais e soldados democraticamente eleitos entre as Forças. A patente dos seus membros vai de soldado raso a major, e poucos têm mais de 30 anos de idade.

A reunião teve lugar num dia de tensão na capital, que teve o auge quando aparelhos de fabrico americano da Força Aérea, sobrevoaram o Quartel-General da Quarta Divisão do Exército, e foram reforçadas

as unidades que guardavam as estações de rádio na capital.

Círculos bem informados declararam que a sessão foi convocada para debate das profundas divisões relativamente a quem devia governar o País.

A Força Aérea, a ala mais radical das Forças Armadas, enviou os seus caças como advertência aos oficiais para não tentarem assumir o poder e torpedear o trabalho do Conselho — ainda de acordo com os mesmos círculos.

Foi a Força Aérea quem primeiro injectou uma nota política radical no Movimento das Forças Armadas que começou a enraizar-se como a força dominante em Fevereiro passado.

A Força Aérea advoga agora um Governo Civil radical ou um Governo Militar chefiado por radicais.

O declínio do peronismo poderá provocar o regresso à ditadura

O legado do falecido presidente Perón à Argentina é um movimento de massa que é quase impossível de classificar numa categoria determinada. Inclui tanto marxistas como fascistas, que se uniram na crença comum de que só o presidente Perón podia conduzi-los à salvação nacional. Porém, desde a sua morte, o peronismo tem-se mantido na expectativa. Porque, sem essa transcendente unidade que só ele sabia dar, as diferenças radicais, que mergulham as suas raízes na vida social e política da Argentina, estão a vir à superfície, ameaçando a nação com uma destruição total.

De facto, estes processos tiveram início ainda quando o velho ditador se encontrava no poder, e durante os nove meses finais da sua presidência, o mito da unidade monolítica foi despedaçado.

No exílio, Perón fez a corte à ala esquerda do movimento peronista e apoiou os mais beligerantes dos sindicatos. Porém, uma vez regressado ao poder, esta política foi rapidamente abandonada e revelou-se como uma simples estratégia para conseguir apoio político. Em vez disso, o presidente Perón estabeleceu laços estreitos com os militares — os mais activos perseguidores da esquerda — e fez aberturas relativamente aos anteriores opositores: os grupos económicos do centro-direita.

Alienados e traídos, os «Jovens Peronistas» de esquerda, tendo como ponta de lança os «montoneros», reagiram fortemente. Porém, o manho do velho caudilho, evitando o confronto directo com eles, fazendo uso da sua claudicação política para manter o respeito, ao mesmo tempo que os atravaçava contra a direita. No vácuo político que se seguiu à sua morte, não há nenhuma figura destacada capaz de sustentar esta situação de equilíbrio.

A maneira como Isabelita Perón tem manipulado esta situação já de si tensa, só tem servido para exacerbar as tensões. Juntamente com Lopes Rega — largamente considerado e reconhecido como «o poder por detrás do trono», na sua posição de secretário privado da presidência —, como seu principal conselheiro, a recente política tem mostrado uma vincada tendência para a direita.

Os ministros liberais da Educação, da Defesa e do Interior foram substituídos por pulsos fortes. O ex-ministro da Educação, Jorge Taiana, que tinha tanto o apoio dos estudantes como dos professores, foi destituído a favor de um cirurgião octogenário: uma atitude que irritou a massa estudantil de Buenos Aires. A demissão de Miguel Robledo — considerado como o porta-voz dos militares — da sua posição de ministro da Defesa, é considerada por aqueles como uma autêntica afronta. A sua substituição por Mário Savino, cuja reputação e integridade pessoal é um tanto dúbia, serve apenas para agravar este sentimento.

E foram igualmente tomadas medidas repressivas contra a esquerda. A declarada ambição de Lopez Rega é esmagá-la; o seu alvo foi não apenas o ilegal ERP (Exército Revolucionário do Povo), mas também os «montoneros». Porém, na noite de 6

de Setembro, foi posto em cheque pelos «montoneros», cujo chefe, Mário Firmenich, anunciou que o agrupamento ia passar à clandestinidade. A presença de outros chefes da ala esquerda na conferência de Imprensa em que este anúncio foi feito, sugere que há uma real possibilidade de passar a haver uma esquerda clandestina unida.

Inevitavelmente, uma tal polarização aumenta o potencial para um possível conflito num país já habituado à violência política, e onde o assassinio político tem sido considerado como um «caso de morte natural». O ERP está a intensificar tanto o afearce como o número dos ataques contra os símbolos do Estado: além dos raptos e dos assassinios, recentemente tem procurado confrontos com os militares, e tem atacado sistematicamente baluartes militares em todo o país.

Estes acontecimentos têm afectado a personalidade de Isabelita e acredita-se estar ela a pensar na nomeação de um primeiro-ministro, gesto que é considerado como uma tentativa para conseguir maior apoio. O candidato mais provável é Raul Lastiri.

Apesar das tentativas de unificação, a esquerda não parece, no entanto, estar a constituir uma ameaça directa para o Estado. Não procura ainda subir ao poder e trata-se apenas de uma das várias secções da comunidade que se encontra desafectada ao Governo.

Os próprios militares, que até agora têm apoiado o peronismo, não gostam e desconfiam de Lopez Rega e houve já um pedido para a sua demissão, que foi rejeitado. Lopez Rega tem sinistras ligações com a polícia secreta e retribui firmemente os sentimentos que os militares têm por ele. Contudo, as forças armadas representam a única força unificada do país, fora do peronismo, e sem o seu incondicional apoio a força do Governo fica substancialmente enfraquecida. Apesar de recentes desaires, há, também, uma remota possibilidade de que um militar, que desaprove o regime, tome o controlo da situação se esta desambar em conflito. O Governo de Isabelita pode cometer um suicídio político se alienar esta força.

De facto, a sua principal incapacidade tem sido provavelmente a falta de habilidade para chamar a si qualquer grupo poderoso. Até os sindicatos — bastiões do peronismo — são apenas nominalmente a seu favor. Em contravenção directa do Pacto Social, um instrumento idealizado para combater a inflação pelo presidente Perón e pelo seu ministro das Finanças, Gelbard, estão agora largamente comprometidos na negociação de salários mais elevados. Ao proceder desta forma, revelam o seu desejo de defender os próprios interesses à custa da causa peronista; e, mais ainda, minam a unidade que era a sua força.

Tal fragmentação através de todo o tecido social revela a geral fraqueza da presidência como uma grave responsabilidade. Sem uma personalidade forte, capaz de congrega todas as correntes divergentes de opinião que abarca, o peronismo apresenta-se como um monstro

Por

Susan Morgan

Exclusivo

«The Times»/«DL»

trópego e sem cabeça. Quando as contradições a ele inerentes emergem e se tornam conflito, a resposta do Governo tem sido a confrontação e a repressão mais do que a negociação e a conciliação.

O perigo desta atitude reside



Argentina: um país habituado à violência política. (Telefoto UPI-Telimprensa)

no seu potencial para provocar mais polarização, quando os grupos se sentem compelidos a apoiar ou a opor-se ao Governo devido à sua política. Se o regime continuar a desviar-se para a direita, há uma possibilidade

de luta civil ao longo das linhas clássicas esquerda-direita — um cenário até agora desconhecido na Argentina.

Porém, para evitar que a situação se descontele demasiadamente, haveria, na boa tra-

dição argentina, um ditador militar ou civil capaz de alcançar o poder e impor a sua própria marca de ordem autocrática. É isto que, em última análise, pode ser a consequência do declínio e queda do peronismo.

O "PRIMEIRO" CONFLITO DE CHIPRE

Por Jean-Marie Mayeur Exclusivo «Le Monde»/«DL»

Sucede que o acontecimento dá ao trabalho do historiador uma actualidade singular: assim acontece com a obra monumental que François Crouzet publicou, no princípio deste ano, sobre o conflito de Chipre de 1946 a 1959. Ela constitui a mais rica e a mais penetrante introdução à compreensão da última crise. Esta obra é a última de uma série de estudos empreendidos a partir de 1959, sob os auspícios da Doação Carnegie para a paz internacional, com vista a facilitar a compreensão da natureza e dos mecanismos dos conflitos internacionais. Tal como os volumes anteriormente publicados, este foi confiado a um historiador de um país neutro, assistido por uma comissão de personalidades originárias dos países em conflito, cujas sugestões e críticas ajudaram, incontestavelmente, à compreensão de uma história complexa. Do mesmo modo, um grupo de assistentes de investigação de diversas nacionalidades reuniu a documentação necessária, e não há a menor originalidade no facto deste livro ser o fruto de uma investigação colectiva, sob a responsabilidade de um entendido que assume a sua direcção e redacção.

Trabalho de história muito contemporânea, esta obra é baseada, antes do mais, em fontes impressas: debates parlamentares, debates nas Nações Unidas, livros brancos, imprensa. As entrevistas de um grande número de personalidades permitiram completar e corrigir esta documentação. Além de outras, este livro testemunha a possibilidade de escrever história «recente». É certo que o autor não dissimula os desequilíbrios devidos à riqueza e à precisão desiguais da documentação. Decisões fundamentais são descritas sumariamente, por falta de informações; outros acontecimentos, de menor interesse, são expostos longamente, pela razão inversa. Conhece-se melhor a política da Inglaterra do que a da Grécia e mais ainda da Turquia. Todas estas razões fundamentam a prudência das conclusões de F. Crouzet. Convenhamos, no entanto, que ele venceu muitíssimo bem a desvantagem devida à impossibilidade de consultar os arquivos oficiais. A sua familiaridade com a história britânica foi-lhe preciosa.

O «primeiro» conflito de Chipre opôs o Governo britânico, que detinha a soberania na ilha,

aos nacionalistas gregos cipriotas, apoiados pela Grécia. Terminou em Fevereiro de 1959 pela assinatura dos acordos de Zurich e de Londres, que previam a criação de um Estado cipriota independente. A determinação de se ter em Chipre não uma nação em formação mas dois fragmentos de nações existentes, que reclamam a união a Estados existentes. Também este conflito evoca os que a Europa Central e balcânica conheceu, quando minorias nacionais sob a soberania de um Estado aspiraram unir-se com outro. Último dos conflitos de nacionalidades e de religiões nascidos da liquidação do Império Otomano, toma uma coloração original, dado que a soberania original coube à Inglaterra.

Após uma primeira parte consagrada às raízes do conflito, François Crouzet traça as quatro fases da crise. A abertura do conflito, de Outubro de 1946 ao princípio de 1950, constitui uma fase anglo-cipriota, sem intervenção da Grécia, e menos ainda da Turquia. A tentativa de reformas políticas do Governo trabalhista malogra-se perante a oposição dos nacionalistas, que querem a Enosis. O «plebiscito» de 15 de Janeiro de 1950, organizado pela Igreja, marca o triunfo dos sentimentos enosisistas entre a comunidade grega. Do princípio de 1950 a Março de 1955, o conflito alarga-se e tende a tornar-se internacional: Atenas e Ankara são progressivamente levadas a intervir, ao passo que os nacionalistas endurecem. Com os primeiros atentados da EOKA, na noite de 1 de Abril de 1955, começa o recurso à violência: é a guerra de Chipre, até à oferta de tréguas de 14 de Março de 1957, e o impasse no plano político, que atinge o seu ponto alto com a deportação de monsenhor Makarios, em Março de 1956. De Março de 1957 a Março de 1959, as coisas encaminham-se, apesar do recomeço das violências, em 1958, para uma regularização e para um compromisso.

Ao longo daquilo a que ele chama, com um certo humor,

podem muito bem vir a ser clássicas no seio da literatura consagrada a este tipo de conflito.

O recurso à violência obrigou a Inglaterra a negociar. Estava convencida que o conflito punha em perigo a defesa do mundo ocidental, deslocando a ala direita da NATO. Londres não levava tanto a sério a possível evolução da Grécia para a neutralidade, como a da Turquia. Uma desinteligência irremediável entre os dois países teria desligado a Turquia da aliança ocidental. Ora, para muitos diplomatas ou militares britânicos, a Turquia era a aliada ideal. A tomada em consideração do «factor turco» vieram juntar-se dados estratégicos: depois da perda do Suez, Chipre tornava-se a única base importante, susceptível de permitir operações de policiamento local no Médio Oriente, símbolo da presença britânica. Portanto, se o Governo britânico desejasse pôr fim ao conflito, o «factor turco» e os imperativos estratégicos limitavam singularmente a sua liberdade de acção. Neste sentido, se as violências da EOKA tinham sido compensadoras, ao colocar o problema de Chipre no plano internacional, haviam «introduzido definitivamente o «factor turco» na equação cipriota»: a Enosis afastava-se cada vez mais.

Depois do malogro da expedição do Suez, começa a delinear-se uma revisão da política britânica, e o papel estratégico de Chipre é considerado: os preparativos da expedição do Egipto mostraram, de resto, as insuficiências da base. Porém, o governo inglês continua convencido que toda e qualquer solução deve ser aceite, simultaneamente, pela Grécia e pela Turquia. Será preciso esperar pelo fim de 1958 para que o receio da partilha e da guerra civil obrigue monsenhor Makarios e o Governo grego a abandonar a autodeterminação para a independência. Na sua entrevista de 21 de Setembro de 1958 em Barbara Castle, monsenhor Makarios sugere que Chipre «se torne um Estado independente que não esteja ligado nem à Turquia nem à Grécia». Assim, depois dos motins entre turcos e gregos, no Verão de 1958, toma consciência que não é possível impor uma solução à qual os turcos sejam hostes. O

Peligom

Peligom é o "cola-tudo" indispensável no escritório, na escola ou em casa

É muito prático para colar papel, madeira, couro, tecido, vidro, porcelanas, fotografias, etc.



É transparente,
seca rápido
e é muito económico

Pelikan

DISTR. CANAL 1

GANHA POUCO?

Obterá melhores vencimentos tirando um dos cursos:

- ★ DESENHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- ★ PROGRAMADOR DE COMPUTADORES
- ★ DECORAÇÃO DE INTERIORES
- ★ CONTABILIDADE

A ÚNICA EMPRESA QUE ASSEGURA O ESTÁGIO
**INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO
TÉCNICO ACELERADO**

R. Nova do Almada, 81, 3.º, Dt.º-LISBOA-Telef. 325677

ASTRÓLOGO — RONDE

Trata e resolve todos os seus problemas mesmo os que julgue muito difíceis. Rua Emília das Neves, 23-1.º - Frente Telefone: 70 50 07 BENFICA.

ESTÉTICA FEMININA

TIRE UM CURSO DE BELEZA
COM INÍCIO EM OUTUBRO

Informações MEI INA PATSAN Telef. 53 85 16

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA

Av. João XXI, 5-D — R. Infância 16, 55-C — Lisboa

A C.P. INFORMA: ALTERAÇÃO DE HORÁRIOS (Zona Sul)

Por motivo dos trabalhos de renovação da via, em curso na Linha de Sado, entre Pinhal Novo e Setúbal, os comboios n.º 9021 e 9022 passam a circular pela Linha do Sul, conforme horário que consta do Aviso afixado nas estações.

Os passageiros destinados à Linha do Sado ou procedentes dela, têm o seu transporte assegurado por ligação em Lameira e em Pinhal Novo.

O percurso Pinhal Novo-Setúbal é assegurado por camionagem.

Como estes trabalhos são absolutamente imprescindíveis, para melhoria das condições de circulação na Linha do Sado, pedimos a melhor compreensão para os inconvenientes que possamos causar.

BISSELL
LIMPA-CARPETES
N.º 1 DO MUNDO
BISSELL
A SUA AMIGA FIEL

ASTRÓLOGA ELGA

Trata e resolve todos os problemas e assuntos de sua vida, mesmo sendo os mais difíceis. Só senhoras. Tel. 77 43 43.

Dual



HI-FI

DUAL tem o segredo da boa música!

Com os aparelhos DUAL V. escuta os sons mais subtis, gravados nos seus discos. Desde o mais simples gira-discos ao conjunto de HI-FI mais completo, DUAL oferece-lhe uma gama de modelos que triunfaram plenamente em todos os mercados mundiais, pela sua qualidade de reprodução e precisão insuperável. Isto é motivo suficiente para V. se decidir por DUAL.

**GENERAL ELECTRIC
PORTUGUESA SARL**

PORTO
R. Sá Bandeira, 585

LISBOA
R. Norte, 5

ACTUALIZAÇÃO ESPECIAL DAS EMPRESAS E DOS SERVIÇOS PÚBLICOS

SEMINÁRIOS DE

**DIRECÇÃO DE PESSOAL, e
GESTÃO, CO-GESTÃO e AUTO-GESTÃO**

nas pequenas, médias e grandes empresas, com a participação do

DR. AYMERIC SIMON LORIERE

Deputado da Assembleia Nacional Francesa

NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

de 10 a 18 de Outubro

Informações e inscrições para as poucas vagas existentes no

I. A. T. A. — R. Nova do Almada, 81, 3.º, Dt.º — Telef. 32 55 77

BAUME & MERCIER
GENEVE
1830



ALGUNS AGENTES EM LISBOA:

JOALHARIA DIVA **MANUEL CORREIA** **OURIVESARIA LISBOA**
Rua do Ouro, 176 Rua do Ouro, 248 Rua da Betesga, 2

PARTIDO LIBERAL

OS BASTIDORES DA "MAIORIA SILENCIOSA"

Ficheiros de individualidades várias, recortes de imprensa acerca do tema «reação», milhares de prospectos (muitos deles já metidos em sobrescritos prontos a seguirem para o correio), documentação diversa, enfim rolos e rolos de cartazes anunciando a frustrada manifestação da «maioria silenciosa» — eis algum recheio do Partido Liberal encontrado nas instalações da Sina, à Rua Braamcamp e entretanto arrolado por uma força do COPCON na sequência de denúncias formais trazidas ao conhecimento do M.F.A. no último fim-de-semana.

Entre a documentação arquivada estava, por exemplo, um telegrama da delegação do Partido em Santa Comba Dão a propósito da comissão administrativa nomeada para o Município local. Um «numeroso grupo de independentes» associava-se aos delegados do P.L. e protestava contra a composição. Telegrama dirigido, claro, ao ministro da Administração Interna, dr. Magalhães Mota.

Uma rápida vista de olhos pelos sobrescritos prontos para expedição revelou contextos com muita parte de profissões liberais, mas o Partido Liberal também enviava material de propaganda a Camaras Municipais, a Conservatórias do Registo Civil e Predial

e... à administração do «Diário do Governo».

Recordando a história do aparecimento deste partido dito da «maioria silenciosa» (como foi afirmado num comício em Cascais), tudo começou, obviamente, logo a seguir ao 25 de Abril, com uma comissão organizadora formada pelos srs. António Ávila, Osvaldo Aguiar, Dias Gonçalves, João Saldanha e Amandio Pinto. A sede provisória era então indicada como funcionando na Rua Rosa Araújo, 28, r/c. Mais tarde surgiria um numeroso directório nacional.

Estabelecido como «um grupo de reflexão e acção», em apoio (!) ao M.F.A., o Partido Liberal batia-se pela «ordem e segurança social», pelo «relançar da economia nacional» e pela «ate-



Milhares de cartazes prontos a serem enviados para todo o País

nuação dos mais gritantes problemas sociais até ao limite do possível.

Os seus lemas — ou o que divulgou em tom programático — seriam a «paz», a «justiça so-



Os milhares de sobrescritos dão-nos uma ideia das proporções da campanha desenvolvida pela reacção

O primeiro conflito em Chipre

Continuação da pág. 15

Governo grego, cujo chefe é Karamanlis, o ministro dos Negócios Estrangeiros Averoff, nacionalista realista, pouco sensível aos sonhos irredentistas, deseja uma regularização. Receia que o caso de Chipre comprometa a estabilidade interna do país e as suas alianças com os ocidentais.

Quanto à Turquia, ameaçada de isolamento após o golpe de Estado de Bagdade, e pressionada pelos Estados Unidos, abandona a sua intransigência. Porém, obtém para os turcos de Chipre garantias e privilégios que François Crouzet considera «inesperados». As linhas essenciais da constituição da República independente são fixadas pelos gregos e os turcos na conferência de Zurique: levam a um alargamento das garantias à comunidade turca. De facto, a regularização realiza uma «partilha não territorial» e instituições independentes para cada

uma das comunidades: intensifica, portanto, o conflito intercomunitário. Assim, as instituições supõem, para funcionar, o espírito de compromisso, mas multiplicam as ocasiões de fricção. O compromisso havia acordado vantagens consideráveis aos turcos. Certos dirigentes gregos — e a atitude de Grivas é característica — não tinham renunciado à Enosis senão com indiferença: eram inevitáveis, pois, novos conflitos, nos quais a intervenção turca daria necessariamente lugar a uma crise internacional.

Este livro, estudo exaustivo do «primeiro» conflito de Chipre, contribui muito para a compreensão dos conflitos internacionais. Peso dos nacionalismos herdados, papel das preocupações estratégicas, muito frequentemente desconhecidas, interação entre as preocupações de política interna e de política externa, sensível na atitude da Grécia como na da Turquia, outros tantos dados que esclare-

cem o «caso» de Chipre. François Crouzet não negligencia o papel dos homens. Aprender-se-á o retrato que traça de monsenhor Makarios, cujo sangue frio e energia, sugere o autor, dissimulam «um espírito inquieto e sensível», ou o de «Sir» Hugh Foot, o governador «liberal» nomeado no Outono de 1957, cuja «mistura de «visão» generosa e de realismo sólido» se insere nas melhores tradições anglo-saxónicas. Sobre tudo, este livro ajuda a compreender este paradoxo: a dimensão internacional que tomou um conflito que afectava algumas centenas de milhares de homens. Porém, ao longo da sua história, e como outras ilhas do Mediterrâneo, Chipre não esteve, sucessivamente, afastada e no âmago da «grande história»? O regime britânico, desde 1878, havia conservado em estado de hibernação um pedaço do Império Otomano. Era conservar um potencial explosivo perigoso.

cial», o «trabalho e produtividade ao serviço do homem», a «subordinação do bem particular ao bem geral», o «desenvolvimento equilibrado das forças económicas e sociais» e a «liberdade democrática contra o anarquismo». Advogava ainda a construção de uma sociedade nova na liberdade e na participação».

No já referido comício

de Cascais (noite de 16 de Agosto, Pavilhão dos Desportos) usaram da palavra, entre outros, os srs. José de Almeida Araújo e Gastão da Cunha Ferreira, pelo Partido Liberal e também Luís de Oliveira Dias (Partido do Progresso) e Carlos Fernandes (Partido Trabalhista Democrático Português). Um leque muito curioso da direita nacional.

NOVOS CURSOS

cial

CENTRO DE LINGUAS

Inscrições Abertas

LISBOA COIMBRA

T. 533733 T. 23173

CURSO COMERCIAL

ADM INSTITUTOS

Externato S. Vicente

R. Edith Cavell, 8 (ao Chile)

Tels. 84 88 64/5

ENSINO INTENSIVO

FILEME

EQUIPAMENTO PARA FILMAGEM

15a20out 74

STEPHANIE—SHOES—BOUTIQUE

SAPATEIROS DE LUXO

O SUCESSO CONTINUA

COM AS NOVAS COLECÇÕES
A PREÇOS ANTI-INFLAÇÃO

CALÇAS desde	270\$00
SAIAS desde	405\$00
CAMISEIROS desde	245\$00
CINTOS desde	90\$00
SAPATOS SENHORA	
SALTOS / CUNHAS ALTAS desde	489\$50
PRÁTICOS desde	229\$50
HOMEM SOLA COURO a	389\$50

A MODA AO SEU ALCANCE

VISITE-NOS E VERÁ

R. ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 16-A — (Junto à Praça do Chile)

SEM PAGAMENTO
DE SISA ADQUIRAANDARES
PRONTOS A HABITAR3 BOAS ASS. • GRANDE HALL •
MARQUISE FECHADA • AQ. ELÉCTRICO
E MUITO BONS ACABAMENTOS
VENDEM-SE OS QUE RESTAMFACILITAMOS O PAGAMENTO A 15 ANOS
NO SEU INTERESSE CONTACTE-NOS.BATIMATE, SARL TELEF. 769680
AV. 5 DE OUT. 1874-75 • LISBOA 1 769091A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOSAv. Almirante Reis, 91-A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

GERAL

O 25.º aniversário da República Popular da China

Comemorou-se ontem no nosso país, o 25.º aniversário da fundação da República Popular da China. Por iniciativa da Associação da Amizade Portugal-China e das suas delegações regionais, efectuaram-se comícios populares em Leiria, Vieira, Santarém, Porto, Braga, Guimarães, Viseu e Lisboa.

Em Lisboa, cerca de cinco mil pessoas acorreram ao Pavilhão dos Desportos para saudar o povo chinês e celebrar a sua luta pela construção do socialismo. A abrir a sessão, foi guardado um minuto de silêncio em memória de Martins Soares, fundador da A.A.P.-C. e de Ribeiro Santos, assassina-

dos pela P.I.D.E. em 12 de Outubro de 1972.

Seguidamente, foi lida uma mensagem de saudação da Sociedade para a Amizade Alemã-Chinesa e dois comunicados da A.A.P.-C. Uma referia a agressão de que foram vítimas três elementos da associação em Leiria, a qual terá sido praticada na sexta-feira passada por elementos «que se identificaram como pertencentes ao P.C.P.». O outro, assinala o ataque a tiro, levado a cabo por um grupo de fascistas, na Praça da Figueira. Mais tarde, também seria lida uma mensagem de funcionários públicos.

A primeira oradora foi Vio-

lante Saramago, que focou vários aspectos da edificação socialista: a luta contra o imperialismo, pela independência nacional, pela paz, pela democracia. Outro orador consideraria o comício da Intersindical como «uma manobra divisionista» tendente a afastar a classe operária das comemorações do 1.º de Outubro.

Intervenção mais aplaudida da noite: Alda Saldanha Sanches, mãe do director de «Luta Popular». Leu, em tom calmo, a seguinte mensagem: «Aproveito este comício popular da Semana da Amizade Fraterna Portugal-China para dizer o seguinte: é perfeitamente inconcebível e lamentável que neste

momento tão grandioso para todos nós, não possa estar aqui presente um grande admirador da China e antifascista que no seu passado tantas provas deu. E não pode estar aqui por se encontrar no Forte de Elvas preso à ordem do tribunal militar por motivos irracionais que todos nós conhecemos. Numa altura em que as mães chinesas celebram alegremente ao lado dos seus filhos uma vida nova, eu não posso fazer ao lado do meu filho. Sou a mãe de José Luis Saldanha Sanches».

Outros oradores falaram sobre «A Criança na República Popular da China», «Grande Revolução Cultural Proletária» e «História da China».

dade tanto para uma classe revolucionária como para uma classe contra-revolucionária.

Em resposta a este apelo o P.C.C. lançou uma grande ofensiva nos sectores do domínio ideológico.

A clique de Liou-Chao-Chi contra-atacou furiosamente.

Mao afirmava que a tal movimento visava principalmente os responsáveis do P.C.C. que se integraram na linha capitalista e que se devia proceder a estudos e inquéritos na sociedade, ao estudo e aplicação vivificante do pensamento revolucionário e também nos campos da literatura e da arte, à crítica contra a burguesia.

Mao apelava na «circular» de 16 de Maio de 1966 para que todos estivessem vigilantes.

O grupo do C.C. do P.C.C. encarregado da revolução cultural, estabelecida no seguimento daquela circular, aplicou firmemente a linha revolucionária proletária. E na 11.ª sessão plenária do C.C. do P.C.C. realizada em Agosto de 1966, o Presidente Mao presidiu à adopção da «Decisão sobre a grande revolução cultural proletária» que desmascarou oficialmente a linha revisionista de Liou-Chao-Chi.

A grande revolução cultural proletária na qual participaram centenas de milhões de revolucionários é uma grande revolução política que o proletariado dirige contra a burguesia e todas as outras classes exploradoras, é a continuação da longa luta que opôs o P.C.C. assim como as massas populares que ele dirigiu à reacção Kuomintangista, é a continuação da luta de classes entre o proletariado e a burguesia.

A Revolução Cultural proletária não visou apenas destituir alguns indivíduos, ela representou uma grande revolução no domínio da superestrutura.

O Exército Popular de Libertação, com uma experiência de quarenta anos de trabalho de massas, sendo simultaneamente um corpo de combate, um corpo de trabalho e um corpo de estudo, pôde facilmente penetrar no seio das massas e imprimir um desenvolvimento relativamente rápido à grande revolução cultural proletária por toda a China.

Os comités revolucionários nascidos nas tempestades da luta de classes encarnaram uma tripla união, entre os representantes do Exército, dos quadros e das massas entre as pessoas mais idosas, as de meia-idade e os jovens.

Angola: Costa Gomes dirige a descolonização

Continuação da pág. 1

temente criados no território com o objectivo de formarem um exército particular.

Os campos de treino foram organizados pelo Partido Democrático Cristão, pela Frente Unida de Angola (F.U.A.) e pela Frente de Resistência de Angola (F.R.A.), fundados pelos colonos portugueses pouco depois do 25 de Abril em Lisboa — prosseguiu.

O presidente do M.P.L.A. acusou-os de estarem a «organizar um exército para impedirem que sejam satisfeitas as legítimas aspirações do povo angolano».

Acrescentou que os três partidos têm ligações com a U.N.I.T.A., o único movimento de libertação em Angola que não é reconhecido pela Organização da Unidade Africana (O.U.A.).

SEDE EM KINSHASA

KINSHASA, 2 (ANI) — Pela primeira vez desde que entrou em luta pela libertação de Angola, o M.P.L.A. abre hoje a sede da sua secção em Kinshasa.

Nun comunicado de Imprensa, o M.P.L.A. afirma que a abertura foi decidida no âmbito da ajuda concreta e da solidariedade do Zaire para com os movimentos de libertação em geral e para com a luta do povo angolano pela independência, em particular.

As negociações para a abertura desta representação foram

levadas a efeito pelo presidente do movimento e vice-presidente da direcção provisória do M.P.L.A., Daniel Chipenda.

DESARMAR-SE OS CIVIS DE MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 2 (R) — O Governo moçambicano de transição lançou uma campanha para desarmar a população civil e impedir futuros surtos de violência.

«Passou o tempo em que havia necessidade de armas. Agora todos nós temos que trocá-las por instrumentos de trabalho e agir para a reconstrução do país» — disse pela rádio um porta-voz da Frelimo.

Forças portuguesas e da Frelimo estabeleceram bloqueios em pontos estratégicos das estradas e ruas de modo a controlarem o trânsito e procederem a buscas de armas.

A reincidência de manifestações brancas anti-Frelimo ainda não está posta de parte no que toca ao activismo racial.

Na cidade da Beira continuam a circular panfletos dos «Dragões da Morte», uma organização militante branca que tomou parte activa nas manifestações e conflitos raciais de Lourenço Marques.

Os panfletos avisam de consequências terríveis se o acordo de Lusaka não for invalidado.

No âmbito desse acordo, Portugal concordou em dar total independência a Moçambique em Junho do próximo ano.

Nenhuma anormalidade no funcionamento bancário

Continuação da pág. 1

dos trabalhadores bancários, cujo Sindicato aplicará sanções e denunciará às entidades competentes qualquer bancário que encubra ou colabore em qualquer operação tendente a favorecer a reacção (ou algum reaccionário), logo que descoberto.

São os seguintes os indivíduos cujas contas foram congeladas: Artur Mário Gallego Alvarez, António Alberto Castelo Franco Nogueira, Alcides Silva Albino Pereira, Álvaro José Castelo Branco Pimenta da Gama, Álvaro de Leite Antas, António Júlio Pereira de Sebes Alves Martins, Artur Agostinho, Bernardino da Silva Santos, Bernardo Mendes de Almeida (conde de Caria), Brás Monteiro, Carlos Alberto de Moura Figueiredo, Carlos Alberto Santos Neves, Carlos Isidoro Miranda Pessoa, César Moreira Baptista, D. Zoio (conde de Pavulo), Diocleciano Ferreira Silva Pinto, Diogo Francisco de Melo e Faro Maldonado Passanha, Elmano Alves, Fernando João Andressen Guimarães, Fernando Maria José Araújo Bobone, Fernando de Pina Ferreira Isasca, Florentino Goulart Nogueira, Gil Borges e Meneses, Hélio Grevy Pereira, Henrique Manuel Nogueira Nunes (Jardim), João Pedro Gíao Toscano Rico, João Pedro Mendes de Aragão Teixeira, Jorge Jeremias da Silva, José Carlos Botelho Moniz, José Gonçalves Narciso, José Horácio de Sousa, José Luis Assis Posser de Andrade, José Luis Pechirra, José Joaquim Arantes Pedrosa dos Santos, José Manuel Marques dos Santos Costa, José Manuel Granaideiro Carvalho Cerqueira, José Manuel do Casal Ribeiro Tavares, José Runon Correia, Luís Filipe Moura de Oliveira, Luís

Manuel Caldeira Castelo Branco Cordovil, Manuel Joaquim Gim Botto, Manuel Maria Múrias, Margarida Maria Mendes de Aragão Teixeira, Maria Júlia Loureiro (Jardim), Nuno José S. Alves Caetano, Raul dos Santos Fernandes, Reginaldo Benvidio de Paiva Frazoa, Rogério Figueiroa Rego, Silva Cunha, Walter Candido Ventura, Comodoro Álvaro Valente Araújo, general Barbieri Cardoso, general Pereira de Castro, general Kaulza de Arriaga, brigadeiro Augusto Jesus Remígio, coronel António Pereira Santana, coronel Irineu Mota, coronel Joaquim Soares, major Boraldo, major Adão Graça, major Ernesto Augusto Antunes, capitão Alpalhão, alferes miliciano João Pedro da Fonseca, furriel miliciano Bettencourt Correia e Ávila, soldado recrutado Pedro José Mendes de Aragão Teixeira, Orlando da Silva Canavaro de Almeida, Vasco Perdigão Pimentel Alpoim, coronel Abílio de Oliveira Ferro, capitão António Ernesto Ferreira, coronel José Luis Almeida Azevedo, coronel Rui Vasques de Mendonça, capitão aviador Henriques Augusto Tomé, Abel Simões Virgílio, capitão Armando Martins de Araújo, Daniel Martins P. M. Veloso Ferreira, Domingos Fernandes Moreira, João Augusto de Almeida, coronel Napoleão Pita Vieira de Amorim, João do Carmo Correia Botelho, Telmo Rui Val da Fonseca, Fernando Elias Pimenta de Sousa, Francisco António Gonçalves, capitão António Manuel Campos, José António Saldanha Sousa Meneses, José Pedro de Brito Fontes e António Gerales.

Esta é a primeira lista divulgada, admitindo-se que venha a ser substancialmente aumentada.

1 de Outubro de 1949. O povo chinês

Liberta-se das suas cadeias milenárias e irrompe da longa noite da opressão feudal e do domínio imperialista. Colocando sempre «a política no posto de comando», consciente de que «o poder está na ponta da espingarda» e apoiando-se nas suas próprias forças, o povo chinês ousou lutar e ousou vencer as malhas da exploração, da fome e da miséria mais desenfreada. É instaurada a ditadura democrática e popular. O poder político dos operários e dos camponeses é conquistado pela força das armas, ao cabo de vinte e oito anos de luta dura, de sangue e sacrifício. Na véspera daquele importante facto histórico, Mao Tsetung declarava solenemente perante os povos do mundo inteiro: «Hoje, o povo chinês, que representa uma quarta parte da humanidade, pôs-se de pé». Assinalando esta data, de grande significado para os povos oprimidos de todo o mundo, apresentamos, de um modo sumário, alguns aspectos da caminhada heroica do bom povo chinês para a edificação da sua grande pátria socialista.

Nos 25 anos transcorridos, as massas populares chinesas, guiadas pela classe operária e pelo Partido Comunista da China, realizaram espantosas transformações revolucionárias. Após o triunfo, em 1949, da Revolução Nacional e Democrática — a guerra mais prolongada, encarnizada e dura da história da revolução proletária — o povo chinês obteve grandes vitórias na edificação do socialismo. Erguendo-se como um gigante das longas trevas feudais, a China socialista tornou-se uma poderosa força política na luta contra o imperialismo.

ETAPAS DA REVOLUÇÃO

Fundando-se na união íntima do marxismo-leninismo com a prática concreta da revolução no seu país, Mao mostrou que a revolução chinesa era a continuação da revolução de Outubro (na União Soviética, 1917). O processo revolucionário chinês compreende duas etapas. Democracia nova e socialista. Democracia nova; aliança de todas as classes opostas ao feudalismo, ao imperialismo e ao capital burocrático, sob a direcção da aliança operária-camponesa. A etapa da democracia nova, primeiro porto na rota do socialismo e do comunismo, conheceu quatro fases históricas: guerra civil revolucionária; guerra civil agrária; guerra de resistência contra o Japão e guerra de libertação popular.

1.ª guerra civil — Mao submete a uma análise concreta a situação concreta das diversas classes da sociedade chinesa e as respectivas atitudes políticas. Resolve a questão de saber quem são os nossos inimigos, quem são os nossos amigos? O proletariado é a força dirigente da revolução. Os seus aliados são o semi-proletariado e a pequena-burguesia. O inimigo são os senhores da terra, os burocratas, os compradores e os grandes proprietários ligados ao imperialismo. Mao luta contra o oportunismo de direita e de esquerda. Primeiras insurreições armadas, levando à prática o poder está na ponta da espingarda.

Cria-se o 1.º Exército Vermelho de operários e camponeses. Alastra a guerra dos camponeses para inúmeras regiões. Mao explica o modo de tomar o poder: estabelecer bases rurais, cercar cidades e só depois tomá-las. De 1927 a 1934 surge o liquidacionismo, o cisionismo e outras tendências direitistas; e linhas oportunistas de esquerda que conduzem à cisão, ao sectarismo, aventureirismo.

As bases do Exército Vermelho são destruídas. Em plena Longa Marcha, o Departamento Político do Comité Central do P.C.C. derrota, em célebre reunião, a linha oportunista de Wang Ming. A Longa Marcha sai vitoriosa. O Exército Vermelho constitui-se em destacamento para a resistência ao imperialismo japonês.

1937: guerra de resistência. Frente unida antijaponesa. Prossegue a justa política de desenvolver as forças progressistas, ganhar as intermédias e lutar as irreduzíveis o P.C.C. toma a direcção do movimento nacional anti-imperialista, derrotando, uma após outra, as campanhas anticomunistas do Kuomintang. 1940: movimento de rectificação no estilo de trabalho no seio do Partido. 1945: VII Congresso do Partido, congresso de vitória e unidade que encorajou centenas de milhares de homens na sua vontade de combater e na sua confiança em vencer.

Depois da vitória sobre o agressor imperialista japonês, Chang Kai Chek desencadeia a guerra civil, apoiado pelo imperialismo americano, para tentar destruir o Partido Comunista da China.

Edificar um país de democracia nova, das largas massas populares, sob a direcção do proletariado ou um país semicolonial e semifeudal submetido à ditadura dos grandes proprietários e da grande burguesia — tal era a questão que se levanta-

va. Mao combate as teses reaccionárias de Liu Chaochi. O povo chinês responde: taca o taco aos reaccionários: o imperialismo é um tigre de papel, diz Mao em relação à agressão americana. Dirigidos por Mao o Exército Popular de Libertação e todo o povo derrotam o exército do reaccionário Chang Kai Chek e dos imperialistas americanos, libertaram praticamente todo o território chinês e permitiram a fundação da República Popular da China. A fundação da R. P. C. marca o início da revolução socialista. O Partido Comunista apoia-se no exército para fazer a guerra e mobilizar as massas. Aplicando a linha do Partido, o Exército Popular de Libertação destruiu a máquina do Estado da ditadura dos grandes proprietários e da grande burguesia e instaurou o poder do povo.

1953: vencida a ofensiva desesperada da burguesia. Mao inspira-se na doutrina de Lénine quanto ao período de transição, formula a linha geral do P.C.C. Realizar gradualmente, num período bastante longo, a industrialização de um país e a transformação socialista pelo Estado da agricultura, do artesanato, assim como da indústria e do comércio capitalista. Liou Chao-Chi e os seus comparsas lançam provocações no VIII Congresso numa tentativa vã de impor no Partido as suas ideias reaccionárias. Mao publica uma obra brilhante: Da justa solução das contradições no seio do povo.

Graças aos amplos debates realizados por toda a China os direitistas burgueses foram isolados e os revisionistas do bando de Lion Chau Chi desmascarados. Em 1958 Mao formula a linha geral: «edificar o socialismo segundo os princípios avançar sempre; quantidade, rapidez, qualidade, economia». «Esta linha coloca a política no posto de comando; insiste na combinação de direcção do P.C.C. com largas massas, estipula que se deve tomar a agricultura como base e a indústria como factor dominante e define toda uma série de princípios. «Marchar sobre as duas pernas».

A décima sessão plenária do C.C. do VIII Congresso do P.C.C. que se realizou em Setembro de 1972 teve um grande significado histórico.

Mao lança então a todo o Partido, a todo o exército e a todo o povo o grande apelo: «nunca esqueçais a luta de classes!» E disse ainda: «para derrubar um poder político começa-se sempre a preparar a opinião pública e por agir no domínio ideológico. Isto é ver-

RENDAS DE CASA

Terão de ser os inquilinos os primeiros a não colaborar com a irregularidade dos senhorios

Da Secretaria de Estado da Habitação e Urbanismo recebemos o seguinte comunicado:

A recente publicação do Decreto-Lei n.º 445/74, vulgarmente conhecido por Lei das Rendas de Casa, suscitou, como seria de prever, reacções críticas, além de inúmeras dúvidas de interpretação no público e funcionários camarários a quem são pedidos esclarecimentos.

Dando provas de rápida adaptação aos objectivos que se visam com o diploma, as Câmaras Municipais, na sua generalidade, estão a criar o serviço de

controlo e de informação pública que se lhes atribui e que melhorará com a prorrogação, até ao dia 20 de Outubro, do prazo inicial das declarações.

A reacção havida, por parte de promotores imobiliários, proprietários de prédios para alugar, revendedores, etc também é compreensível, apesar de se reconhecer facilmente a precipitação com que se estão a tirar conclusões catastróficas de disposições legais que, por si só, não podem ter as consequências para o sector que se lhes atribuem.

Com efeito, o desincentivo ao investimento em prédios para rendimento é muito anterior à promulgação do presente decreto-lei e decorreria sempre de quaisquer medidas anti-inflacionárias que o Governo tomasse. Estas medidas existem na maior parte dos países europeus mais ou menos liberais, sempre com o carácter transitório do diploma agora publicado.

Não pode deixar de notar-se que, ao atacar as medidas restritivas — aliás para muitos insuficientes — afirmando que alteram o regime de mercado livre, os interessados defendem, embora sem o dizer, a continuação da subida nos valores das vendas e das rendas, que vinham praticando e que constitui um dos principais factores da alta de custo de vida e da inflação.

Também a limitação do regime de demolições, que agora se introduziu, é atacada em nome da satisfação das carências habitacionais existentes, quando é

bem conhecido que a substituição dos edifícios tinha como fito dominante a «actualização» das rendas, com sacrifício sobretudo das classes de mais baixos rendimentos. As Câmaras Municipais com áreas centrais mais valorizadas ou degradadas são as primeiras interessadas na abertura de novas zonas de renovação urbana e não deixarão de o fazer a curto prazo.

Está o Governo certo de que, passado um período de reacções emocionais e após exame do conjunto de medidas incentivadoras já em prática ou prestes a serem emitidas, a promoção imobiliária procederá à necessária revisão da sua política desde a redução dos valores «artificiais» dos terrenos urbanizáveis, à obtenção da economia global da construção à utilização dos esquemas de crédito, à construção para casa própria ou renda limitada com procura assegurada, medidas de política que virão a ser progressivamente melhoradas e alargadas.

Além destas medidas que se destinam a auxiliar a reconversão do sector imobiliário, a indústria da construção propriamente dita tem já conhecimento do lançamento recente de empreitadas públicas, as primeiras de um importante programa de construção habitacional, que se está a assegurar técnica e financeiramente.

Também por parte de associações de defesa do inquilinato houve reacções de decepção por razões opostas — quanto à insuficiência, no curto prazo, dos

efeitos esperados do abaixamento geral das rendas, efeitos que, no actual contexto, teriam necessariamente repercussões incontroláveis no sector produtivo de que os trabalhadores seriam seguramente as primeiras vítimas.

Os efeitos esperados que, não sendo espectaculares, poderão ser sensíveis, se não imediatamente, pelo menos a curto e médio prazo, dependem do rigoroso cumprimento das disposições, pelo que terão de ser os próprios inquilinos interessados os primeiros a não colaborar em irregularidades que lhes sejam propostas e a vigiar, em colaboração com as Câmaras respectivas, o exacto cumprimento da lei, designadamente quanto à pronta declaração pelos proprietários da existência de casas para alugar.

A Secretaria de Estado aproveita a oportunidade para apoiar o apelo neste sentido que a Associação de Inquilinos Lisbonenses fez no seu comunicado, apesar de não ter deixado de expor as suas críticas ao diploma. Em relação a algumas das críticas, apenas se deseja afirmar, de momento, que o diploma em causa não regula as questões do inquilinato, mas tão somente os valores dos novos arrendamentos. Vai ser brevemente constituído um grupo de trabalho, com a participação das associações interessadas, destinado a aperfeiçoar ou alterar a legislação geral sobre este importante conjunto de questões.

Já se pode aparcar no silo da Alameda

Poucos automobilistas se lembraram de que o auto-silo da Alameda D. Afonso Henriques abria ontem ao público e ainda por cima com estacionamento gratuito durante os primeiros sete dias. Menos de cem automóveis lá apareceram.

A entrada deste novo parque subterrâneo (de cinco pisos) faz-se junto à estação do Metroropolitano. Meio milhar de veículos é a sua capacidade total de estacionamento, aos seguintes preços cobráveis a partir da próxima terça-feira: das 8 às 20,

na 1.ª e 2.ª horas, 3\$50 por hora, decrescendo para 3\$00 na 3.ª e 4.ª, depois 2\$50 na 5.ª e 6.ª e finalmente 2\$00 da 7.ª à 9.ª; das 20 às 24, na 1.ª e 2.ª horas, 3\$50 e depois 3\$00 na 3.ª e 4.ª; das 24 às 8 da manhã seguinte, 1\$50 por cada hora ou fracção.

O acesso de peões aos diferentes pisos é por elevadores ou por uma escada implantada perto da Avenida Almirante Reis. No restante, nada que se não conheça já do idêntico silo dos Restauradores.

As companheiras que ficaram na sombra

Continuação da pág. 8

todos os outros. Ficava tudo na miséria. E se tentávamos arranjar subsistências, éramos presos.

«Agora, entre nós, vai-se assistir, financeiramente, a mais um sacrifício do povo em favor de quem o defraudou até ao máximo. Depois do patriótico Movimento das Forças Armadas, que lançou o País na esperança de uma justiça para o povo, com o seu aliciante programa, assiste-se à libertação de figuras de alta responsabilidade política e cúmplices do regime fascista. Não podemos deixar de ficar preocupadíssimos com o traumático psicológico que resulta destes factos de veras alarmantes.

«Referindo-se ainda ao general Galvão de Melo também me admira bastante ele ter lido mais de uma vez na televisão uma carta que dizia ser anónima, o que já parecia o folhetim do «Simplesmente Maria...» No entanto, eu recebi inúmeras cartas, bilhetes e telefonemas anónimos, insultuosos para mim e para o meu marido, e nunca ninguém o soube.

«Também é muito estranho o general Galvão de Melo dizer que a Penitenciária é uma prisão horrível, pois no tempo das prisões do meu marido, em que não havia hospital para os presos políticos, eles ficavam muito satisfeitos quando iam para a Penitenciária, como aconteceu ao meu marido, ao dr. António Sérgio e tantas outras pessoas de categoria, cujo nome não me ocorre. Sim, é que esses desgraçados iam para os curros do Aljube. E uma das ocasiões em que o meu marido foi preso e es-

tava doente, foi para a enfermaria do Linho.

— Há uma grande complacência em relação aos Pides.

— É muito cedo para esquecermos tudo o que eles fizeram. Pelo contrário, é preciso não esquecer. Olhe, uma vez à saída do Café Londres, o meu marido foi atacado por cinco valentões da Pide ou da Legião, que lhe puseram os olhos negros. Parece que também ficaram servidos, segundo afirmou um oficial amigo dele, que conheceu um Pide que lhe falou no caso. Aliás o incidente veio relatado no Diário de Lisboa de 11 de Dezembro de 1966.

«E agora não quero acabar sem dizer ainda uma coisa, embora saiba que esta conversa está muito longa. Mas você depois corta. É que não posso deixar de me referir mais uma vez à figura excepcional do general Humberto Delgado, para prestar homenagem ao seu espírito combativo, à sua coragem, ao seu heroísmo, à sua inteligência e ao seu grande amor à Pátria. A Junta e o Conselho de Estado já lhe deviam ter dado a reintegração. Era um dever dar a pensão de reforma à esposa. Tenho mais uma coisa a dizer à Junta de Salvação e ao Conselho de Estado: é que já devia ter reintegrado todos os que estão demitidos. Parece que estão à espera que estes homens, quase todos com mais de 80 anos, morram, para depois lhes concederem, a título póstumo, os postos e os direitos que lhes pertencem por nunca se terem curvado ao despotismo de Salazar. Muitas vezes com risco da própria vida.

Esclarecimento sobre uma detenção

Para os devidos efeitos, «J. Gomes dos Santos Ld.ª» comunica que o detido pelo Movimento das Forças Armadas, Fernando Isasca, não é sócio da firma pelo que carece de fundamento a notícia posta a circular pelo Sindicato dos Bancários.

Admirável novo público do Teatro de S. Carlos

Continuação da pág. 3

Freitas Branco, desde há dois anos vem tomando contacto, através da possibilidade de assistirem aos ensaios gerais, com a vida artística do S. Carlos e, também, por intelectuais, artistas, escritores que habitualmente não frequentam S. Carlos e que ali foram aplaudir os artistas do Bolchoi, agora, mas não foram ali ou ao Coliseu, há dois anos, aplaudir os bailarinos, também russos, de Kiev. Porque? Tratar-se-ia de uma questão de datas: antes e depois do feliz 25 de Abril?

Adiantem Sem procurar ofender o autor do *Malta* em questão, terei de dizer que o mesmo *Malta* não é verdadeiro. Vejamos...

... Não é verdade que o antigo tradicional público de S. Carlos fosse pródigo de aplausos; bem pelo contrário e muitas vezes a crítica o atacou pela *sno-be* frieza com que recebia excelentes espectáculos e grandes artistas. E como fiz já notar, o S. Carlos tinha e tem vários públicos — o público da ópera, o público dos concertos e o público do *ballet*; o público da noite e o público da tarde; o público de «antes do 25 de Abril» e o público de «depois do 25 de Abril». Meter todas estas camadas de público dentro da mesma medida é generalizar demais e, so-

bretudo, perpetuar uma grave injustiça: em referência ao público antigo, tradicional, há um abismo entre a gente endinheirada, bem fornecida de jóias, *sno-be* e fria e a gente que se utilizava dos lugares oficiais, esta, ignorada mas igualmente *sno-be* e fria que caracterizava a assistência da noite e a gente que verdadeiramente ama a música e o *ballet* e que, com grande sacrifício das próprias bolsas, frequentava (utilizando os lugares mais baratos) os espectáculos da noite e esgota as lotações dos espectáculos das tardes.

... Se é verdade que, sempre, houve «históricos bravos» (*bravo* na expressão fonética francesa) nos espectáculos de *ballet* em S. Carlos — aliás os delirantes aplausos provinham quase sempre da parte das inúmeras alunas e alunos de *ballet* a quem sempre foi facilitada a entrada em S. Carlos e nem sempre da assistência tradicional... a verdade é que, ao contrário do que a *Malta* afirma, também desta vez se ouviram em S. Carlos delirantes e histéricos aplausos ovacionando tudo o que os artistas russos do Bolchoi executaram. Poderei até dizer que se ouviram muito mais demorados e entusiásticos aplausos do que habitualmente. E se não caio em erro, até é fácil de entender o facto: é que os habituais entusiasmos dos muitos alunos

de *ballet* (que facilmente se deixam arrebatar pelo entusiasmo e ainda bem) se juntaram desta vez os sinceros e puros aplausos de uma camada de jovens que pela primeira vez via *ballet* e ainda de alguns que aplaudiam só porque se tratava de artistas russos e, mais, porque pela primeira vez em S. Carlos se podia assistir a um espectáculo de *ballet* sem a obrigatoriedade do traje de cerimónia e a presença incómoda de inúmeras entidades oficiais antigas e seus familiares.

... Os verdadeiros conhecedores de *ballet*, sem desprezarem a excelente, a surpreendente qualidade técnica e artística da maior parte dos bailarinos russos que agora actuaram em S. Carlos mas também sem deixarem de notar a falta de actualidade, modernidade e interesse estético das obras (quase todas só em excertos) apresentadas, a heterogénea organização dos programas, a pobreza teatral e, por vezes, as deficiências da maior parte das obras dadas... os verdadeiros conhecedores de *ballet* estranharam até o calor, o entusiasmo, a alegria com que (e desta vez sim) tudo foi aplaudido.

Pessoalmente — e fui (com justiça) dos raros críticos que não desancaram os espectáculos do Bolchoi em S. Carlos e no Coliseu — esse calor e

esse entusiasmo, essa alegria com que os bailarinos russos foram então recebidos e ovacionados pela jovem camada de público do S. Carlos não constituíram qualquer mistério nem qualquer estranheza. Bem pelo contrário; entendi-os e achei certo e salutar: há tudo a esperar de um público que, assim tão sinceramente, se entusiasma ao tomar contacto, pela primeira vez, com uma expressão de arte. Não sabe ainda separar o trigo do joio... não interessa, um dia saberá! Para já, tem de muito positivo o entusiasmo e a lealdade de o não esconder. E, também, não deixa de ser salutar o entusiasmo daqueles que aplaudiram só porque se tratava de artistas russos, de comunistas, se assim quiserem: a Rússia — a imperial e a soviética — merece bem, pelo facto de ter feito pela arte do *ballet*, a grã-dão daqueles que a amam e a Rússia soviética merece bem, pelo facto de ter feito com que o *ballet* deixasse de ser uma expressão de arte aristocrática e se tornasse um espectáculo popular — no que, depois, foi seguida por outros países — as homenagens de todos os que acreditam na força e na necessidade da arte e da cultura.

... «Admirável novo público do S. Carlos», exclamaria o Aldous Huxley se lá estivesse numa daquelas noites.

NOTARIADO PORTUGUÊS ELO TÉCNICO — SOCIEDADE DE ELECTRICIDADE, LIMITADA

Eu, abaixo assinado, ajudante do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, 202, rés-de-chão, certifico para efeitos de publicação que por escritura de 12-8-74, lavrada nas notas deste Cartório no livro A-162 de folhas 40 verso a folhas 44, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá nos termos e condições constantes dos artigos seguintes:

1.ª A sociedade girará sob a denominação ELO Técnico — Sociedade de Electricidade, Limitada, vai ter a sua sede, provisoriamente, na Rua Rodrigo Cabrilho, número 8 rés-de-chão, freguesia de São Francisco Xavier, em Lisboa e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

2.ª O objecto da sociedade é a importação, exportação, comercialização, reparação e instalação de equipamentos eléctricos, telefónicos e similares, podendo dedicar-se a qualquer outra actividade em que os sócios acordem.

3.ª O capital social é de 100 000\$00, encontra-se integralmente realizado a dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios: 1 quota de 50 000\$00 de Manuel Rodrigues e 1 quota de 50 000\$00 de José das Neves Rodrigues.

4.ª A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento da sociedade, ficando ainda, neste caso, atribuído a esta, em primeiro lugar, e aos sócios não cedentes, em segundo lugar, o direito de preferência.

5.ª A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer sócio que haja sido penhorada, arrestada ou por qualquer motivo sujeita a arrematação judicial.

6.ª A amortização será feita pelo respectivo valor nominal da quota, deduzindo-se a este valor o montante de quaisquer dívidas, vencidas ou vincendas, que o sócio tenha contraído pessoalmente para com a sociedade.

7.ª Todos os sócios são gerentes, com dispensa de caução e com ou sem retribuição conforme for deliberado em assembleia geral e nos termos em que for.

8.ª Para que a sociedade se considere validamente obrigada em todos os seus actos e contratos é necessária a intervenção conjunta dos 2 sócios gerentes;

9.ª Em actos de mero expediente ou em endossos de cheques para depósito em contas da sociedade, é suficiente a assinatura de um sócio gerente.

10.ª Fica expressamente vedado aos gerentes e mandatários obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao seu objecto e interesses, tais como fianças, abonações, avales, letras de favor e outros de natureza semelhante.

11.ª Todos os sócios em conjunto poderão delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, num ou mais sócios.

12.ª A sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos previstos no artigo 256 e seu parágrafo único do Código Comercial, ou para quaisquer outros fins.

13.ª As assembleias gerais, nos casos em que a lei não exija outra forma, serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência de 8 dias, pelo menos.

14.ª Os lucros e perdas da sociedade serão divididos pelos sócios proporcionalmente às suas quotas.

15.ª Único: Antes de repartidos os lucros será retirada a percentagem de 5 por cento para o fundo de reserva legal.

16.ª A sociedade dissolve-se nos casos determinados na lei e pela deliberação da maioria dos sócios tomada em assembleia geral.

17.ª Dissolvida a sociedade serão liquidatários todos os sócios, que entre si acordarão quanto aos termos da liquidação e partilha.

18.ª Na falta de acordo, poderá qualquer dos sócios exigir a liquidação por via de liquidação do estabelecimento comercial.

19.ª No caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio a sociedade continuará com os sobreviventes ou capazes, com os herdeiros do falecido e com o próprio interdito devidamente representado, mas terão os herdeiros de escolher um que a todos represente na sociedade e, enquanto não for escolhido, serão representados pelo cabeça de casal.

20.ª Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original, no qual nada há em contrário ou além do que se certifica. Lisboa, 19 de Agosto de 1974

A ajudante,
(Maria Antonieta dos Santos Carrico Estevão)

DESPORTOS

QUATRO NO PALCO DO FUTEBOL EUROPEU

Cá estamos no tal dia em que (uma vez ao ano, pelo menos...) quatro equipas de clubes portugueses jogam a sorte da sua fama no conceito do futebol europeu. E, se uma delas (a do Benfica, na Taça das Taças) está na Dinamarca quase somente para apanhar ar e cumprir o programa, às outras três formações (muito especialmente a do Sporting, na Taça dos Campeões) a tarefa de seguir em frente parece árdua e deveras mirífica, especialmente em face do comportamento deste «onze» de Osvaldo Silva, a alternar o mais-ou-menos-bom com o medíocre ou (mesmo) o péssimo.

Isto, no que toca aos confrontos de maior incidência nos palcos do chuto na bola, porquanto na «consolação» denominada Taça da U.E.F.A., tanto o F. C. Porto (4-1 na sua bagagem, a dar esperanças de subida na rampa) como o Vitória de Setúbal (consentimento de empate a um golo, na que foi noite frágil da boa turma do Sado) podem ultrapassar esta primeira barreira e pensar (em termos de tesouraria e projecção) no adversário que iria salvar as finanças e dar um «jeito» para a tal exibição que se espera.

Os «teams» estão a um passo de sair aos relvados: já tudo está dito sobre as quatro faces desta 4.ª feira do futebol europeu, no que toca aos portugueses envolvidos na festa. Apenas um voto: que o desaire, tal como o êxito, não perturbe nenhum espírito. E faça, de cada apaixonado de um emblema (como de quem quer que assista aos «shows») somente um participante nesse grande festival de alegria e cor, juventude e beleza, que deve (e terá de ser) o futebol.

CAMPEÕES

Derrotado em Saint-Étienne por 0-2, o Sporting terá que obter três golos à melhor, o que tanto poderá ser extremamente fácil como inacreditavelmente difícil. O jogo realiza-se pelas 21 e 30, em Alvalade: oxalá ao clamor entusiástico da multidão correspondam os «leões» com um bom espectáculo.

Osvaldo Silva não tem «outros» problemas que não sejam a ausência de Marinho (lesionado) e a falta de pernas e má forma moral de todo o bloco... Nomes concentrados: Damas, Manaca, Bastos, Alinho, Carlos Pereira, Nelson, Paulo Rocha, Vagner, Dé, Yazalde, Dinis (os mais prováveis para alinharem inicialmente) e, também, Baltasar, Tomé o médio Valter, Chico, Zezinho, Matos e o estranho Joaquim Rocha. As grandes faltas: Fraguito e Laranjeira. Mas, será que (com o coração nas mãos) alguém pode jurar que os voltará a ver, (em pleno) nos campos em que eram profissionais da melhor água? Adiante.

Quem estiver interessado pode escutar a reportagem radiofónica de R.C.P. (a «Emissora da Liberdade»). O trabalho estará a cargo de Augusto Marques e do signatário desta crónica.

TAÇA

O Benfica vive nas calmas: na sua crónica da Dinamarca, o nosso camarada Orlando Dias

Por NEVES DE SOUSA

Agudo conta isso mesmo. São favas contadas: os «pobres» amadores da segunda divisão lá do sítio, que pé podem bater à categoria de profissionais de rótulo mundial?

Pavic já escalou o «team» de abertura: José Henrique, Artur, Humberto, Barros, Adolfo, Jaime Graça, Vítor Martins, Simões, Nené, João e Vítor Baptista, tendo como homens ali à mão o guarda-redes Bento e os seus colegas Toni, Malta da Silva e Moínhos, qualquer deles preparado para uma emergência. O espectáculo principia às 19 horas e será transmitido pelo Rádio Clube Português (ao microfone: Orlando Dias Agudo).

U.E.F.A.

Em boa consciência: o F. C. Porto terá de se esforçar imenso para conseguir salvaguardar a esplêndida vantagem com que se apresenta em Wolverhampton: o técnico Aimoré Moreira, «raposa velha» nas andanças da bo-

la, será decisivo na esquematização do jogo a desenvolver, embora exista o óbice da ausência de Flávio (lesionado e na pior forma de sempre), de «toques» mal curados em Abel e Teixeira, de certas mazelas que ficaram nos nortenhos como «recordações» do «show» no Restelo.

Pelas 19 e 30, no Molinex Park, devem alinhar pelo F. C. Porto os seguintes profissionais: Tibi, Murça, Gabriel, Rolando, Simões, Leopoldo, Rodolfo, Vieira Nunes, Cubillas, Gomes e Laurindo, colocando-se na linha lateral Lemos, Quim, Oliveira e as «incógnitas» Abel e Teixeira, que bem podem recuperar até à hora da chamada a exame.

De Inglaterra, igualmente R.C.P. transmitirá o relato do jogo, através da palavra de Rui de Melo.

E, passemos a Espanha: em Saragoça, o Vitória de Setúbal terá de se atirar para a frente, se quiser ultrapassar o nulo registado no Bonfim e seguir avante. José Augusto conta já com Jacinto João: o angolano estará (portanto) incluído no bloco que, às 21 horas, em «Romareda», entrará nas quatro linhas que circundam o relvado, ao lado de Joaquim Torres, Lino, Carlos Cardoso, José Mendes, Rebelo, Octávio, Matine, César, Campora e Duda, permanecendo à espera de ordens para trabalharem outros companheiros de emblema (José Torres, Vaz, João Cardoso, Vicente e Bio).

E é tudo. Bons espectáculos, dignidade, sorte para as equipas



Osvaldo Silva: o principio ou o fim?



Jordão e Nené: a Dinamarca vai fixar os seus nomes.

portuguesas, eis o que se deseja. Enfim: que qualquer sinal nos marcadores finais não seja maculado por atitudes de clubismo exacerbado ou por fanatismos que não podem prevalecer.

COM O BENFICA, NA DINAMARCA

O CANTO DA SEREIA

COPENHAGA . Leitor: se é adepto do Benfica e «sofre» com os jogos que o seu clube realiza no estrangeiro, desta vez não tem razão para roer as unhas à espera do primeiro golo. Os goleadores de serviço esta época (Jordão e Humberto) estão aptos a jogar e não vai ser desta que vão ficar em branco. Tudo isto, apesar de Simões me ter confidenciado que uma «crise» espreita à porta, disposta a entrar e a instalar-se no seio dos «16».

«O «capitão» adivinha este futuro breve, em conscienciosa análise ao jogo de domingo passado (em Leixões) tendo presente o facto de o encontro de hoje ser o 16.º desta temporada: que, para serem cumpridos, exigiram aos atletas percorrerem cerca de 35 mil quilómetros. O Benfica poderá estar (pois) à beira de uma crise física, que só virá emprestar, ao campeonato em curso, um mínimo de interesse e esperança para os dois Vitórias e para o clube das Antas.

Pouco interesse por este jogo de Copenhaga? Sim. Por tudo e por todos. Por tudo já que a eliminatória está ganha, não sendo de estranhar que a

vitória na Luz, há 15 dias, se repita nos números. Por todos, porque é reduziíssimo o interesse do público local, que «esqueceu» a festa combinada. Quando soube da ausência de Eusébio, nem o prémio anunciado aos amadores do Vanlose (um jantar melhorado) leva os dinamarqueses a acreditarem num feito que ficaria na história do clube. Por seu lado, os jogadores «encarnados» não irão desperdiçar (suponho) a oportunidade que lhes é estendida em

bandeja de prata, de guardarem seis notas de mil extra...

Nem um único jornalista foi ao aeroporto esperar a comitiva de Lisboa: apenas um dirigente do Vanlose, um português aqui radicado, um funcionário do consulado e, ainda, o represen-

lhe namoram o bolso. Mas, nem isso irá perturbar os profissionais portugueses, no embate com os amadores arredores desta cidade.

OS JORNAIS

São os próprios jornais de Copenhaga que dão o tom de indiferença ao jogo: até ontem (e hoje de manhã) não falavam nem do Benfica, nem do Vanlose. Falavam (isso, sim) de Portugal: tanto aqui em Copenhaga, como em Malmoe (onde fui ontem de manhã) os jornais de maior circulação falam da situação política em Lisboa, dedicando largos títulos nas primeiras páginas. Fotografias a duas e três colunas do presidente Costa Gomes assinalam a renúncia de Spínola tecendo comentários a favor da esquerda. Mas isso é outro futebol...

Especial para o «DL» Por ORLANDO DIAS AGUDO

tante de um clube dinamarquês, que procurou Simões para lhe propor um contrato como treinador. A história da Grécia, a repetir-se em Copenhaga.

Lugo, ao bater das 19 horas, que irá cantar a sereia? Naturalmente, um hino ao futebol «association», num jogo mais de exibição do que de procura de golos: porque Humberto terá tempo de pensar nas páginas já lidas de Jorge Amado, e Simões nas coroas dinamarquesas que

REGISTO

ATENEU: durante o corrente, a admissão de novos associados no Ateneu Comercial de Lisboa está isenta do pagamento de taxa. Igualmente na sede da colectividade (R. das Portas de Santo Antão, 110, Lisboa) continuam abertas as inscrições para diversas actividades gimnodesportivas.

BOXE: amanhã, pelas 18 e 30, na sede do Lisboa Clube Rio de Janeiro, tomam posse os novos corpos gerentes da Federação.

GINÁSIO: num cativante ofício, a direcção do prestigioso Ginásio Clube Português agradece a cobertura efectuada pelo nosso jornal à reunião em que foi apresentado o plano de trabalhos para o corrente ano desportivo. Fixamos a data: 6.ª feira próxima.

VOLEIBOL: inscrições para praticantes abertas no Atlético Clube de Portugal.

PUGILISMO: foi adiado para 29 do corrente o combate Cassius Clay-George Foreman, a disputar no Zaire.

FUTEBOL: como se previa, em face da conjuntura política vivida nesse dia, a reunião F. P. F. - Associações marcada para sábado último, não teve quorum pelo que foi estabelecido o próximo dia 12 para abordagem comum de problemas que pendem sobre o jogo.

ORIENTAL: reunião magna dos associados da colectividade de Marvila/João do Bispo, na noite de 6.ª feira próxima.

ESTÁDIO JOSÉ ALVALADE

2.º JOGO DA 1.ª ELIMINATÓRIA DA TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS SPORTING/ST. ETIENNE

Quarta-feira, 2 de Outubro às 21,30 horas

PREÇOS:

Senhas de camarotes	250\$00
Bancada Central	250\$00
Bancada Lateral	180\$00
Superior	100\$00
Geral	50\$00
Sócios	35\$00

Bilhetes à venda no Estádio

Espectáculo para maiores de 10 anos

Futebol é diversão

Aproveitando o belo tempo do último domingo, a equipa de futebol do Desportivo Estrela Azul (do Cacém) pegou na bola e nas botas e embarcou até Dagorda (perto das Caldas) para apanhar ar e dar uns pontapés na borracha. Brincou contra o clube local e, embora o desfecho do «placard» pouco importe, sempre devemos dizer que os «estrelados» levaram o couro mais vezes ao fundo das malhas do que os seus parceiros de confraternização: 6-0 foi a marca final.

O Estrela Azul regressou eu-

fórico ao Cacém. A rapaziada (João Sousa, Fernando, Tomás, Victor Manuel, Luís, João Gonçalves, João, Jacob, Benjamin, José Luis, Rendeiro e Hernâni, mais o massagista Carlos Ferreira e o orientador técnico Tony) subiu uns pontos na admiração dos amigos lá da terra. E, ainda a moer o lanche oferecido pelo Dagorda, logo se anunciou que haverá «reprise» desta feita já com o seu «famoso» defesa-direito António Inácio, que tem andado mal das «canetas».

DESPORTOS

O "AMADORISMO" CUSTA MILHARES DE CONTOS

O F. C. Porto, pela boca do seu vice-presidente (Delfim Ferreira) acaba de levantar um bom bocado do véu que encobria o pagamento de honorários e praticantes das chamadas «modalidades amadoras», que eram protegidas por uma Direcção-Geral de Desportos absolutamente alheia às situações reais. Soube-se, agora, que Dale Dover (o norte-americano importado pelo clube das Antas) ingressou no grémio «azul-branco» a receber 12 contos mensais; de tal modo ia fazendo pressão sobre os seus patrões que, a breve trecho, cobrava 34 notas de conto por cada mês de «trabalho». «Menos de metade do que pagava o Benfica a Harris» — acrescenta Delfim Ferreira.

Mais se ficou a conhecer. Por exemplo: 16 secções amadoras do F. C. Porto acarretam uma despesa anual da ordem dos 5.000 mil contos. Caso do andebol: 706 contos de despesa, 136 de receita. Sobre a hipótese do andebolista José Borges retornar ao Porto, afirma (a «O Norte Desportivo») o dirigente em equação:

— Segundo temos conhecimento, o jogador ingressou no Benfica, no ano passado, a troco de algumas dezenas de contos e, agora, os «encarnados» pretendem que ele devolva 30 contos para o «libertarem» para outro qualquer clube.

Voltando ao basquetebol: — No ano da conquista do título nacional (já se passaram duas épocas) o clube dispendeu com o basquetebol

2800 contos, auferindo uma receita de 2272. Na última época, as despesas foram maiores (1228 contos) e as receitas escassas (284 contos) originando um prejuízo de 944 contos.

Um salto ao hóquei patinado: — No tocante a prejuízo, a verba deste ano deve andar sensivelmente pela registada no exercício de 1973 (430 contos).

Atletismo? Responde (ainda) Delfim Ferreira:

— A despesa assinalada no último exercício foi de 162 contos e a receita de 20.

A respeito de Ginástica em 1973, verificou-se uma despesa na ordem dos 335 contos para uma receita de 106 contos. Voleibol: 319 contos de despesa e 39 de receita. Hóquei em campo: 105 de despesa e 7 (sete!) de receita. E o ténis de mesa? «Apenas» 103 contos de despesa e dois (2...) de receita.

Continua a entrevista em «O Norte Desportivo». E surgem mais números. Judo: 43 de despesa e 17 de receita. Bilhar: 17 de despesa e nada (nadinha) de receita. Pesca (oito praticantes): apenas despesa (28 contos). Xadrez: despesa de 10 contos. Finaliza-se com o boxe: ainda reportando-nos a 1973, a despesa foi de 39 contos e a receita de 3.

Perfeitamente de acordo em alguns aspectos: na protecção ao Atletismo, à Ginástica, aos desportos ditos «primários, básicos». Mas, há por aqui gastos que deixam água no bico. Por incompreensíveis, claro...

Estão a sair das fraldas os bebês de Peres Bandeira

Motivo de controvérsia, o futebol do Belenenses aparece-nos, neste princípio de época, possuído de inesperada potencialidade. Nem o mais optimista dos prosélitos do clube de Belém esperaria ver a sua equipa defrontar (com vantagem) um dos candidatos ao título de campeão, como é o caso do F. C. Porto. Na verdade, a exibição do «onze» de Peres Bandeira frente ao ambicioso grupo nortenho, não só merecia expressão favorável no marcador, como surpreendeu pela capacidade revelada pela maioria dos jogadores e, especialmente, pela acutilância, pelo poder atacante revelado pelos «azuis».

Quaresma e Godinho, à entrada dos trinta anos, prometem

mais duas ou três épocas de pleno rendimento. Freitas e Quinito já em «forma» apurada, são elementos experientes que atingem, agora, o máximo rendimento físico-técnico. Gonzalez e Pietra, dois executantes de primeiro quilate, encabeçam as promessas que Ramalho, Isidro e Pereira, hoje amplamente constituem.

Os pontos mais fracos da turma do Restelo encontram-se nos postos de lateral-esquerdo e de guarda-redes. De facto, tanto Melo (que tarda em acertar o passo) como João Cardoso (que de ano para ano tem vindo a perder qualidades) comprometem o sucesso do esforço dos companheiros. No caso do ex-unionista, parece evidente a necessidade de dar a Figueiredo ou mesmo a Alexandre (outro jovem com qualidades) a oportunidade de demonstrarem se são ou não capazes de prosseguirem no seu ofício. Bem mais simples ainda, nos surge o problema criado pelo limitado futebolista sacavenense. A juventude de Sambinha ou do «repeçado» Parreira além de não agravar a situação, aparece como solução a tentar, já que, em perspectivas mais latas, assegura rendimento incomparavelmente superior.

Para completar o «plantel» do Belenenses resta-nos, apenas, falar de cinco jogadores. Um é o brasileiro Eliseu, profissional de grande capacidade técnica, verdadeiro estilista e senhor de apreciável índice atlético.

mas a quem as frequentes lesões impedem a actuação regular e a consequente manutenção da «forma». Depois, outro ex-junior: o «colored» René, cujo futebol não tardará a atingir plano de evidência, logo que acompanhado de superior capacidade física. Finalmente, entramos no trio de suplentes de nível sensivelmente idêntico ao de Melo e Cardoso: Ernesto, Pincho e Alfredo. Com uma linha avançada composta por estes três profissionais, dificilmente a equipa de Belém obterá um golo. Alfredo (então) é o protótipo do futebolista de secretaria, que serve apenas para completar o quadro: em campo, a sua actividade (?) é confrangedora. Complicado é compreender como é possível a um clube — que dispensa jogadores como Ruas, Calado, Luís Carlos, e Murca, numa respeitável política de compreensão de despesas — manter ao seu serviço as três personalidades em questão. Melhor lhe fora, desfalcado uma vez mais de Carlos Serafim, ter deixado em aberto uma vaga para o «internacional» júnior Barreira, outro moço a prometer decente pontapear do couro.

Ao fim e ao cabo, o Belenenses (apertando os cordões à bolsa e abrindo a porta à juventude) parece ter conseguido juntar o útil ao agradável: apresentar uma equipa de futebol ao alcance da tradição. E, ou muito nos enganamos ou pouco tardará para que bem alto se fale nos «bebês de Peres Bandeira».



KARATE FECHADO

Embora o Sporting nada nos tenha dito a respeito encontrando-se em Portugal, já «apresentado a (alguns) órgãos da comunicação social», o sr. Chung Sun-Yong, que é mestre de Karate e possui o 6.º grau (correspondente a «cinto negro») na hierarquia do jogo. Segundo informa o «Record», ele tem 28 anos e vem para o clube de Alvalade dirigir uma secção de Taekwon-Do (Karate coreano) que os «leões» criaram com autorização da Comissão de Artes Marciais. Parece (ainda através do prezado colega a que nos reportamos) que o Sporting tem cerca de 300 inscrições e que o professor coreano fará brevemente uma demonstração da sua arte marcial, inédita em Portugal. Derá que a sessão decorrerá (igualmente) à porta fechada, só para amigos!

MOÇAMBIQUE LIBERTA-SE

A «Confederação Internacional de Futebol de Salão» (com sede no Brasil) recebeu o pedido de filiação de Moçambique.

O presidente da Confederação que também é presidente da F. I. F. A. e da Confederação Brasileira de Desportos (o sr. Havelange) estudará ainda esta semana a solicitação.

ANDEBOL NO PORTO: MOMENTO DE EXAME

No próximo dia 14, na sede da Associação de Andebol do Porto, realiza-se uma Assembleia Geral Ordinária, com o fim de tratar de vários assuntos, dos quais será a Apreciação, discussão, aprovação ou alterações do Relatório e Contas da Gerência de 1973/74.

No relatório apresentado aos clubes, vários pontos de interesse são focados: não só os que dizem respeito ao andebol de 7 como os da variante de 11. No documento, são feitas críticas, em especial à Federação, assim como se dá notícia de vários diálogos com clubes, colóquios e relações com outras associações, para terminar com a apresentação de vários mapas elucidativos do movimento financeiro.

Da série de colóquios levada a efeito, foi proposta uma agenda de trabalho com 10 temas, dos quais apenas dois tiveram discussão: O que será necessário para que se continue a praticar o andebol de onze? (apresentado pelo prof. Miranda de Carvalho) e O que é uma secção de andebol e seus condicionalismos no enquadramento da política desportiva do País (pelo técnico Manuel Jorge). Em relação ao primeiro assunto focado, chegou-se às seguintes conclusões: deverá fomentar-se a prática de andebol de onze a nível escolar; criar-se torneios ou campeonatos destinados às camadas juvenis; passaram a existir, dentro das Associações Regionais, departamentos directivos para o Andebol de onze; e, tanto quanto possível, deve igualmente

criar-se uma categoria de jogadores praticantes para o andebol de onze, independente do andebol de sete, deixando todavia que a opção se faça através de escolha ou conselho.

Conclusões a respeito do segundo tema: dentro das condições actuais, obrigatoriedade de cada secção de Andebol possuir uma categoria de iniciados, uma de juvenis e uma de juniores, podendo ter ou não a categoria de seniores: formação de dirigentes capazes de garantir a manutenção da secção: existirem instalações desportivas em que se possa fomentar a actividade da modalidade, dentro dos seus princípios da disciplina e da moral. Mais: cada categoria deve possuir um técnico devidamente credenciado e terá de existir apoio clínico e económico à modalidade.

Apenas um comentário ao segundo tema: que este estudo não sirva só para a região do Porto, pois cremos que muitas secções de clubes estão a precisar de total reforma. Não precisam de trabalho a planificar nada: basta seguir o que os outros tiveram o cuidado de fazer...

Voltando ao relatório: o capítulo de transferências mereceu um estudo pormenorizado, do qual destacamos o comentário final: É opinião da comissão, encarregada da elaboração deste projecto de Regulamento de transferências, que sendo funções da Federação Portuguesa de Andebol e das Associações a organização de competições que visem fundamentalmente a VALORIZA-

ÇÃO DO ANDEBOL PORTUGUÊS e como entende que a grande aglomeração de jogadores num mesmo clube em nada contribui para a concretização desse objectivo, que sejam eliminados do Regulamento de provas os chamados campeonatos de Reservas. Aliás, foi dentro desta base que foi elaborado o novo «Regulamento de Transferências».

No capítulo de «Relações Federação-Associação», diz-se, a certa altura: «manda a verdade dizer que nem sempre a acção desta Associação foi compreendida por alguns dirigentes federativos, com cargos específicos e, portanto, responsáveis por pelouros, aos quais tivemos muitas vezes necessidade de recorrer para expor os nossos problemas. A nosso ver, a máquina federativa nem sempre atendeu como devia as solicitações que lhe foram presentes por esta Associação. Não obstante todos os nossos esforços no sentido de que o mecanismo Tesouraria-Contabilidade funcionasse em perfeitas condições, dando respostas prontas e exactas ao que nos era solicitado, já o mesmo não acontecia quando era esta Associação a pôr os seus problemas em equação perante a F.P.A. Vimos, assim, gora das todas as nossas intenções de se atingir um binómio de compreensões e de soluções, que nos impossibilitou servir melhor o Andebol».

Como se vê, um ataque frontal e directo à «máquina federativa». Que este «alerta» da Associação de Andebol do Porto sirva

para modificar o que está mal, para bem e progresso do andebol neste País, que bem se deseja novo e varrido de ervas daninhas.

O FUTEBOL TRANSFERIDO PARA SÁBADO

Para que no próximo domingo a população participe no Dia Nacional do Trabalho os campeonatos nacionais de futebol (das três divisões) sofreram profundas alterações, com a quase totalidade dos encontros agora programados para sábado.

Assim, pelas 17 horas de sábado, efectuar-se-ão os seguintes espectáculos: Setúbal-Sporting, Atlético-Oriental, Farense-Espinho, Leixões-Boavista, Guimarães-Belenenses e Tomar-Cuf. Domingo completa-se a jornada com encontros nocturnos: Porto-Olhaneense (21 horas) e Benfica-Académico (21 e 30).

Todos os encontros da 2.ª e 3.ª divisão têm lugar no sábado, pelas 17 horas, com pequenas excepções: Salgueiros-Chaves (15 horas), Feirense-Fafe (21) e Oliveirense-Alba (21 e 30).

SPORTINGUISTAS!

HOJE

TODOS A ALVALADE

A EQUIPA NECESSITA DA PRESENÇA DO 12.º JOGADOR

SPORTING-ST. ÉTIENNE

ESTÁDIO JOSÉ ALVALADE, ÀS 21.30

SPORTING SPORTING SPORTING

EDITAL

AURÉLIO DE SOUSA, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Sesimbra.

Torna público que a Câmara Municipal, em reunião ordinária de 9 de Setembro de 1974, deliberou autorizar a venda ambulante em todas as localidades do concelho, de acordo com o disposto no Regulamento respectivo, à excepção da zona da vila de Sesimbra onde a venda só é permitida às sextas-feiras de tarde e sábados de manhã, no Largo confinante com as Ruas Amélia Frade, dos Industriais e Afonso d'Albuquerque, igualmente de acordo com o citado Regulamento, o qual será entregue aos interessados na Secretaria da Câmara durante as horas de expediente.

E para constar se publica este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do estilo.

Sesimbra e Paços do Concelho, 9 de Setembro de 1974.

O Presidente da Comissão Administrativa,

a) Aurélio de Sousa

COPYWRITER

Agência de Publicidade precisa de Copywriter para admissão imediata.

Resposta à R. D. Filipa de Vilhena, 4-5.º E. Lisboa-1, com curriculum, motivos de interesse pela profissão e ordenado pretendido.

ATENÇÃO TEM UM FIAT FAÇA A SUA REVISÃO NA FITAUTO

AVENIDA ELIAS GARCIA, 22-A — LISBOA-1
TELEFONES 76 23 55 - 76 01 13

AS TERÇAS-FEIRAS

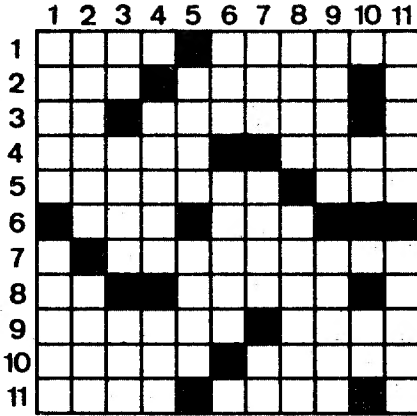


palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 10900

HORIZONTAIS:

- Jarro (planta). Amofinava.
- Possuir. Sinceros.
- Antigo Testamento. Abrigo.
- Imitação. Bai.
- Acorrentar. Freguesia do concelho de Amarante.
- Pedra de altar. Freguesia do concelho de Penafiel.
- Suavizadas.
- Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Fundador do Islamismo.
- Mais bom. Caruma.
- Pães de milho. Assassinar.
- Camareiras. Peça da armadura que descia da cintura até aos joelhos.



VERTICAIS:

- Acomete. Batel chato, sem leme nem vela e com duas proas levantadas.
- Recupera. Fendi.
- Viração. Preposição. Apologia.
- Circulam. Tens.
- Luz da Lua. Patrões.
- Mãe de Romulo e Remo. Cingir.
- Rio da Suíça. Nome de um mês. Cãhamo de Manila.
- Azáfama. Dançar o samba.
- Planta vivaz e medicinal. Alírio.
- Cloro (s.g.). Aqui.
- Jogo dianteiro das carretas de artilharia. Ecoara.

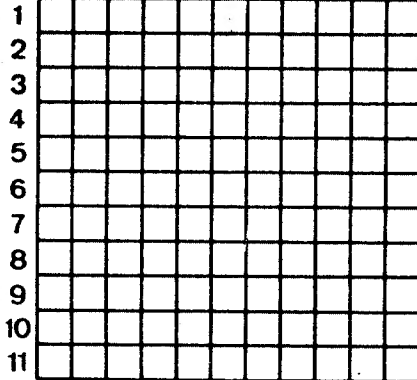
Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7058

HORIZONTAIS:

- Cidade da Polónia. Divisões de uma casa.
- Assim seja. Cidade do Japão.
- Oportunidades. Naipes das cartas de jogar.
- Amofina. Guarneceis de asas.
- Batráquio. Cais à cama.
- Nome científico do pato.
- Estimar. Ligue.
- Soma. Um dos pontos cardiais.
- Fendi. Rio de Itália. Fileira.
- Munir com asas. Vila e sede de concelho (Aveiro).
- Mulheres. Rio de França.



VERTICAIS:

- Figura que simboliza o povo americano. Rádio (s.g.). Canseiras.
- Desejara. Chama em socorro.
- Ventre materno. Poisai no mar (o avião).
- Deseja ardentemente. Procederá.
- Arrancara.
- Prefixo de privação. Letra grega.
- Crustáceo comestível.
- Velhas. Ósmio (s.g.).
- Calhaus. Empregava.
- Lavrai. inutilizar.
- O mesmo que peneira. Fizeira subir.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10899

HORIZONTAIS:

- Saborosa. DE.
- Atar. Ciaram.
- Laguna. Ama.
- Tio. Usarias.
- As. Anil. Ois.
- Caça. Aa.
- Olá. Ao. El.
- RUI. Aviva.
- Árabe. Ião.
- Aio. Adias.
- Cessar. Rs.

VERTICAIS:

- Saltador. CC.
- Atais. Lua.
- BAGO. Cairas.
- Uro. Aa. Mais.
- NUNCA. BOA.
- Ocasão.
- SI. AI.
- AA. PEVIDE.
- Raio. Liai.
- Damaia. Voar.
- Emassara. SS.

PROVÉRBO: De ruim bago nunca boa pevide.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7057

HORIZONTAIS:

- Sai. Amos. Na.
- Atralaria. Al.
- Ma. Mão. Cair.
- Oca. Mão.
- Sano. Ao.
- Amarem. Cá.
- Fa. Aderira.
- An. Rima. Asa.
- Loa. Luto.
- Assomara. At.
- Maio. Caruso.

VERTICAIS:

- Samos. Falam.
- Ataca. Anosa.
- Ir. Ana. Asi.
- Em. Omar. Oo.
- Alar. Adiam.
- Mão. Arem. AC.
- Or. Moera. Rã.
- Saca. Mi. Lar.
- Ara. Raus.
- Naia. Castas.
- Airosa. Aoto.

Televisão

HOJE

1.º Programa (22.15)

VENTOS DE FORTUNA

6.º episódio realizado por Viktors Ritelis e interpretado por Peter Gilmore e Ann Stallybrass.

2.º Programa

ARSÈNE LUPIN

O episódio desta noite intitula-se «O Mistério de Gesvres» com Georges Descrier e Roger Carel nos papéis principais.

SIEMENS ESTORIL

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa 1.º Período	1.º Programa 1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados «Bozo, o palhaço»	12.45 Abertura e desenhos animados «Pica-Pau»
13.00 Do médico para toda a gente	13.00 Encontro
13.15 O Mundo secreto de John Monro	13.45 Dick Van Dyck
13.45 Telejornal — 1.ª edição	13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Fronteiras do amanhã	14.00 Da saúde e da vida
14.20 Logo à noite	14.25 Logo à noite
14.25 Fecho	14.30 Fecho.
19.00 Curso de orientação de monitores da Telescola	2.º Período
19.30 Minijornal	19.00 Curso de monitores da Telescola
19.35 TV Juvenil	19.30 Minijornal
20.00 Vamos jogar no Totobola	19.35 TV Infantil
20.15 Artes e ofícios	19.45 Em foco
21.00 Telejornal — 2.ª edição	20.25 TV Palco
21.30 A Política é de todos	21.00 Telejornal — 2.ª edição
22.15 Ventos de fortuna	21.30 Antologia «A Ponte de Bruges»
23.15 O Teatro e as máscaras	23.00 Museu aberto
23.35 Telejornal — 3.ª edição	23.30 Telejornal — 3.ª edição
23.50 Fecho.	23.45 Fecho.
2.º Programa	2.º Programa
20.00 Abertura e desenhos animados	20.00 Abertura e desenhos animados
20.15 O Estranho Mundo de John Monro	20.10 Encontro
20.40 Do médico para toda a gente	20.25 Dick Van Dyck
21.00 Encontro com o Mundo «Venezia»	21.00 Os Clássicos do cinema
21.50 Arsène Lupin	22.30 Telejornal
22.40 Telejornal	23.00 Fecho.
23.15 Fecho.	

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

rádio

EMISSORA

1.º Programa

16.00 Noticiário, Música variada

16.05 Economia, Música variada.

16.45 Sindicalismo

17.20 Formação política, Música variada

18.00 Rádio estudantil

19.05 Programa infantil, Informação de trânsito, Música variada.

20.00 Jornal da noite

21.15 Miniteatro

21.30 Música variada

23.00 De um dia para o outro

23.30 Terceiro cinema, por António Faria, de um dia para o outro

00.00 (entrada do MF 1 de Lisboa), sinal horário

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio estudantil

00.00 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa

15.40 Concerto em mi maior, para violino e orquestra BWV 1042 (J. S. Bach)

16.00 Intercâmbio musical, Festival Internacional de Bergen de 1974 (em gravações cedidas pela Radiodifusão Norueguesa) Parte de um recital pelo pianista Kjell Baekkelund

16.33 Música coral sinfónica

17.05 O pianista Glenn Gould

17.45 Música de câmara

18.15 Três nocturnos de Chopin, pelo pianista Alexis Weissenberg

19.00 Dois concertos de Mozart

20.00 Jornal da noite

21.15 Concerto em ré maior (Manuel de Falla)

21.30 A ópera «Catarina Ismailova», (Shostakovich) comentada por Maria Helena de Freitas

00.35 O quarteto em ré maior, op. 76, n.º 2 (Joseph Haydn) pelo Quarteto italiano

01.00 Fecho.

Programa Estereofónico - MF 2

21.15 Música ligeira variada

22.00 Intercâmbio musical - a Biental musical de Zagreb 1973 (Em gravações cedidas pela Rádio e Televisão Jugoslava) 1.ª Parte: 8 Invenções (Miroslav Kabelec) - «Mistérios», para flauta e 6 instrumentos de percussão (Valentin Silvestrov)

22.38 No Intervalo: Duas Canções Alemãs (Haendel) pelo soprano Edith Mathis e um Conjunto de Instrumentos Barrocos

22.49 Intercâmbio musical — A Biental musical de Zagreb 1973 - 2.ª Parte: «Persephassa» (Yannis Xenakis)

23.20 Seis canções de Tchaikovsky.

23.45 O sexteto em ré maior op. 110 (Mendelssohn).

00.17 Música sinfónica: Obras de Sibelius

01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda Média

16.00 Noticiário

16.04 Programa CDC.

18.02 Programa movimento

20.40 Programa movimento - Rádio teatro «placard»

21.32 Quando o telefone toca

22.05 Antiquário

22.50 Quando o telefone toca.

23.05 Varatojo conta-lhe...

23.30 No mundo aconteceu.

02.00 A noite é nossa

06.00 Diário rural

07.00 Talismã.

Rádio Renascença

16.00 Noticiário

16.05 Radiorama

18.00 Diálogo

18.22 Palavra do Dia/No final-Terço e bênção da Basílica dos Martíres

19.00 (Jornal do serviço de noticiário e reportagens de Rádio Renascença)

19.30 Página 1

21.04 Meditando

21.08 Selector

21.30 Livros e leituras

21.45 Pentagrama

22.00 Quanto o telefone toca

22.30 Esquema 13

23.05 A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Graça

Das 06.00 às 11.00 e das 17.00 às 22.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 11.00 às 14.30

Clube Radiofónico de Portugal

Das 14.30 às 17.00

Rádio Peninsular

Das 22.00 às 02.00

Tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado a norte do sistema montanhoso Montejunto, Estrela e pouco nublado a Sul; o vento era moderado predominando de norte e havia nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO..... 15º

PENHAS DOUR. ... 8º

COIMBRA 16º

PORTALEGRE 15º

LISBOA 18º

FARO 23º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MÁXIMA

Beja 32,0º

MÍNIMA

Fig. Cast. Rodr. ... 5,1º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 14,3º

Atmosfera..... 17,8º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR

BAIXA-MAR

4.24 3,9 m 9.59 0,9 m

16.38 4,0 m 22.15 0,8 m

DIA 3

4.52 3,9 m 10.30 0,8 m

11.07 4,0 m 22.46 0,8 m

DIA 4

5.20 3,9 m 11.04 0,8 m

17.36 3,9 m 23.20 0,9 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

A norte do sistema montanhoso Montejunto, Estrela céu geralmente pouco nublado; vento fraco; chovia em alguns locais. A Sul do referido sistema céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

AMANHÃ

NAScer AS 7.33

OCASO AS 19.18

DIA 8 DIA 15 DIA 23 DIA 31

NACIONAL



REMANESÇA GRÁFICA, S.A. R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º e 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 12363
LISBOA, PORTUGAL



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO e CULTURA

Secretaria de Estado dos Assuntos Culturais
e Investigação Científica

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS AVISO

Devido a anomalias de organização ocorridas na digressão por diferentes países da Europa da Companhia THE DANCE THEATRE OF HARLEM, e também por motivo de acidentes sofridos por artistas do elenco, torna-se impossível a realização dos espectáculos pela mesma Companhia, programados pelo Teatro Nacional de S. Carlos.

Na inviabilidade de substituição por um conjunto de categoria comparável, proceder-se-á ao reembolso da importância dos bilhetes vendidos, mediante a sua devolução. Para o efeito, a bilheteira do Teatro estará aberta a partir do dia 7 do corrente, funcionando das 13 às 19 horas com excepção dos dias indicados nos bilhetes que funcionará até às 22 horas.

A bilheteira do Coliseu dos Recreios procede ao reembolso da importância dos bilhetes vendidos para as réctas da Companhia The Dance Theatre of Harlem programados para aquela casa de espectáculos.

PAIS NOVO
REORGANIZACAO = FILEME⁴
ADMINISTRATIVA

4.º ANIVERSÁRIO DA INTERSINDICAL "DOMINGO HÁ TRABALHO" ● "slogan" dominante no comício de Lisboa

Trabalhadores portugueses! Na data em que a Intersindical comemora quatro anos de existência não posso deixar de salientar que mais de três foram vividos em condições extremamente difíceis sob o regime fascista. Não obstante isso, a classe trabalhadora desenvolveu uma luta que muito contribuiu para a criação das condições necessárias ao derrubamento do fascismo. No momento em que as Forças Armadas e o povo português acabam de vencer uma difícil prova no caminho democrático exorto os trabalhadores portugueses para que dentro da ordem democrática estabelecida contribuam para a reconstrução da nossa Pátria. Daqui faço um apelo para que comemoremos a vitória sobre a reacção com uma jornada nacional de trabalho no próximo domingo. Viva Portugal.

Foi com estas palavras que o Primeiro-Ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, se dirigiu aos trabalhadores que encheram o Campo Pequeno para comemorar o quarto aniversário da Intersindical. Sendo materialmente impossível ao Chefe do Governo deslocar-se a esse recinto, substituiu a sua presença física com o envio de uma nota pessoal recebida com aplausos pelos trabalhadores e repetição do «slogan» que dominou o comício: «Domingo há trabalho! Domingo há trabalho!»

O Secretariado da Intersindical, teve à sua volta o ambiente que certamente mais desejava: uma praça repleta de público, vivacidade e entusiasmo por parte dos trabalhadores e manifestação de que a classe operária está disposta a prosseguir a luta, fortalecendo o que a une e minimizando o que a desune, como foi acentuado no decurso da sessão.

Representações numerosas dos Sindicatos dos Médicos, Farmacêuticos, Escritórios, Professores, Bancários, Ferroviários, Caixeiros, Metalúrgicos, Electricistas e muitos outros viam-se por todo o lado. Dísticos espalhavam-se pela praça: «Viva a classe trabalhadora», «Unidade Povo-M.F.A.», «Não à sabotagem dos latifundiários», «Direito ao trabalho! Não aos despedimentos». Ouviram-se «slogans» apropriados ao momento político e, em grande parte, repetição dos que haviam animado a manifestação popular da véspera entre os palácios de S. Bento e Belém: «Fascista, escuta: o povo está em luta» e «Soldado amigo, o povo está contigo».

Enfim, a Intersindical que agrupa, neste momento, 217 sindicatos e dois milhões de trabalhadores viveu em festa o seu quarto aniversário, com a participação de uns dez mil trabalhadores, a mensagem do Primeiro-Ministro e a presença do ministro do Trabalho, capitão Costa Martins e do secretário de Estado, dr. Carlos Carvalhas.

EMPRESAS NÃO CUMPREM OS CONTRATOS COLECTIVOS DE TRABALHO

O comício começou cerca das 22 horas.

Falou em primeiro lugar Jerónimo Carvalho de Sousa, representante do Sindicato dos Metalúrgicos que dirigiu um ataque ao capital reacção nomeadamente ao que no sector metalúrgico tem encerrado fábricas, despedimento de trabalhadores e recusado cumprir as obrigações resultantes de contratos colectivos de trabalho.

Especificamente quanto aos contratos colectivos, o dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos lançou um alerta ao Governo contra o Grémio dos Metalúrgicos do Norte que tem violado directamente o Programa do Movimento das Forças Armadas, nomeadamente ao oficiar aos seus filiados para não cumprirem o contrato colectivo. Segundo disse, só no Norte do País há 150 empresas que recusam cumprir os contratos pelo que, disse, «é urgente proceder a inquéritos a estas situações».

Concluiu dizendo:

«Forcemos a criação de um País novo onde os nossos filhos possam viver decentemente».

Em segundo lugar, ouviu-se João Manuel Ribeiro da Silva, dirigente dos electricistas. Atacou as multinacionais («Ventos» que sugam as riquezas nacionais para as transportarem para a casa mãe, na sua pátria imperialista») e apelou para que o Governo Provisório e o futuro Governo que sair das eleições livres se orientem por uma política que torne Portugal menos dependente dessas empresas multinacionais e do capitalismo imperialista que elas representam.

Ezequiel Lino, do Sindicato dos Bancários traçou a história da sua organização sindical nos últimos anos e mostrou que o caminho a seguir na actualidade é o que conduz ao reforço das conquistas demo-

cráticas dos trabalhadores.

Falou:

«Na altura em que a P.I.D.E. perseguia os dirigentes do Sindicato, pretensos representantes dos trabalhadores acusavam-nos de colaboracionismo com o corporativismo. Hoje, ninguém pode negar as vitórias alcançadas. Uma das mais importantes foi a consciência de classe e a solidariedade e entendimento entre os diversos sectores do mundo do trabalho. Só os cegos podem negar que o principal inimigo dos trabalhadores é o grande patronato. Mas hoje ele já não é defendido por um Governo fascista. E a Intersindical, ciente disso, virou o grosso das suas forças contra os monopólios e a reacção e fez frente comum com o Governo Provisório e com o Movimento das Forças Armadas para a consolidação das conquistas democráticas. Este é o caminho certo. Temos controlado os actos de sabotagem económica feita pelos banqueiros ou através dos bancos e estaremos no próximo domingo, no dia de trabalho, a responder à sugestão do Primeiro-Ministro».

Concluiu dizendo:

«Que o próximo domingo constitua uma grande jornada de trabalho, vitória e alegria».

A multidão que enchia a Praça do Campo Pequeno respondeu-lhe como respondera já noutras ocasiões com o grito que está a generalizar-se: «Domingo há trabalho!»

Seguiram-se outros oradores, Francelina da Silva, do Sindicato dos Têxteis, Nelson Ferreira Alves, do Sindicato dos Gráficos, Jerónimo Gomes, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Adérito Catalão, do Sindicato dos Motoristas.

Adérito Catalão descreveu pormenorizadamente a participação dos motoristas de todo o País na luta contra a realização da «manifestação-burla» aprazada para sábado passado, para defender, depois, a unidade total dos sindicatos numa central única. Acentuou:

«A criação de outras centrais sindicais que não a Intersindical é uma manobra reacçãoária que traduz o pavor da

burguesia face aos avanços da classe operária para uma sociedade livre da exploração».

Foram, depois, lidas mensagens de C.G.T. francesa, da Confederação Internacional de Sindicatos Livres, da Confederação Mundial do Trabalho, um delegado da Federação Sindical Mundial dirigiu a palavra aos trabalhadores portugueses, ao encerrar este comício comemorativo do quarto aniversário da Intersindical exortando-os a lutarem no seu dia-a-dia e saudando-os pela vitória alcançada sobre a reacção.

PARA O PROGRESSO DA NAÇÃO

Da Secretaria de Estado do Trabalho recebemos, através do Ministério da Comunicação Social, um comunicado em que é salientado «o papel positivo que os sindicatos, a Intersindical e de uma forma geral amplas camadas das massas trabalhadoras tiveram na denúncia da manobra reacçãoária».

Relativamente à comunicação que o Primeiro-Ministro fez ao País na noite de domingo e em que sugeriu a celebração da vitória do Movimento das Forças Armadas e do povo com um dia de trabalho, no próximo domingo, dia 6, essa nota sublinha o seguinte:

«Trata-se de «no trabalho demonstrar que o povo português está de facto interessado, verdadeiramente, no progresso da Nação».

Secundando a sugestão do Primeiro-Ministro, a Secretaria de Estado do Trabalho apela para a classe trabalhadora para que no próximo domingo, em todas as empresas, nos campos, por toda a parte, se faça voluntariamente um dia de «trabalho normal, festejando a vitória alcançada e o Movimento das Forças Armadas através do trabalho produtivo com vista à criação de condições que consolidem e permitam o avanço do processo democrático, o cumprimento do Programa do Movimento das Forças Armadas e a melhoria de nível de vida do povo português».

ARRANCOU OS BOTÕES AO POLÍCIA

António Mata, motorista de táxi, foi detido esta madrugada, na Avenida Fontes Pereira de Melo, depois de ter chamado fascistas a um agente da P. S. P. e a uma senhora condutora de um carro que momentos an-

tes chocara com o seu ao tentar fazer marcha atrás.

O motorista é ainda acusado de ter tentado agredir o polícia a quem arrancou dois botões da farda.

20 fotografos
da Imprensa
contam como foi
o 25 de Abril

PORTUGAL
LIVRE

(de novo à venda)

editorial
O SÉCULO

Povo livre

SEMANÁRIO DO

Partido Popular Democrático

A SOCIAL DEMOCRACIA PARA PORTUGAL